Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Larissy Barbosa Borges

Entre sons, aromas e sabores
As feiras em Goiânia: história, referência cultural e hibridação entre o moderno e o tradicional

Rio de Janeiro

2013

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Larissy Barbosa Borges

Entre sons, aromas e sabores
As feiras em Goiânia: história, referência cultural e hibridação entre o moderno e o tradicional

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural.
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Carla Arouca Belas
Coorientadora: Msc. Maíra Torres Corrêa

Rio de Janeiro
2013

O objeto de estudo dessa pesquisa foi definido a partir de uma questão identificada no cotidiano da prática profissional da Superintendência do IPHAN em Goiás.

B732e Borges, Larissy Barbosa.
Entre sons, aromas e sabores: as feiras em Goiânia: história, referência cultural e hibridação entre o moderno e o tradicional / Larissy Barbosa Borges – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2013.

175 f.: il.

Orientadora: Carla Arouca Belas

Dissertação (Mestrado) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2013.

1. Patrimônio Cultural Imaterial. 2. Preservação – Referência Cultural. 3. Goiânia – Feiras. 4. Goiânia – História. I. Belas, Carla Arouca. II. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). III. Título.
CDD 306.40981

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Larissy Barbosa Borges

Entre sons, aromas e sabores
As feiras em Goiânia: história, referência cultural e hibridação entre o moderno e o tradicional

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural.

Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 2013.

Banca Examinadora

_____

Professora Dra. Carla Arouca Belas (orientadora) – PEP/MP/IPHAN

_____

Ms C. Maíra Torres Corrêa (coorientadora/supervisora) – Superintendência do IPHAN em Goiás

_____

Professora Dra. Ana Carmen Amorim Jara Casco – PEP/MP/IPHAN

_____

Professora Dra. Renata de Sá Gonçalves – Universidade Federal Fluminense

Aqueles que sempre acreditaram em mim...

Meus pais, meu exemplo e alento.

Agradecimentos

A aproximação com as feiras e os feirantes me trouxe o aprendizado de que na vida é muito mais compensador fazer o que gostamos independente do que se ganha, sendo essencial um fazer com determinação, dedicação e alegria. Assim, não poderia deixar de agradecer todos os feirantes; sem vocês minha pesquisa nunca se concretizaria.

Além de dedicar a eles este trabalho, também registro meu agradecimento aos meus pais, Marta e Eugênio por tudo que já fizeram por mim, graças a vocês adquiri a formação necessária para produzir esta dissertação. Obrigada Theyssa, Christiane e Pedro Augusto, meus amados irmãos, sei que nada é possível sem o apoio de vocês.

Túlio, obrigada pelo companheirismo e paciência. Com você, aprendi que tudo fica mais fácil quando temos alguém especial para entender o que fazemos e ainda nos acompanhar em atividades que nem sempre gostamos. Obrigada por usar os seus sábados para me acompanhar nas visitas as feiras.

A Superintendência do IPHAN em Goiás, obrigada pelo aprendizado e crescimento profissional. Aprendi com vocês que o trabalho fica mais fácil na presença de bons colegas e amigos. Agradeço a todos que estão ou passaram pelo IPHAN-GO durante o tempo que ai estive. De certa forma, o conhecimento, trabalho e experiência de vocês, com a preservação do patrimônio cultural, colaboraram muito com a conclusão deste trabalho.

A minha orientadora Carla Arouca Belas, por ter se disposto a orientar uma dissertação de mestrado à distância, enquanto também finalizava sua pesquisa e tese de doutorado. Reconheço o enorme acréscimo que deste ao meu trabalho.

Aline Di Salvo, por ter mostrado que não precisa ter nascido e crescido na cidade para entender os seus elementos e sentidos; sugerindo assim, a ideia que originou essa pesquisa. Maíra Torres Corrêa, que de supervisora e co-orientadora, tornou-se amiga; agradeço-lhe pelos ensinamentos, contribuições e incentivo.

Agradecimento a dois importantes sujeitos da história de Goiânia, Bariani Ortêncio e Hélio de Oliveira, os quais tive a honra de conhecer, conversar, entrevistar e acima de tudo admirar. Com as imagens fotográficas de Seu Hélio de Oliveira e as histórias contatas por Bariani Ortêncio pude voltar ao tempo e vislumbrar uma Goiânia que só conhecia através da

memória de meus avós. As narrativas de cada um foram essenciais na construção da história das feiras goianienses.

Obrigada às pessoas que pararam suas atividades e mesmo com pouco tempo puderam atender minha solicitação de entrevista: Salma Saddi (Superintendente do IPHAN em Goiás), José Sebba Junior (Secretário Municipal de Desenvolvimento Econômico), Joaquim Jayme (Secretário Municipal de Cultura) e Decio Coutinho (Superintendente Executivo e Gestor Cultural da Secretaria do Estado da Cultura).

Agradeço aos funcionários que me atenderam na pesquisa documental nos seguintes arquivos da cidade: Museu da Imagem e do Som de Goiás (MIS), Centro de Documentação da Organização Jaime Câmara, Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e Arquivo Histórico Estadual de Goiás.

Um enorme reconhecimento ao trabalho realizado pela COPEDOC à frente da coordenação do Programa de Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural do IPHAN. Sem vocês nada disso poderia se concretizar. Obrigada aos professores e colegas de mestrado. As discussões em sala de aula, nos corredores do Capanema, nos barzinhos da Lapa, as visitas técnicas, palestras e seminários, foram essenciais para que eu traçasse as teorias e práticas que embasariam esta pesquisa.

RESUMO:

A presente pesquisa teve como objetivo central a identificação dos valores culturais existentes nas feiras livres e especiais de Goiânia. Entre os sons, aromas e sabores das feiras, selecionadas para pesquisa de campo, buscou-se encontrar se elas possuem importância cultural e configuram-se como referência cultural dos goianienses. A análise foi realizada através dos novos sentidos que as feiras produzem nos espaços públicos da cidade. Concomitante a isto, foi feito um levantamento histórico das primeiras feiras de Goiânia e apreciação das feiras especiais como representantes do fenômeno de "hibridação cultural" entre o moderno e o tradicional, revelando mais uma vez na história das cidades, a capacidade de reinvenção que as feiras possuem.

Palavras-chave: Feiras, Goiânia, referência cultural, tradicional e moderno.

ABSTRACT:

This research had as objective the identification of central cultural values existing in free and special fairs of Goiânia. Between the sounds, aromas and tastes of fairs, selected for field research, he has been trying to find out if they have cultural importance and constitute itself as the cultural reference of the goianienses. The analysis was carried out through the new directions that produce fairs in public spaces. Concomitant to this, was made a historical survey of the first fairs of Goiânia and assessment of special fairs as representatives of the phenomenon of "cultural hybridization" between the modern and the traditional, revealing once again in the history of cities, the ability of reinvention that fairs have.

Keywords: fairs, Goiânia, cultural reference, traditional and modern.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

Capítulo I - *Quando conhecemos a cida*de. Goiânia: História e a convivência com suas feiras

1. HISTÓRIA 20

1.1. Goiânia missionária da modernização e do progresso. 20

2. GOIÂNIA E AS FEIRAS 32

2.1. Traçando a história das feiras em Goiânia 32

2.2. Goiânia convivendo com as feiras 56

Capítulo II – *Quando se observa a cidade.* Pesquisando: a cidade, o espaço público e o hibridismo cultural das feiras especiais.

1. A PESQUISA 66
2. A CIDADE EM OBSERVAÇÃO 68
3. A RELAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO E AS FEIRAS 78
4. A HIBRIDAÇÃO DO TRADICIONAL E DO MODERNO NAS FEIRAS DE GOIÂNIA 87

4.1. As feiras especiais de Goiânia: um patrimônio cultural transformado? 94

Capítulo III – *Quando se identifica as referências culturais da cidade.* As feiras pesquisadas, referência cultural e o poder público.

1. AS FEIRAS PESQUISADAS 99

1.1 . As Feiras Especiais 99
1.2 . As Feiras Livres 113

2. AS FEIRAS DE GOIÂNIA: REFERÊNCIA CULTURAL DOS GOIANIENSES 116

3. AS FEIRAS: IDENTIFICANDO REFERÊNCIAS CULTURAIS 120

3.1 . Os valores culturais existentes nas feiras, segundo os goianienses. 120
3.2 . A importância das feiras de Goiânia, segundo o poder público. 142

Considerações Finais 153

Anexos 156

Bibliografia 172

INTRODUÇÃO

Com a vivência na Superintendência do IPHAN em Goiás, na qual auxiliei e realizei trabalhos durante os dois anos em que estive vinculada a instituição pelo Programa de Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural, foi possível inteirar-me sobre as questões teóricas e práticas que envolvem a preservação do patrimônio cultural imaterial. A partir disso, surgiu o interesse de estudar algum bem cultural que se configurasse como patrimônio imaterial de Goiânia; especialmente após identificar que a mesma Superintendência ainda não havia realizado trabalhos que seguissem essa linha.

Fazendo um rápido passeio pelas ruas de Goiânia, capital do estado de Goiás desde 1935, é praticamente impossível não encontrar uma feira acontecendo em um dos espaços públicos da cidade. Os goianienses contam com uma variedade e número considerável de feiras, onde fazem compras, passeiam, caminham, conversam, comem e se divertem. Atualmente, algumas feiras de Goiânia, tais como a Feira Hippie, a Feira da Lua e a Feira do Sol, tornaram-se um dos principais atrativos turísticos da cidade. Para muitos visitantes, a imagem da cidade está intrínseca as suas feiras.

As feiras de Goiânia são hoje, uma das grandes referências da cidade no âmbito nacional e internacional. Algumas feiras representam a permanência de aspectos da cultura tradicional popular dentro de um contexto urbano que se transforma a cada dia, e outras mostram a mistura de algumas características consideradas tradicionais com outras modernas. As feiras encontram-se entre as celebrações e manifestações culturais mais tradicionais existentes em Goiânia. A capital goiana incorporou à culinária, a música, os costumes e crenças do próprio estado de Goiás, porém o hábito de frequentar as feiras foi adquirindo suas peculiaridades na cidade.

Espalhadas por quase todos os bairros de Goiânia, as feiras revezam todos os dias da semana, comercializam diversos produtos, movimentam a economia da cidade, são forte atrativo turístico, recebem frequentadores de todas as classes sociais, são espaços democráticos, cheios de aromas, cores e sabores típicos da cultura popular, uma das práticas sociais mais tradicionais da história das cidades e que sempre esteve presente na história da capital goiana.

Ao longo dos seus 79 anos, Goiânia passou por várias alterações na sua estrutura urbana, espaços foram modificados, novos espaços surgiram, deixaram de existir ou simplesmente foram reinventados. Em meio às rápidas transformações, as feiras surgiram e continuam a fazer parte constantemente do cenário urbano goianiense e permanecem sendo uma prática social que permite, num mesmo espaço, a inserção de grupos socialmente distintos e a garantia da permanência de ofícios artesanais e saberes tradicionais.

No decorrer da história de Goiânia, as feiras foram estabelecendo relações econômicas, sociais e culturais com a cidade. Nesse sentido, vimos à importância de ouvir o goianiense para tentar compreender parte dessas relações. Assim, selecionamos como objeto de pesquisa as feiras de Goiânia enquanto referência cultural da cidade. Procuramos olhar essas feiras como espaços que podem ser "patrimonializados", já que são lugares que se constroem culturalmente, a partir dos significados e valores que estes possuem para a sociedade goianiense.

A pesquisa propõe uma reflexão sobre as feiras de Goiânia como referência cultural da cidade. Os limites temporais escolhidos abrangem o período de construção e formação de Goiânia nos anos 30 (momento de surgimento das primeiras feiras) até os anos atuais (realidade atual das feiras). Esclarecemos que não se trata de uma reconstrução histórica com todos os detalhes da cidade com suas feiras, mas sim em resolver um problema e fazer uma análise de um objeto de natureza histórica e temática específico.

Assim, foi necessário realizar uma ampla pesquisa histórica das feiras de Goiânia, pois consideramos que seria importante para, além de auxiliar na identificação dos valores culturais e simbólicos existentes nas feiras, encontrar as mudanças que estas passaram no decorrer das transformações ocorridas na cidade. Para levantar informações sobre a história das primeiras feiras de Goiânia - quais foram, onde se localizavam, por que desapareceram, como eram e quais permaneceram -, foram realizadas pesquisas nos arquivos da cidade, livros históricos e entrevistas com antigos moradores[1].

No decorrer da pesquisa trabalhamos com duas categorias de feiras: Feiras Livres e Feiras Especiais. Essas categorias são as mesmas convencionadas e utilizadas pela Prefeitura de Goiânia para caracterizar os tipos de feiras existentes na cidade. As Feiras Especiais são aquelas que comercializam diversos tipos de produtos: comidas variadas, produtos naturais,

[1] A investigação da história dessas feiras foi através da leitura bibliográfica, de documentos institucionais, como as primeiras edições do Jornal O Popular, e ouvindo relatos de antigos moradores e feirantes

objetos artesanais, calçados, vestuário, obras de arte (telas, esculturas, imagens sacras etc.), animais domésticos, mobiliário, tapeçaria, artigos de decoração, utensílios domésticos, produtos de cama mesa e banho, produtos místicos e importados etc. Dentre elas estão: a Feira Hippie, da Lua, do Sol, das Nuvens, do Cerrado, dos Namorados, dos Amigos, do Jacaré, da OVG[2], etc.

As Feiras Livres são as tradicionais feiras hortifrutigranjeiras. As mais antigas e que mais sofrem pressão por causa das mudanças de mercado, no espaço público da cidade e nos costumes da população. Elas, geralmente, acontecem no período matutino, e a maioria leva o nome do bairro onde se estabelecem, como por exemplo: Feira da Vila Nova, Feira da Fama, Feira do Setor Centro-Oeste, Feira Jardim América, Feira Cidade Jardim, Feira do Novo Horizonte, Feira Goiânia II, Feira Pedro Ludovico, Feira Jardim Vera Cruz etc.

As feiras podem ser reconhecidas como patrimônio cultural pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) através do Decreto 3.551 de 2000, que instituiu o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro. Dentre as categorias de patrimônio imaterial criada pelo Decreto, as feiras podem se caracterizar como "Lugares" e passam a ser registradas no Livro de Registro de Lugares, no qual são inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas. Ressalta-se que o segundo registro na categoria de lugar foi da Feira de Caruaru (PE) no ano de 2006.

O IPHAN realizou dois INRCs (Inventário Nacional de Referências Culturais) que identificaram os bens culturais existentes em algumas feiras no Brasil: o Inventário da Feira de Caruaru (2006) e o Inventário das Feiras Permanentes do Distrito Federal (2007). Nos dois casos foi feito um levantamento histórico das feiras e um inventário de seus bens culturais, identificando os rituais, festas e celebrações, saberes tradicionais, artesanatos variados e especiais presentes nesses locais. Esses dois trabalhos serviram de referência no que diz respeito a percepção do valor cultural e social dessas feiras para suas cidades. Atualmente, está em andamento no Iphan, dois INRCs que objetivam identificar, documentar e registrar sistematicamente as referências culturais de duas feiras importantes patrimonialmente para o Brasil, a Feira de São Cristovão no Rio de Janeiro e o Complexo Ver-o-Peso em Belém-PA.

---

[2] A Feira acontece, na rua, em frente à sede da Organização das Voluntárias de Goiás. Rua T-14, n° 249, Setor Bueno

As feiras em Goiânia, assim como as feiras espalhadas pelas outras cidades são espaços sociais, nos quais ocorre troca de experiências humanas. O espaço é determinante na formação de identidades, que são oriundas da relação entre o sujeito e o espaço exterior. Baseando-se no pensamento de Michel De Certeau (1994) e Marc Augé (2010) [3], entendemos que o espaço é um lugar praticado e a relação do homem com os espaços em que ele vive, possibilita o surgimento de práticas e representações sociais, modos de viver, costumes, tradições, referências culturais etc.

Assim, as feiras são espaços repletos de conteúdos, símbolos e valores culturais que são sentidos, vivenciados e capazes de transformá-las em lugares. Elas são espaços oriundos das relações sociais e carregam testemunhos cheios de informações de tempos passados; testemunhos estes que contam histórias dos grupos (feirantes e frequentadores) que ali convivem. Essas feiras são dotadas de valores simbólicos o que lhes garante a característica de um "lugar", um espaço humanizado. Compreendemos que o lugar é um espaço cheio de significados que se reúnem na memória social do grupo que nele vive. E a memória é capaz de armazenar e registrar o "vivido" sendo que isso permite a construção das referências culturais as quais caracterizam determinados grupos sociais.

As feiras funcionam como "lugares de memória", pois elas conservam memórias, as quais são afetadas, a cada dia, pelo excesso de cobrança que o sistema moderno e econômico impõe sobre o crescimento urbano. As relações socioculturais existentes nas feiras de Goiânia foram reconstruídas através da combinação dessas memórias com as práticas sociais atuais, ocorrendo assim uma mistura cultural, ou o que Nestor Garcia Canclini (2006) denomina de "hibridação cultural", que foi capaz de reconstruir as feiras e configurá-las da maneira que estão hoje.

Portanto, o nosso problema consistiu em entender a maneira como o goianiense "enxerga" as feiras da sua cidade, em que sentido as narrativas oficiais e sociais civis compreendem e percebem a importância cultural das feiras para a cidade de Goiânia? Procuramos entender a maneira como o goianiense "enxerga" as feiras da sua cidade, se elas

---

[3] Os dois autores traçam uma distinção entre lugar e espaço. Para De Certeau o espaço é "um cruzamento de móveis", um "lugar praticado". Sem a mobilidade, não haveria espaço, haveria apenas lugares fixos e imutáveis. É ele quem lança a noção de não-lugar, retomado pelo antropólogo Marc Augé. O que diferencia o pensamento dos dois autores é que para Augé a mobilidade não cria espaços, mas "não lugares", uma vez que transforma os lugares em locais de passagem e de trânsito, efêmeros e provisórios, em que se deslocar é antes atravessar o espaço e suas próprias fronteiras.

são vistas por eles como uma referência cultural para Goiânia e se a prática de frequentar feiras é algo presente em seus costumes.

No entanto, a presente pesquisa não visa fazer um inventário das feiras de Goiânia, o nosso objetivo principal consistiu em compreender qual a importância e os valores simbólicos são atribuídos pelos goianienses às feiras da capital goiana, sejam eles feirantes, frequentadores, moradores e administradores da cidade. Assim, partimos para a análise e contraposição das narrativas oficiais e sociais civis sobre essas feiras. A pesquisa veio para levantar questões sobre esses espaços para assim subsidiar possíveis inventários e ações do poder público.

A pesquisa também procurou: identificar os valores culturais existentes nas feiras selecionadas para pesquisa de campo; realizar levantamento histórico das primeiras feiras que surgiram em Goiânia; colacionar a visão civil e do poder público sobre as feiras de Goiânia; observar a ocupação do espaço público pelas feiras e a mudança de sentido que estas promovem nesses espaços, transformando-os em "lugares"; analisar as transformações ocorridas nas feiras em Goiânia como consequência de "hibridação cultural" entre o moderno e tradicional e; identificar se as feiras se configuram como uma das referências culturais de Goiânia e são passíveis de políticas de valorização patrimonial.

Todavia, como seria impossível fazer um estudo etnográfico para analisar em profundidade "todas" as feiras existentes na cidade de Goiânia no curto espaço de tempo de um programa de mestrado, selecionamos cinco feiras para realizar a pesquisa de campo.

As feiras escolhidas para realizar a pesquisa de campo foram duas feiras livres e três especiais. O critério de escolha para as feiras livres foi o tempo de permanência das mesmas na cidade, por isso, selecionamos a Feira Dom Bosco e a Feira do Setor Centro Oeste (conhecida popularmente como Feira do Setor Funcionários). Essas feiras estão localizadas em bairros pioneiros da cidade de Goiânia e suas origens remetem-nos a década de 1940. Elas acompanharam as transformações ocorridas nas principais regiões comerciais de Goiânia, e mesmo assim, permanecem em espaços de grande movimentação e conseguem sobreviver recebendo um grande número de frequentadores.

O critério de escolha para duas feiras especiais, a Feira da Lua e a Feira Hippie, se manteve no fato de serem as duas feiras mais frequentadas em Goiânia, tanto pelos turistas quanto pelos próprios goianienses. Essas duas feiras também foram, junto com a Feira do Sol, as dianteiras das feiras especiais; a partir delas que outras feiras dessa categoria surgiram na

cidade. A Feira da Lua e a Feira Hippie transparecem também a mistura entre aspectos tradicionais e os modernos, uma das principais características existentes nas feiras especiais da cidade.

A terceira feira especial selecionada para a pesquisa de campo foi a Feira do Cerrado. Esta escolha não partiu do critério de maior frequência, mas sim por esta ser uma feira peculiar. A Feira do Cerrado ocorre todos os domingos pela manhã, é a única feira da cidade que atualmente não conta com a fiscalização e acompanhamento da Prefeitura através da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico (SEDEM). Ela é uma feira de administração particular, porém o que a difere das demais feiras especiais da cidade é o fato de tentar manter uma das características mais tradicionais existentes nas feiras e que vem se perdendo cada dia mais, a produção artesanal. Aos feirantes é permitida somente a exposição de artesanato, que é produzido em grande parte com matéria-prima extraída do bioma típico da região, o cerrado.

Cabe esclarecer, que cada uma dessas feiras configuram-se por si só como um rico objeto de pesquisa, porém, a intenção do trabalho não era o de selecionar uma feira como a mais importante econômica e socialmente para a cidade. Os goianienses não são unânimes ao colocar uma feira em destaque. Durante a pesquisa, ao indagá-los sobre qual feira eles consideravam a mais importante para a cidade, as respostas foram bastante diversas. Porém, o que foi possível constatar, é que a preferência entre as feiras livres são pelas mais próximas de casa, já a procura pelas feiras especiais está bastante relacionada com qual produto se procura e com a intenção de ida até a feira; às vezes apenas para comer algo, levar as crianças para passear, encontrar alguém, conhecer pela primeira vez determinada feira etc.

Assim sendo, a questão da pesquisa não se movimenta em torno da materialidade das feiras pesquisadas, mas no costume do goianiense de frequentá-las. Para identificar os valores simbólicos existentes nessas feiras, perceber se elas possuem importância cultural para os goianienses e realizar o levantamento histórico, a pesquisa consistiu na busca de dados primários – investigação documental e entrevistas. Nelas foram aplicados os mesmos métodos de pesquisa, feitas as mesmas observações, questionamentos e análises.

Os procedimentos consistiram em: pesquisa documental em arquivos privados e públicos, pesquisas indicativas e de observação (cinco visitas em cada uma das feiras selecionadas para pesquisa de campo); entrevistas gravadas e transcritas com gestores,

feirantes, frequentadores e moradores; aplicação de questionários para alcance de informações qualitativas dos moradores sobre as feiras de Goiânia.

Considerando que o foco da pesquisa incide sobre a dinâmica social estabelecida e produzida pelos feirantes/trabalhadores e frequentadores no espaço das feiras e como estas se relacionam com a cidade de Goiânia, a pesquisa de campo se concentrou sobre essa realidade. Portanto, todos os métodos utilizados para atingir os objetivos da pesquisa tiveram a intenção de identificar as práticas e representações sociais, dentro do "lugar" produzido pelas feiras selecionadas para o estudo de caso.

Para identificar a percepção sobre a importância cultural das feiras tanto para a opinião e o poder público sobre as feiras de Goiânia, além das entrevistas com moradores e frequentadores das feiras, realizamos entrevistas com alguns representantes do governo local que estão ligados diretamente à fiscalização das feiras na cidade como, o Secretário Municipal de Desenvolvimento Econômico José Sebba Júnior, além de autoridades ligadas a gestão da cultura no município e estado, como o Secretário Municipal de Cultura Joaquim Jayme, o Superintendente Executivo e Gestor Cultural da Secretaria do Estado da Cultura Décio Coutinho e a Superintendente do IPHAN em Goiás Salma Saddi. O objetivo dessas entrevistas foi de investigarmos a visão do poder público no que diz respeito à importância cultural das feiras de Goiânia.

As páginas que trazemos a seguir apresentam a cidade de Goiânia através de suas feiras. Com a realização do trabalho de identificação dos valores culturais existentes nas feiras de Goiânia, esperamos contribuir para a percepção das feiras como um dos elementos identitários da cidade de Goiânia. Propomo-nos nessa dissertação a analisar as feiras de Goiânia por uma perspectiva histórica e cultural. Assim, confiamos que seja utilizado de base para que outros trabalhos científicos se interessem por compreender melhor o universo das feiras e a relação existente entre elas e a capital goiana. Seria enriquecedor que novos aspectos e apreciações sejam acrescidos ao tema que não se esgota aqui, em verdade, apenas iniciamos os estudos. Esperamos, ainda, que a pesquisa contribua para ampliar a percepção do poder público local sobre a importância das feiras e dos feirantes para a cultura e a história do goianiense, influenciando a formulação de políticas voltadas à preservação e valorização desse bem cultural.

Deste modo, estruturamos a escrita do trabalho da seguinte maneira: o primeiro capítulo - *"Quando conhecemos a cida*de. Goiânia: História e a convivência com suas feiras"

- retoma a história de construção e formação da cidade de Goiânia, mostrando como a imagem de modernidade e progresso sempre esteve vinculada a cidade. Foi nesse cenário, que o moderno e o tradicional conviveram e convivem se misturando desde o início da cidade, foi nele também que as feiras surgiram, foram estabelecendo relações e dando novos sentidos e usos a alguns espaços públicos. O capítulo "traça" a história das feiras de Goiânia, nele reconstruímos parte da memória e da história das primeiras feiras que surgiram na capital goiana. Todo levantamento histórico a respeito da localização e de como apareceram às pioneiras feiras da cidade foi explicitado neste capítulo. O capítulo traz, também, informações sobre como a cidade convive, atualmente, com suas feiras.

No segundo capítulo – "*Quando se observa a cidade*. Pesquisando: a cidade, o espaço público e o hibridismo cultural das feiras especiais" – explicitamos as teorias que embasaram esta pesquisa. Neste momento descrevemos como foi realizada a pesquisa de campo e nos detemos na compreensão da relação estabelecida pela cidade, seus espaços públicos e as feiras. Conceituamos, também, um dos elementos comuns à modernidade, a combinação cultural, ou "hibridação cultural". Sendo feito isso se tornou possível entender se as feiras especiais de Goiânia são, ou não um patrimônio cultural transformado. Assim, foi possível teorizar se as feiras podem ser consideradas uma referência cultural para os goianienses;

No terceiro capítulo – "*Quando se identifica as referências culturais da cidade***.** As feiras pesquisadas, referência cultural e o poder público" – expomos os resultados da pesquisa. Apresentamos objetivamente as principais características das feiras em que realizamos a pesquisa de campo e descrevemos os valores culturais e simbólicos existentes nessas feiras, além de identificar os elementos fazem as feiras como referências culturais da cidade. É nesse capítulo que a sociedade civil nos expõe sua opinião a respeito da importância desempenhada pelas feiras para Goiânia e, por conseguinte se elas são um patrimônio cultural para a cidade. A opinião do poder público sobre as feiras goianienses foi apresentada ainda no terceiro capítulo, o que possibilitou realizar uma contraposição entre opinião civil e dos representantes administrativos ligados à cultura e a fiscalização das feiras.

CAPÍTULO I

Quando conhecemos a cidade

Goiânia: História e a convivência com suas feiras

Uma das maneiras de conhecer e entender os indivíduos que habitam um mesmo espaço urbano é buscar por seu processo histórico. A cidade preserva a memória e responde pela necessidade de narrar a sua própria História. O "fato", o "discurso", as "narrativas" sobre e da cidade são imprescindíveis para que possamos compreender a produção cultural, os aspectos que compõem o modo de viver, pensar e agir dos sujeitos que a habitam.

Partindo desse pensamento, voltamos ao início de Goiânia, buscamos parte do seu processo histórico para assim atingirmos a compreensão da relação construída pelas feiras com a cidade e os goianienses. Neste capítulo, trazemos uma breve reflexão sobre a história da capital goiana através do viés de que a mesma é marcada desde o seu inicio pela contradição de ter a "missão" de ser moderna e trazer progresso para o estado, mas ao mesmo tempo os hábitos e costumes dos seus indivíduos foram sendo configurados a partir de aspectos considerados tradicionais, ou muitas vezes conservadores.

Quando olhamos a história e os aspectos formadores de Goiânia pela materialidade, nos deparamos com uma cidade moderna, pois estamos falando de uma cidade planejada, de largas avenidas, com estilo arquitetônico *Art déco* em seus prédios institucionais e a inserção de outra disposição econômica baseada na industrialização. Todavia, ao analisar a imaterialidade, considerando que a formação da cidade está intrínseca aos valores culturais presentes no modo de se divertir, de trabalhar, de comer, de pensar, de comportar, de conviver dos indivíduos que a habitam, encontramos uma Goiânia tradicional.

Foi nesse cenário de contradição e/ou combinação entre o moderno e o tradicional que as feiras surgiram ainda nos primeiros anos e nas primeiras ruas da "nova" capital do estado de Goiás. Inerente ao contexto histórico de Goiânia "construímos" [4] aqui a história de suas primeiras feiras para tentar entender como foi estabelecida, deste o seu início, a relação das feiras com os goianienses e a cidade. O retorno aos primeiros anos de Goiânia foi essencial

[4] A escolha do termo pode parecer um quanto vaidosa, porém a justificamos no fato de esta ser a primeira pesquisa que buscou por documentos e narrativas que revelassem como iniciou a relação de Goiânia com suas feiras.

para a compreensão das necessidades que a cidade possuía e como a própria população e o poder público utilizaram as feiras como solução para algumas delas, e assim, logo foi sendo estabelecida uma relação de reciprocidade, que atualmente, além de fortificada faz parte da cultura dos indivíduos que vivem na capital goiana. A partir disso, apresentamos aqui, como a cidade está convivendo e se relacionando com suas feiras, sendo essencial para a compreensão dos elementos e valores que fazem destas uma referência cultural do goianiense.

1. HISTÓRIA

1.1. Goiânia missionária da modernização e do progresso.

Em 2012, a cidade de Goiânia completou 79 anos. No dia 24 de outubro de 1933 foi lançada a pedra fundamental da nova capital, e assim iniciaram-se as obras para construção da mesma. Construída dentro do discurso da modernização, Goiânia passou a simbolizar o desejo do novo, de desenvolvimento econômico, de progresso para o estado de Goiás e abandono do velho, atraso; a cidade trouxe em sua origem a ofício de ser moderna.

O imaginário de atraso, estagnação política e econômica vinculou-se à cidade de Goiás – antiga capital. A cidade que surgiu através da expansão aurífera no século XVIII e que por mais de dois séculos foi à capital do estado de Goiás, não atendia mais os anseios de um contexto nacional que se modificava a partir de novas configurações sociais e políticas que desejavam: o moderno e o "desenvolvimento". Assim, "Goiânia traz em sua gênese essa ambiguidade (...) o querer esquecer o passado atrasado e avançar ao encontro da velocidade da modernização" (LIMA FLHO, 2004, p.17).

A construção de Goiânia em meio aos "Ermos e Gerais" [5] do cerrado goiano, comprovou que "A vida e a economia só aos poucos seriam modificadas em Goiás, com o desenvolver do processo histórico externo e interno, nos anos 20 e início da década de 1930"

[5] Expressão regional e tradicional lançada pelo escritor goiano Bernardo Élis para se referir aos sertões goianos, sendo considerada região de baixo índice demográfico e de baixa produtividade econômica.

(MACHADO, 2007, p. 53). Esse processo histórico pode ser caracterizado, principalmente, pela ascensão, em 1930, de Getúlio Vargas e sua política de expansão para o oeste do Brasil, o que pode ser exemplificado através de trecho vinculado na Revista Oeste [6] em julho de 1943:

> A marcha para o oeste, hoje tão admiravelmente preconizada pelo maior apaixonado do Brasil, o presidente Vargas, encontrará sempre em Goiânia uma de suas maiores conquistas, eis que essa cidade encerra uma série de circunstâncias excepcionais aferidoras do sentido ideológico desse esplêndido movimento. (*Revista Oeste*, "O sentido ideológico de Goiânia" de Castro Costa. Revista Oeste, julho de 1942. Pág.3. Reedição eletrônica).

A situação do estado de Goiás, nos primeiros anos do século XX, era marcada pela concentração populacional na zona rural. A economia centrava-se na produção agropecuária e o controle político sofria influência dos grandes proprietários rurais, detentores também do prestígio e poder. As famosas expressões utilizadas para exemplificar o sistema político no princípio da República no Brasil, tais como: poder oligárquico, coronelismo, mandonismo, curral eleitoral, voto do cabresto etc., se aplicavam claramente na estrutura social e política de Goiás. Essa estrutura era fundamentada nos interesses particulares das tradicionais oligarquias[7] e tinha a cidade de Goiás como uma de suas representantes.

A historiografia, após alguns debates, permite aproximação entre a História e a Literatura. Na realidade, "tanto o discurso historiográfico quanto o literário fazem parte daquilo que Lacan chamou de simbólico e Deleuze e Guattari chamaram de linha de simulação, aquela instância que afronta o real e procura dar-lhe forma, consistência, dotando-o de certa ordem, certa estabilidade, certa regularidade, dotando-o de significados" (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p.46). Deste modo, a literatura pode se transformar em fonte histórica e nos permite encontrar fatos e testemunhos capazes de dar ao historiador as respostas que ele precisa ao analisar a história de um determinado acontecimento.

---

[6] Com circulação no Estado de Goiás entre os anos de 1942 e 1945, a Revista Oeste divulgou o panorama sócio-cultural da nova capital do estado de Goiás, sendo responsável, inclusive, pela apresentação de grandes nomes da literatura goiana. Atualmente, após trabalhos de pesquisa que analisaram o discurso da revista, sabe-se que esta era de exaltação e proteção dos feitos do presidente Getúlio Vargas.

[7] No estado de Goiás o poder político era exercido pelas famílias tradicionais, representadas, principalmente pelos Bulhões, Caiados, Jardim, Curado Fleury etc.

Logo, trago para exemplificar a realidade política vigente no estado de Goiás no início do século XX, a obra *O Tronco*[8], de Bernardo Élis, publicada pela primeira vez em 1956. Segundo Enid Yatsuda Frederico (2005, p. 126):

> *O tronco* é uma narrativa vigorosa da trágica história de uma cidadezinha (...). Baseada em fatos verídicos, a obra pretende denunciar o atraso e o mais completo abandono em que se encontrava a população do sertão, vítima dos desmandos dos coronéis latifundiários, que tinham a seu serviço os cangaceiros vindos do sertão nordestino; da polícia, comprometida com os grupos políticos dominantes e, indiretamente, do governo federal, através de uma politica de favorecimento do poder econômico.

Em um dos trechos da obra podemos perceber a situação de descaso por parte do governo com o estado de Goiás, além do controle social e político exercido pelos chefes oligárquicos, mas conhecidos como coronéis.

> O povoado persistia em completo abandono, a chuva molhando os defuntos, que apodreciam por ali, com as varejeiras botando os cachos de ovos brancos que caíam no chão a cada momento (...). Pela região, os piguetes de jagunços de jagunços vasculhavam as fazendas, os ranchos, os sítios, arrebanhando o gado, tangendo-o para Formosa do Rio Preto e São Marcelo. Por adonde passavam, levavam tudo: mantimento, utensílios, armas, tudo, tudo. Se alguém tentava defender seus teres, era morto. (O Tronco, 1974, p. 277).

Os anseios de mudança da capital foram ao encontro da instalação de "modernas" instituições políticas e vieram para afrontar a conjuntura do mandonismo no estado de Goiás. Vários atores surgiram para defender esses anseios e questionar a estrutura até então vigente, porém o protagonista foi o médico Pedro Ludovico Teixeira[9] que trouxe para Goiás as

---

[8] A obra *O Tronco* é um símbolo da literatura goiana, na qual Bernardo Élis ilustra, em forma de romance, os acontecimentos ocorridos em São José do Duro (atual Dianópolis-TO que até 1987 pertencia ao estado de Goiás), envolvendo a polícia e os jagunços do coronel Pedro Melo, e que levou a chacina de nove pessoas pela polícia nos anos de 1917-1918.

[9] Os questionamentos políticos feitos por Pedro Ludovico, antes da transferência da capital, não foram bem aceitos na cidade de Goiás. Ele recebeu duras críticas, ameaças e perseguições da população e principalmente da Oligarquia Caiado, através da figura de Antônio Ramos Caiado (Totó Caiado) que tinha o comando político em Goiás.

mudanças provocadas com a tomada da presidência em 1930 por Getúlio Vargas, sendo escolhido por este interventor do estado.

O projeto de construção da nova capital foi colocado em prática pelo interventor Pedro Ludovico Teixeira, sendo apoiado e financiado pelo governo Vargas. Podemos considerar que "Goiânia é fruto da intervenção" (LIMA FILHO, 2004, p.17). Nas décadas de 1930 e 1940, as imagens de Getúlio Vargas e Pedro Ludovico estavam ligadas a consolidação do "progresso" no estado de Goiás, o trecho abaixo, proferido pelo primeiro prefeito de Goiânia, Venerando de Freitas Borges, escolhido e convidado por Pedro Ludovico em 7 de novembro de 1935, para assumir a Prefeitura, transparece o discurso oficial da época:

> Nasci no Oeste, o rincão relegado ao mais completo abandono até 1930. Éramos na Velha República considerados como rebanho: contados pelo número de cabeças, para fins eleitorais. Getúlio Vargas integrou Goiaz na comunhão pátria. Lembrou-se de uma região esquecida e entregue aos apetites de senhores feudais. Em meu Estado o nome do chefe da Revolução Brasileira constitui uma bandeira: a ele nos devotamos com verdadeiro culto de civismo. Pedro Ludovico é o delegado de Getúlio Vargas em Goiaz. Espírito integro e justo coloca os interesses nacionais acima de qualquer regionalismo tacanho, o que outrora se observava em rasão inversa. (*Jornal O Popular*, Ano IV, nº 349, 1ª pág. 12 de março, 1942 - Entrevista de Venerando de Freitas Borges).

Os mudancistas[10] deixaram sua marca como os representantes do pensamento moderno, seus discursos desprezavam os aspectos tradicionais presentes na cidade de Goiás e seus argumentos, existentes ainda no século XIX, desejavam a construção e transferência para uma nova capital, e se justificavam na necessidade de "progresso", em problemas geográficos e naturais existentes na cidade de Goiás. Porém os maiores entraves e interesses eram político-econômicos, o próprio Pedro Ludovico afirmou isso mais tarde:

> Confesso, fazendo justiça à velha Goiás, que não foram motivos de ordem sanitária que pesaram no meu espírito para retirar-lhe a primazia de ser metrópole goiana. Causas de origem econômica, política e social influíram poderosamente para que lhe cercasse o privilegio de que usufruía. (apud CHAUL, 2001, p. 79).

[10] Grupo político, que no século XIX, idealizou o projeto de transferência da capital da cidade de Goiás para outro local. Antes de Pedro Ludovico, alguns presidentes de província reclamavam da dificuldade de se administrar instalados da antiga capital goiana, dentre eles estão: Miguel Lino de Morais (1830), Couto de Magalhães (1863) e Rodolfo Gustavo Paixão (1891).

As justificativas geográficas e topográficas consistiam na necessidade da capital estar mais adjunta à região ferroviária e a mais crescente economicamente, o sudeste goiano, próximo de Minas Gerais e São Paulo. Argumentava-se também que a quantidade de serras em torno da cidade de Goiás, impedia o crescimento e expansão urbana da mesma. Por isso o local seleto para ser a nova capital, foi mais centralizado, com clima agradável, topografia plana e com bons recursos hídricos.

Escolhido o local por decreto, a margem do Córrego Botafogo, iniciou-se o projeto de construção e transferência da capital. Entre seus ipês floridos e arbustos esparsos o cerrado assistiu brotar Goiânia, que começou a ser construída em 1933. O local escolhido localizava-se no município de Campinas[11], entre as fazendas Criméia, Botafogo e Vaca Brava. Em 1935, através do Decreto 327, Pedro Ludovico cria o município de Goiânia e Campinas tornou-se, então, seu bairro.

O poder legislativo e o executivo foram transferidos em 1937 e no dia 05 de julho de 1942 iniciaram a semana de festejos para inauguração da cidade, com vários eventos, peças de teatro, missa, concurso de fanfarras, desfiles militares e inesquecíveis bailes. A imprensa, através do jornal O Popular se referia a festa de inauguração da seguinte maneira:

> Vai ser uma festa de brasilidade a inauguração da nossa cidade (...). Goiânia é o arco-íris refletido na estrutura do Estado Nacional criado pelo presidente Getúlio Vargas, porque representa uma realização gloriosa no coração do Brasil, donde surgirão em breve, do seio das nossas serras e matas os lampejos de luz que servirão de bussula para o futuro da nossa nacionalidade. (O Popular, 12 de abril de 1942, n° 357, Ano V, 3ª página).

As imagens abaixo foram produzidas durante os eventos de inauguração da cidade de Goiânia, elas retratam os moradores e as autoridades políticas presentes na missa e parte do desfile cívico.

---

[11] Campinas foi fundada em 1810, pelo alferes Joaquim Gomes da Silva, em 1914 deu-se sua elevação a município e em 1935 tornou-se bairro de Goiânia, sendo atualmente, um dos principais centros comerciais da cidade.



Imagem 1. Missa solene na Inauguração de Goiânia. 5 de julho de 1942. Foto: Acervo IPHAN-GO.



Imagem 2. Desfile Cívico. Inauguração de Goiânia. 5 de julho de 1942. Foto: Acervo IPHAN-GO.

A cidade de Goiânia foi planejada pelo arquiteto urbanista Attílio Corrêa Lima, o qual foi influenciado pelo urbanismo francês e trouxe as características do que deveria ser uma cidade arquitetonicamente moderna, portanto:

> O plano urbanístico da cidade, apresentado pelo arquiteto e urbanista Attílio Corrêa Lima, revelava a sua admiração pelos princípios clássicos de concepção de uma cidade e a sua formação urbanística da escola francesa. Ela tinha como meta projetar um espaço urbano compatível com as atividades ligadas à produção industrial, à civilização contemporânea e ao mundo moderno. Esse modelo de urbanismo, apresentado por ele no início da década de 1930, era coerente com as propostas políticas e socioeconômicas da Revolução de 30. O traçado por ele proposto levou em conta a configuração do terreno, a necessidade do trafego, o zoneamento e o loteamento, fatores que nortearam a proposta do plano urbanístico da cidade de Goiânia. O plano, de princípio clássico, buscava ressaltar um efeito de monumentalidade. Foram adotados como modelos os planos de remodelação e de construção de capitais européias e norte-americanas, tais como Versailles, Karlsruhe e Washington. (SILVA, 2007, p.93).

Attílio Corrêa de Lima não concluiu a implantação da nova capital, foi substituído pelo engenheiro urbanista Armando de Godoy, que deu continuidade ao plano e seguiu a direção do modelo das cidades-jardim inglesas. As imagens que seguem abaixo (3 e 4) ilustram os anos iniciais da construção de Goiânia e na Imagem 7 o plano urbanístico de Goiânia feito por Attílio. O plano foi elaborado prevendo abrigar futuramente 50 mil habitantes e no núcleo central 15 mil.[12] Nota-se, na imagem, que o traçado escolhido para Goiânia foi monocêntrico, o qual da praça, denominada Praça Cívica, onde se instalou o Centro Administrativo da cidade e do estado, convergem às principais avenidas da cidade. Na Imagem 5 está o projeto do Centro Cívico com alguns aspectos das cidades-jardins.

[12] Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2011, Goiânia têm uma população de 1 318 148 habitantes e é a sexta maior cidade do Brasil em tamanho, com 256,8 quilômetros quadrados de área urbana, sendo o décimo segundo município mais populoso do Brasil. A Região Metropolitana de Goiânia possui 2 206 134 habitantes, sendo a décima região metropolitana mais populosa do país.

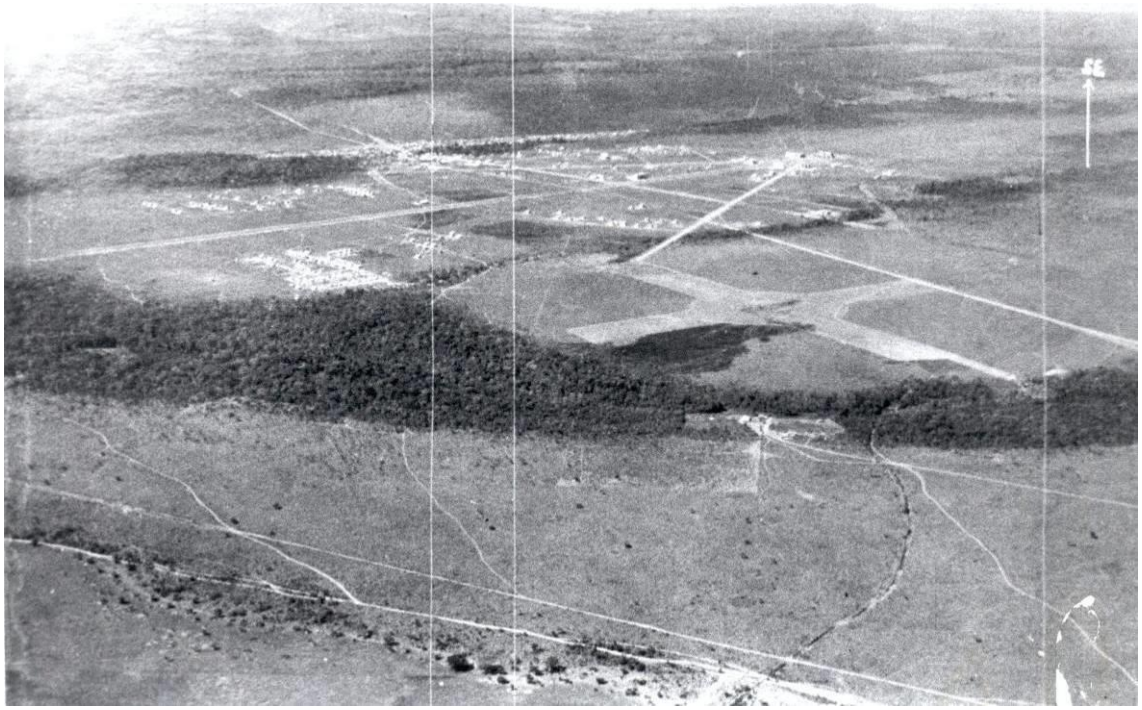
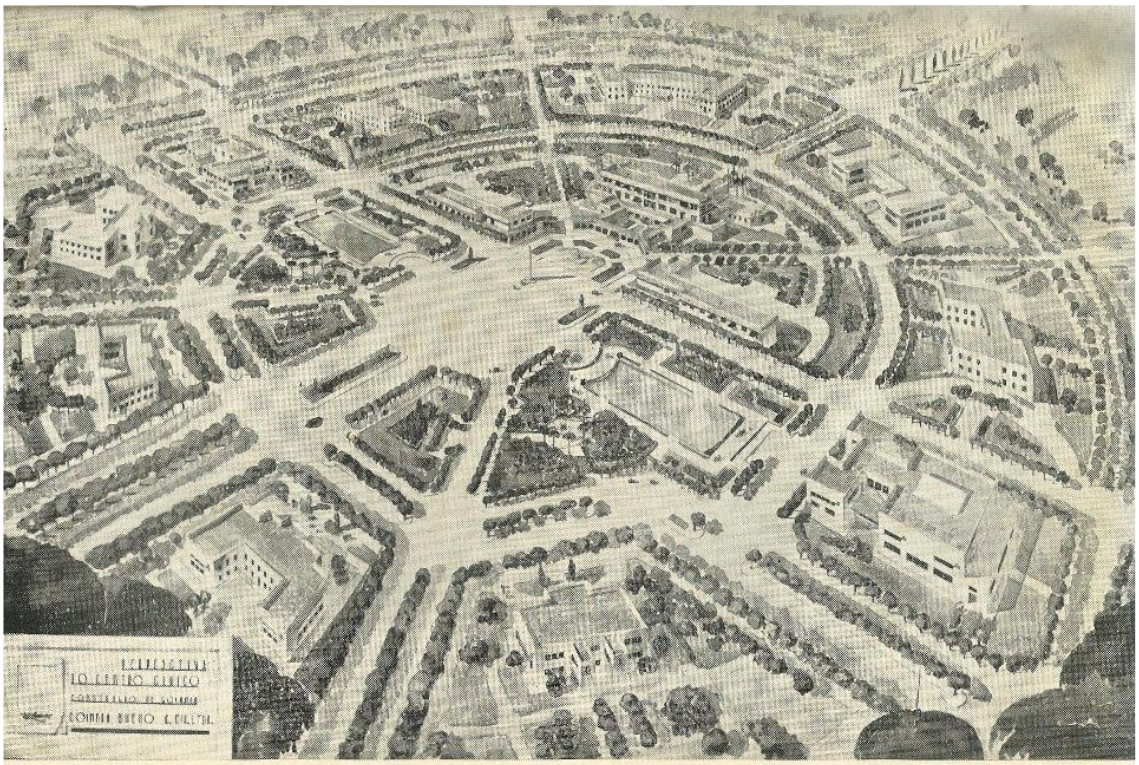


Imagem 3. Vista aérea de Goiânia. 1937. Acervo IPHAN-GO.

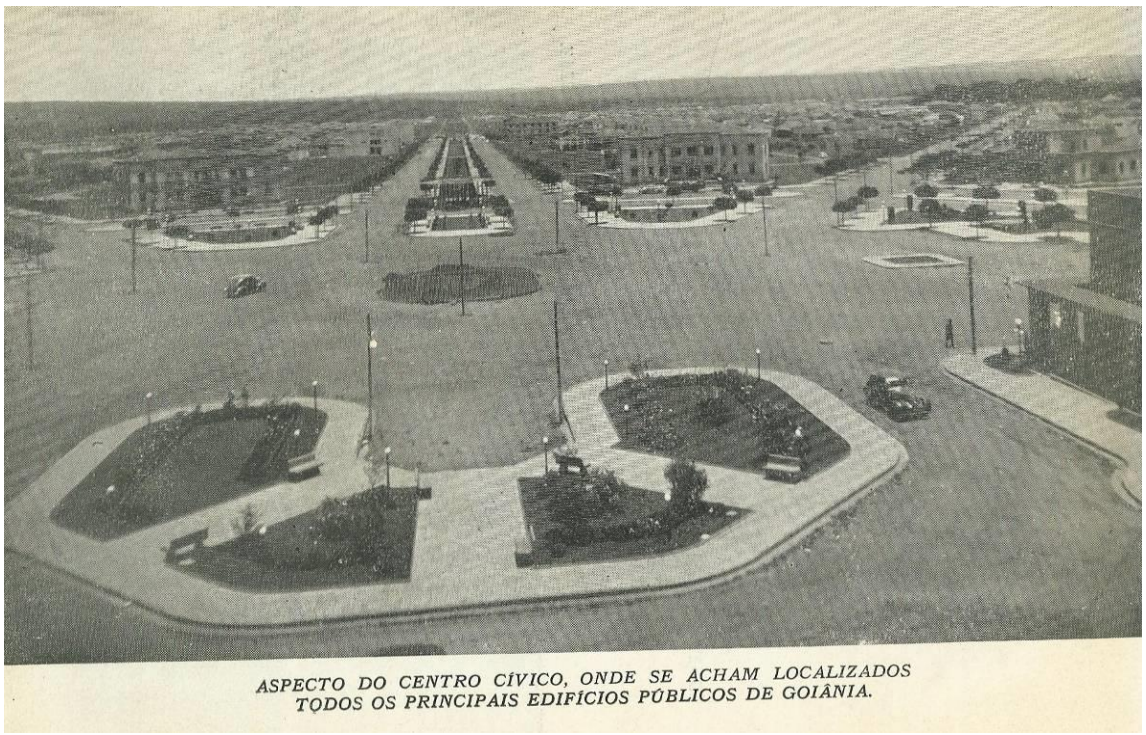


Imagem 4. Abertas as três principais avenidas de Goiânia que convergem na Praça Cívica: Av. Tocantins, Av. Goiás e Av. Araguaia. 1937. Acervo IPHAN-GO.



PERSPECTIVA DO CENTRO CÍVICO DE GOIÂNIA

Imagem 5. Projeto do Centro Cívico de Goiânia, modelo nas cidades jardins inglesas. Nunca foi colocado em prática. IBGE 1942, p. 47.



ASPECTO DO CENTRO CÍVICO, ONDE SE ACHAM LOCALIZADOS TODOS OS PRINCIPAIS EDIFÍCIOS PÚBLICOS DE GOIÂNIA.

Imagem 6. Praça Cívica de Goiânia início da década de 40. IBGE 1942, p. 46.

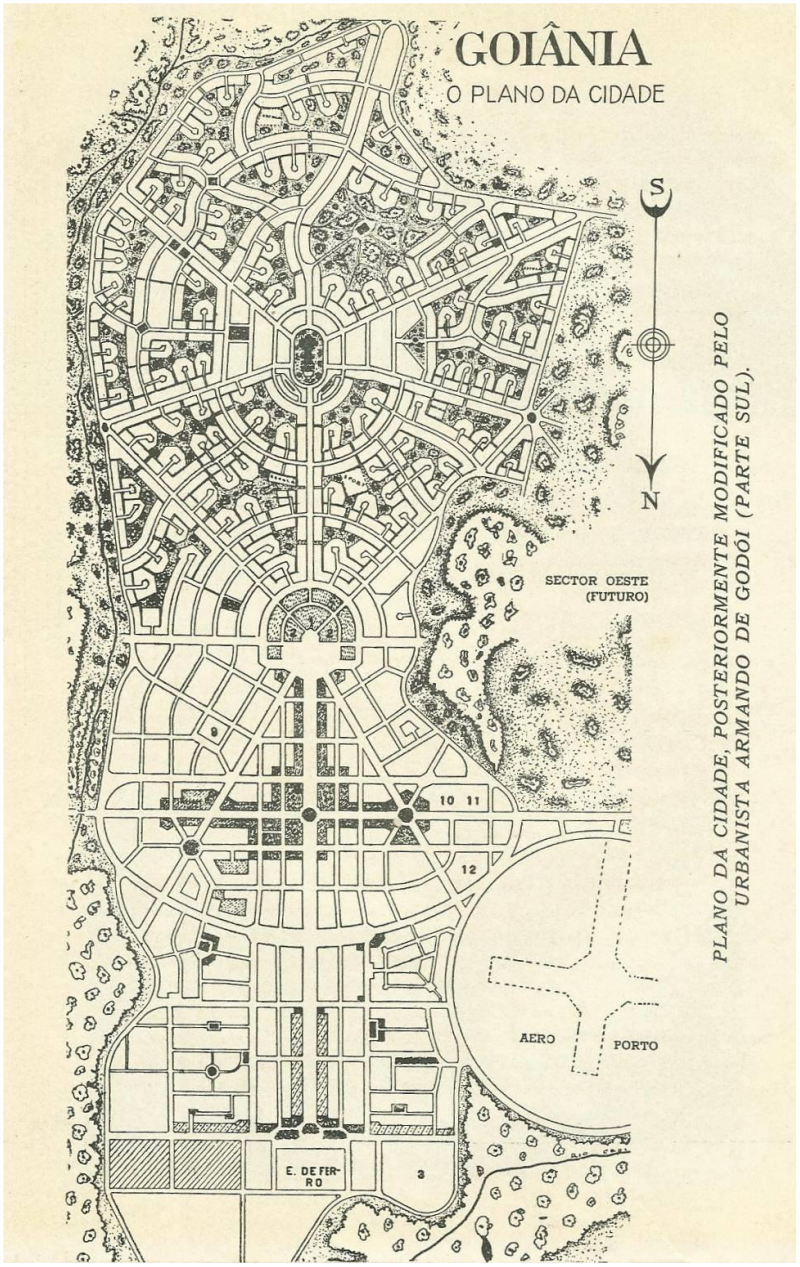


Imagem 7. Projeto urbanístico de Goiânia por Attílio Corrêa Lima. Atualmente, se configura como a região Central de Goiânia. IBGE 1942, p. 48.

A imagem de Goiânia, em suas três primeiras décadas de existência, esteve ligada ao conceito de modernidade. Contudo, concomitante ao imaginário de atraso e velho vinculado a cidade de Goiás, Goiânia adquiriu, em seus anos iniciais, o de uma cidade que veio para modernizar e trazer "desenvolvimento" (expansão capitalista) para o interior brasileiro. Através do discurso oficial, a nova capital passou a representar lugar de boas oportunidades e ensejos de melhoria de vida.

Todos os aspectos em Goiânia deveriam se afastar da antiga capital. Os hábitos e costumes deveriam ser contemporâneos aos das grandes capitais brasileiras, principalmente

Rio de Janeiro e São Paulo, o planejamento urbano e a arquitetura das casas, prédios e edifícios públicos precisariam acompanhar os critérios urbanísticos modernos, o que explica a presença do estilo *Art Déco* nos primeiros prédios públicos construídos na nova capital goiana. A presença do *Art Déco* em Goiânia concebe a busca de um estilo moderno a partir da releitura de outros estilos. Podemos considerar que a intenção seria, justamente, que a cidade adquirisse o efeito de monumentalidade agregando assim os conceitos de arte, beleza, nacionalismo, grandeza e austeridade; sendo que ao mesmo tempo denotasse e transmitisse modernidade e poder.

São considerados pioneiros da cidade os operários, pedreiros, serventes e lavradores que vieram do interior de Goiás, Minas Gerais, São Paulo e de várias partes do Nordeste para trabalhar na construção da nova capital e buscar melhores condições de vida. Aos poucos suas esposas e filhos também chegaram. Conforme dados retirados da obra "Formas e tempos na cidade de Goiânia" (2007), calcula-se que foram aproximadamente quatro mil homens que tiveram a audácia de retirar os traços projetados por Attílio Corrêa Lima e modificados por Armando de Godoy das plantas e transformá-los em Goiânia. Na prática são esses os responsáveis pela construção da cidade.



Imagem 8. Construtores de Goiânia. O serviço de asfalto das principais vias de Goiânia se iniciou a partir de 1945. Acervo IPHAN-GO.



Imagem 9. Construtores de Goiânia. Ano 1948. Acervo IPHAN-GO.

Pioneiros também foram os secretários e funcionários públicos transferidos da cidade de Goiás para Goiânia e que aqui se estabeleceram acompanhados de suas famílias. Aos poucos a cidade foi sendo habitada e nos primeiros anos, segundo informação abaixo,

> algumas famílias da cidade de Goiás mudaram para Goiânia, enquanto outras permanecem. E assim, separam-se ritmos entre as cidades: Goiás se volta para continuar suas formas de sociabilidade nascidas de um passado colonial, com suas festas religiosas, seus alfenins, suas igrejas, seus artistas, sua elite, além de sua periferia profundamente identificada com símbolos do mundo rural. Não para no tempo, mas segue seu próprio ritmo, historicidades, sociabilidades e referências culturais e identitárias. Goiânia, por sua vez, busca a velocidade da modernização, de cumprir sua meta de metrópole no Planalto Central do Brasil, como um ensaio experimental para a construção de Brasília anos depois, e, ao mesmo tempo, inspirada na experiência de Belo Horizonte no final do século XIX. (LIMA FILHO, 2010, p. 259)

Goiânia surgiu com a missão de ser moderna e trazer progresso, essa foi à imagem transmitida pelo discurso oficial e que prevaleceu durante as décadas de 40 e 50, porém a cidade em seus anos iniciais não era somente isso, analisá-la exclusivamente por esta perspectiva seria reduzir os seus vários aspectos e desconsiderar sua realidade. Os costumes e hábitos da população foram se configurando da forma que existiam em seus lugares de

origem, por isso podemos considerar que a modernização em Goiânia não acabou por completo com os aspectos tradicionais, pois

> ao lado de relações sociais novas, havia as relações tradicionais típicas das cidades interioranas goianas. Ao lado das casas e prédios em *Art déco*, havia as casas do estilo colonial e os ranchos da maioria dos habitantes da cidade. Enfim, havia uma sociabilidade provinciana que a cidade só começou a perder por volta da década de 60. (OLIVEIRA, 1999, p.29).

Nesse sentido, as características culturais que se configuraram em Goiânia uniram o moderno e o tradicional. Os espaços da cidade foram sendo ocupados rapidamente, a cidade se expandiu, adquiriu características e problemas de uma metrópole, mas alguns hábitos considerados tradicionais surgidos no início da cidade, permaneceram nas práticas dos goianienses, e foram se adaptando as mudanças econômicas, sociais e culturais trazidas pela modernidade. Novos sentidos e valores foram sendo incorporados nas práticas sociais dos goianienses e consequentemente, modificaram alguns de seus costumes, estes se transformaram, mas não se perderam.

Mesmo que, minimamente, o tradicional convive em Goiânia com o moderno. A permanência das feiras livres no espaço urbano, enfrentando os entraves impostos por uma cidade que cresce cada dia mais, é um forte indício disso e a explosão de novas feiras a partir da década de 1990, mesmo com o "sucesso" de *shoppings* e hipermercados nos mostra como o moderno e o tradicional se misturam na capital goiana. Adiante, contamos uma parte da história das feiras em Goiânia que foi encontrada nos arquivos e na memória de alguns moradores.

2. GOIÂNIA E AS FEIRAS

2.1. Traçando a história das feiras em Goiânia

A história das feiras em Goiânia está intrínseca ao processo histórico da cidade. As práticas de frequentar e trabalhar nas feiras ocorrem, na capital goiana, desde o seu início. Até

a década de 1990 tivemos a predominância das feiras livres ocupando alguns espaços públicos da cidade. Após o crescimento da Feira Hippie e o surgimento das Feiras do Sol (1990) e da Lua (1993), foram aparecendo outras feiras especiais, que atualmente são as que recebem a maior quantidade de frequentadores.

O surgimento oficial das feiras goianienses ocorreu ainda na década de 40, mas exatamente no ano de 1946, quatro anos após o batismo cultural da cidade que ocorreu em 1942. O apoio financeiro para a formação das primeiras feiras fazia parte do programa administrativo do terceiro prefeito de Goiânia, Orivaldo Borges Leão[13]. O Jornal O Popular noticiou a intenção daquele prefeito de instituir o funcionamento das feiras para tentar solucionar o problema de escassez no abastecimento de alimentos da população, principalmente, a residente em Campinas, pois esta, por causa da construção de Goiânia, enfrentava transtornos advindos com a sua transformação em um dos bairros da nova capital. Assim, foi publicada a seguinte matéria no dia 28 de fevereiro de 1946, "Fala a "O Popular" o Sr. Orivaldo Borges":

> Nossa reportagem procurou, na terça-feira última, ouvir, em seu gabinete de trabalho o Prof. Orivaldo Borges Leão, atual prefeito de Goiânia, com o propósito de informar nossos leitores a respeito do programa administrativo do chefe do executivo municipal. No decorrer da palestra, aquela autoridade declarou que não formulará propriamente um programa de ação, visto ser seu intuito ir resolvendo cada problema por sua vez, dentro das conveniências do bem público e da administração municipal. Vários assuntos, de início estão merecendo sua atenção e entre eles ressalta a criação da feira-livre em Goiânia, para o que já mandou fabricar as barracas e os demais acessórios para a inauguração que terá logar em Campinas dentro de pouco tempo. Em seguida, realizar-se-ão feiras-livres nos Bairros Popular, Vila Nova e outros. (...) (Jornal O Popular, nº 706, Ano VIII, 2ª página).

Notamos que as primeiras feiras de Goiânia surgiram a partir da iniciativa do poder público. Neste período, a quantidade de estabelecimentos comerciais, principalmente de gêneros alimentícios, era pequena para atender a população. As feiras surgiram através de um projeto político iniciado pela gestão de Orivaldo Borges Leão, que se cumpria de tomar todas as medidas para a criação das mesmas, que iam desde a confecção das barracas até a

13 Orivaldo Borges Leão foi nomeado prefeito de Goiânia pelo interventor Filipe Antônio Xavier de Barros, seu mandato perdurou de 18 de fevereiro de 1946 até o dia 25 de março de 1947.

convocação de pessoas que possuíam interesse em trabalhar como feirantes. As declarações prestadas ao Jornal O Popular, pelo Prefeito Orivaldo, e noticiadas na matéria "Funcionarão em breve as Feiras Livres", no dia 10 de março de 1946, transparece esse relevante fato para a história das feiras em Goiânia:

> Conforme declarações prestadas a O Popular pelo Prof. Orivaldo Borges Leão, atual Prefeito desta capital, publicadas em uma de nossas edições passadas, será instituído por aquela autoridade, o sistema de feiras-livres em Goiânia. Nesse sentido, já agora estão sendo tomadas várias providências afim de que a útil medida tenha realização rápida. Segundo estamos informados, a feira-livre do bairro de Campinas será aberta ao público dentro de poucos dias, para que já ali se encontra o necessário material para a instalação de diversas barraquinhas. (Jornal O Popular, nº 709, Ano VIII, 3ª página).

Através da leitura em microfilme das edições anteriores conservadas no Centro de Documentação do Jornal O Popular (CEDOC), foi possível localizar o registro da data marcada para a inauguração do que acabou se tornando a primeira feira oficial de Goiânia. O jornal noticiou no dia 31 de março de 1946 a seguinte chamada "Será inaugurada a 9 a feira-livre em Campinas":

> O prefeito Orivaldo Borges Leão acaba de tomar as providências no sentido de que a 9 de abril, terça-feira da próxima semana se inaugura a feira-livre de Campinas. Esse acontecimento que está sendo aguardado com visível interesse por parte da população daquele bairro, virá contribuir por certo, para melhor abastecimento dos habitantes de Campinas que vem lutando com serias dificuldades para aquisição de gêneros de primeira necessidade. (Jornal O Popular, nº 715, Ano VIII, 1ª página).

A partir disso, estimamos que a profissão de feirante e o costume de frequentar feiras se iniciaram oficialmente na capital goiana no dia 09, as sete horas de uma fresca manhã do mês de abril, no ano de 1946. O local foi na Av. Pará no bairro de Campinas. A Prefeitura fez o convite à população através do jornal, no dia 4 de abril de 1946, para participar da feira e comparecer a inauguração:

> Convite: A Prefeitura Municipal de Goiânia, pretendendo inaugurar no dia 09 (nove) do mês de Abril, as sete horas, as feiras livres, no Bairro de Campinas, convida, por

> meio deste, os chacareiros e demais interessados a comparecerem ao local designado para as mesmas a rua Pará, levando os seus produtos e contribuindo, desta forma, para o abastecimento da população de Campinas (Jornal O Popular, nº 716, Ano IX, 2ª página).

Portanto, uma das primeiras feiras de Goiânia surgiu na atual Av. Pará no bairro de Campinas, próxima ao Campo do Atlético Clube Goianiense (estádio Antônio Accioly). Por muito tempo a feira ficou conhecida como Feira de Campinas. Devido às mudanças, pelas quais o bairro e suas ruas foram passando, segundo relatos de alguns moradores, essa feira foi removida para a Praça A, popularmente conhecida como Praça Ok. A feira permaneceu neste local até a gestão municipal de Íris Rezende Machado (31/01/66 a 20/10/69), quando foram feitas as obras de duplicação da Avenida Anhanguera. A moradora Laila Batista Gonçalves, de 76 anos, veio de Piracanjuba-GO para Goiânia em 1954, e desde então reside na região, relembra isso:

> Eu lembro da feirinha que tinha na Praça A, era pequena mas a gente comprava tudo que precisava lá. Levava as crianças comigo e eles adoravam. Acho que é por isso que os quatro ainda gostam de feira (risos). Quando aumentaram a Av. Anhanguera eles tiraram a feira de lá e trouxeram ela pra cá (local onde hoje existe a feira do Setor Centro Oeste), não espera ai...primeiro ela foi para a rua bem de frente o Campo do Atlético, depois que veio pra cá.

Ao longo dos anos, após passar por uma grande mudança de mercado, o bairro de Campinas deixou de ser predominantemente residencial e transformou-se em um dos principais centros comerciais da cidade. Assim, com o crescimento do tráfego na região, a necessidade de lugares para estacionar automóveis e a grande movimentação de pessoas, as feiras foram tornando-se um problema para os espaços nos quais estavam instaladas. Atualmente, a feira mais próxima de onde surgiu a Feira da Av. Pará, é registrada na Prefeitura como Feira Centro-Oeste; popularmente conhecida como Feira do Setor dos Funcionários ou Feirinha de Campinas. Esta feira ocorre na rua P-25, durante as manhãs de quinta-feira e domingo (uma das feiras onde foi realizada pesquisa de campo) e segundo os feirantes e alguns moradores, encontra-se neste local a mais de 40 anos. A imagem a seguir mostra a localização em Goiânia dos lugares citados neste parágrafo.



Imagem 10. Localização da Av. Pará e da Feira do Setor dos Funcionários em Goiânia. Fonte. GoogleEarth. 2012. Destaques em verde feitos pela pesquisadora.

De projetos políticos e econômicos, o incentivo para a criação das feiras acabou possibilitando que se iniciasse na cidade o hábito de trabalhar, comprar e passear nelas. A feira, na sua forma tradicional, foi trazida para a cidade "moderna". Os aspectos tradicionais foram se misturando aos modernos e configurando as feiras da maneira que atualmente elas são. Uma das práticas sociais mais populares e comuns da história dos centros urbanos de todo mundo, umas das formas mais simples e elementares de compra, foram trazidas para Goiânia com o intuito de resolver um problema de caráter social, mas acabou contribuindo para a formação de um dos elementos culturais mais corriqueiros da cidade.

Pouco tempo após a criação da feira na Av. Pará, começaram aparecer manifestações de satisfação e insatisfação. Na sessão destinada para "reclamações", existente no Jornal O Popular, um morador mostra o contentamento com a criação da feira, mas também reclama de uma situação interessante. Os proprietários dos comércios compareciam à feira assim que o sol nascia, compravam os produtos e os levavam para suas lojas, onde vendiam por preços mais onerosos que os existentes nas feiras, dificultando o consumo dos produtos pelos frequentadores da feira, isso pode ser observado na citação abaixo, publicada no dia 29 de junho de 1946:

> Esteve em nossa redação um reclamante que, depois de ressaltar os benefícios advindos a Campinas, com a creação pelo Prefeito Orivaldo Borges Leão, da feira naquele bairro, declarou que vários comerciantes estão adquirindo mesmo pela manhã, os produtos expostos à venda, com o fim de revendê-los em suas casas comerciais, os preços mais elevados, o que vem prejudicando os pequenos consumidores que ficam assim, na impossibilidade de adquirir os gêneros de lá. Necessidade por preços mais acessíveis (Jornal O Popular, nº 724, Ano IX, 3ª página).

Mesmo divulgando a reclamação de um morador sobre uma situação que estava ocorrendo na feira, o discurso do jornal não deixou de "ressaltar os benefícios advindos a Campinas" com a criação da feira pelo poder público municipal. Algumas edições desse jornal, ao longo de sua história jornalística são marcadas pela imparcialidade de seu posicionamento político. Durante as eleições para governador, no ano de 1947, o incentivo para a criação de feiras em todo estado de Goiás entrou na pauta de compromissos de um dos candidatos. O Jornal O Popular foi direto e objetivo ao explicitar, abertamente, qual candidato receberia o apoio do jornal no decorrer da campanha eleitoral. Ficou evidente o partido e os aspirantes a cargos políticos que ganhariam as páginas do mesmo. Por isso foi possível encontrar a entrevista fornecida à imprensa pelo candidato da UDN (União Democrática Nacional), Jerônimo Coimbra Bueno[14], eleito em 1947 para governador de Goiás, a qual ele cita a criação de espaços destinados ao funcionamento de feiras livres e à venda de produtos agrícolas. Segundo o discurso do candidato, através do jornal, esperava-se que com isso, o comércio ilegal fosse evitado e através do incentivo fiscal aos produtores rurais, aumentaria o acesso da população aos produtos alimentícios, já que esses teriam preços mais baixos. Parte de seus anseios que estavam relacionados à situação alocada acima, foram publicadas no dia 12 de janeiro de 1947, conforme podemos observar no trecho a seguir:

---

[14] Jerônimo Coimbra Bueno foi nomeado para a Superintendência Geral de Obras de Goiânia em 1934. Criou junto com seu irmão, Abelardo Coimbra Bueno a empresa Coimbra Bueno e Cia., responsável pelos trabalhos de construção da nova capital do estado de Goiás. Com o fim do Estado Novo, concorreu ao governo do estado em janeiro de 1947 pela UDN. Vitorioso, governou o estado de 1947 a 1950. Elegeu-se senador em outubro de 1954 por Goiás, concorrendo pela coligação UDN-PSP.

> Promessas do candidato Jerônimo Coimbra Bueno: "Combaterei ativamente o cambio negro e a especulação, estabelecendo locais adequados para a instalação de feiras livres e produtos da zona rural, feiras de aves e de animais para funcionarem aos sábados e domingos em todas as cidades do Estado, visando contacto direto e convivência sistemática entre os criadores e lavradores e as populações urbanas e o barateamento dos produtos alimentícios mediante isenções de impostos, e concorrência livre, onde couber, promover a construção de mercados municipais com as mesmas finalidades". (Da plataforma do Engenheiro Coimbra Bueno). (Jornal O Popular, nº 794, Ano IX, 2ª página).

Alguns pioneiros de Goiânia relatam que existiu uma feira livre na Rua 04 do Setor Central ainda na década de 1930, onde hoje existe o Hotel Umuarama, antes mesmo de ter sido construído o primeiro Mercado Municipal[15] da cidade, o qual foi derrubado para a construção do edifício comercial Parthenon Center. No livro "Formas e tempos da Cidade" (2007) [16], a pioneira Virgínia Pereira Mendes, hoje com 91 anos, relata isso ao relembrar da maneira que os espaços da cidade foram sendo ocupados:

> Pertinho da feira da Rua 4, foi construído um enorme barracão todo feito de tábuas e que servia de dormitório. Ali se abrigaram operários solteiros e até casados que ainda não tinham trazido seus familiares. Por todos os lados predominavam as casas barreadas de pau-a-pique e cobertas de capim, construções livres num tempo em que não se tinha nem rua certa, como o "trieiros" dando mais segurança às caminhadas. Nós também morávamos em uma casa de tábuas pertinho da Oficina e Marcenaria do Estado. Os próprios operários faziam as suas casas a maioria geminada. (in LIMA FILHO e MACHADO, 2007, p. 167).

Dona Virgínia Pereira Mendes, nasceu em 24 de outubro de 1921 em Uberaba-MG. Seu pai, José Delfino Pereira, chegou a Goiânia em 1935 e em 1937 trouxe toda família para a cidade, onde residiram em casa de tábua próxima ao córrego Botafogo. Em suas lembranças sobre a cidade de Goiânia por hora aparece a referência sobre a antiga feira da rua 04: "No desfilar de suas memórias, não passa despercebida a Virgínia Pereira Mendes a imagem da antiga feira que ficava onde hoje se localiza o Hotel Umuarama, na Rua 04 com a Rua 06. Segundo ela, indo até o local agora ocupado pelo Edifício Parthenon Center, se chegava até a feira." (in LIMA FILHO e MACHADO, p. 176).

---

15 O Mercado Municipal Central, inaugurado pelo Prefeito Venerando de Freitas em 1941.

16 Organizado por Manuel Ferreira Lima Filho e Laís Aparecida Machado. Editora da UCG, 2007.

Pela descrição de Dona Vírginia, presente no livro "Formas e tempos em Goiânia" (LIMA FILHO E MACHADO, p. 177, 2007), podemos presumir que esta pode ter sido a primeira feira de Goiânia, surgida espontaneamente, ainda na década de 1930, antes da inauguração da cidade, sem a interferência do poder público. A feira oferecia gêneros de primeira necessidade para aqueles que vieram trabalhar na construção da cidade. Pelas palavras delineadas, através de sua memória, a pioneira descreve os produtos encontrados na antiga Feira da Rua 04, a forma de transporte utilizada pelos feirantes, de onde eles vinham e a origem dos produtos. Segundo ela:

> Ali existia pouca coisa, incluindo algumas árvores chamadas de Pau-Terra, que serviam para os feirantes amarrarem os animais da condução, que na maioria, eram carros de boi cobertos com couro, ou simplesmente no lombo de jegues. A mercadoria vinha toda amarrada em bruacas de couro nos animais. Os feirantes vinham de Campinas, dessas chacrinhas. A gente ia fazer as compras. Manteiga, galinha, frango, carne de porco. Tudo tinha aí...Tinha uma carninha de sol que até hoje não esqueço, verduras fresquinhas... (in LIMA FILHO e MACHADO, p. 177, 2007).

Com o relato de Dona Virgínia, conseguimos imaginar os sabores, aromas e cores que existiam nessa feira, permitindo ter a impressão de sentir o gosto da "carninha" de sol ao citá-la. O fotógrafo Hélio de Oliveira, hoje com 83 anos, é um dos moradores mais antigos de Goiânia, e considerado o primeiro repórter fotográfico de Goiás. Ele vivenciou e registrou em fotografia as mudanças e transformações que ocorreram no decorrer da história da capital goiana. Atualmente, ele e seu filho Hélio de Oliveira Júnior, mantêm um acervo fotográfico com mais de 65 mil imagens sobre Goiânia. Em pesquisa no arquivo Hélio de Oliveira, realizada no dia 14 de julho de 2012 ele nos revela, em conversa, algumas lembranças do seu trabalho:

> Acompanhei o surgimento de Goiânia e fotografei toda sua história até me aposentar trabalhando no Governo do Estado. Fotografei muita coisa. Fui o primeiro a fotografar o presidente Juscelino escolhendo o local onde seria construída Brasília. Ele me disse ao descer do avião: Fotografa o presidente do Brasil pisando onde será a nova capital do Brasil. Eu olhava de um lado de outro e só via mato, ai eu pensava, esse homem tá é doido. (risos) (HÉLIO DE OLIVEIRA em entrevista realizada no dia 14 de julho de 2012.

Seu Hélio de Oliveira, desde que chegou a Goiânia com sua família, em 1935, reside em Campinas. Seu pai, Ozório de Oliveira, foi um dos primeiros construtores residenciais que veio para a cidade trabalhar na construção da mesma. Enquanto procurávamos, junto com seu filho, no arquivo fotográfico algumas imagens em que retratavam as primeiras feiras de Goiânia, ele ia nos relatando: "Eu me lembro da feira na Rua 04, de frente onde era o antigo Mercado Central, na verdade, quando eu ia no Mercado na frente dele tinha uns homens vendendo seus produtos. Funcionava como local de abastecimento para os vendedores do Mercado. Era como se fosse um CEASA[17]. Eu fotografei isso, fotografei sim".

Um dos moradores mais ilustres de Goiânia e um dos maiores estudiosos e escritores da cultura e da culinária do Centro-Oeste, Bariani Ortêncio também se recorda com afetuosidade da antiga feira da Rua 04. Seu Bariani, hoje com 89 anos, confessa ser frequentador e gostar de ir a algumas feiras de Goiânia, principalmente a Feira Dom Bosco e a Feira do Setor dos Funcionários. Vindo de Igarapava no interior de São Paulo, chegou à cidade, com a família, no ano 1938, quando estava com 15 anos. Seu Bariani abriu as portas de sua casa com enorme simpatia e com boa vontade foi nos expondo suas lembranças sobre os primeiros anos de Goiânia e a feira que já existia no espaço público da cidade no final da década de 1930. Aos poucos ele foi descrevendo como era a antiga feira da Rua 04 e explanando sobre alguns hábitos alimentares e costumes da população goianiense no início da construção da cidade:

> Aqui, sobre a alimentação, o povo de Goiânia não tinha não. Goiânia é uma cidade cosmopolita, feita por gente de fora (...) O povo daqui mesmo, aqui quase não tinha ninguém. Campinas era uma vila, uma cidadezinha né? A comida do povo era o trivial, o trivial quer dizer: arroz, feijão e carne. De verdura, alguém comia couve, mais nada. Tomatinho de tapera, aquele tomatinho né? Tomate maior, aquele tomatinho grande de colocar em salada, aqui não existia não, ninguém comia não. Ai, então o povo vinha, do interior, vinha com os cargueiros, né? Trazendo banda de toicinho salgado, guariroba, pequi e feijão, ia trazendo essas coisas pra vender. E tinha uma praça aqui, onde é que é hoje o Parthenon Center, ali era onde que eles instalavam os ranchos, as barracas, sabe? Os animais, ali onde é o Hotel Umuarama, ali tinha uma torneira com cocho, então que dava água para os animais ali. Então esse tipo de feira era o tipo de feira que eles faziam. Vendiam no lombo dos animais, punham as bancas improvisadas. Mais tudo essas coisas corriqueiras, era arroz, feijão, carne e guariroba. É carne de sol, porque carne fresca não tinha não. Não

[17] Centrais de Abastecimento de Goiás S.A (CEASA-GO) foi criada em 1970 através da lei nº 5.577, de 20/10/75 e regulamentada pelo Decreto nº 70.502, sendo integrante do Sistema Nacional de Centrais Abastecimento – SINAC**.**

> tinha açougue, nem nada não, então a carne era cortada no pasto mesmo no capim, punha as postas e salgava e vinha vender na cidade. Por isso que tem a Maria Isabel. A Maria Isabel é feita de carne seca e arroz. (BARIANI ORTÊNCIO em entrevista realizada no dia 16 de agosto de 2012).

A descrição da antiga feira da Rua 04, feita por Bariani Ortêncio se aproxima da de Dona Virgínia. A memória dos dois consegue compor uma narrativa sobre como era a feira e quais produtos eram vendidos nela, além de transmitir parte dos hábitos e costumes alimentares dos moradores de Goiânia nos seus anos iniciais. Percebemos que era uma alimentação simples, conceituada corretamente por Bariani como sendo uma alimentação trivial, que estava condicionada ao que a região produzia e estritamente ligada à produção das propriedades rurais próximas a cidade, as quais, atualmente, não existem mais como chácaras, sítios ou fazendas, pois foram submergidas pelo crescimento de Goiânia dando lugar para a construção de novos bairros.

Através das narrativas sobre a antiga Feira da Rua 04, podemos vislumbrá-la como uma feira pequena, com bancas improvisadas como se fossem ranchos cobertos de folhas, aproveitando as próprias carroças utilizadas para transporte dos produtos. Os feirantes eram pequenos produtores rurais que faziam o transporte da mercadoria nas costas dos animais e comercializavam o que era produzido e criado em pequena escala nas suas propriedades. Por isso não havia grande variedade na oferta do que era exposto, se resumia em alguns tipos de verduras menos perecíveis, como couve, guariroba, pequi, mandioca e carnes, que quando frescas precisavam ser consumidas rápidas devido às dificuldades de conservação e condicionamento. Sobre tudo isso, Bariani Ortêncio ainda completa:

> Então é o seguinte, quando vinha esses carregamentos, esses tropeiros que vinha, então vinha lá pelo toquinho, toquinho é onde hoje é a COMURG[18], ali no Córrego Cascavel. Ali tinha um poço, que o povo de Campinas ia tomar banho. Então ali, tem uma subida grande, então a gente ia lá esperar os cargueiros pra comprar mais barato deles lá. As vezes eles vendiam tudo que nem vinham pra aqui, aqui pra praça, aqui no Mercado (onde era a Feira da Rua 04). Ai, mas era só essas coisas: arroz, feijão, farinha, mandioca, verdura era pouca. Então nós paulistas, a gente plantava as coisas, e esse povo aqui falava que nós era coelho que comia folha, sabe (risos). Então era uma garfada ou outra de couve, que joga muito no feijão. Igual a feijoada come com couve né? (...) Então a feira era isso. Não era banca não sabe. Vendia muitas vezes no lombo do animal mesmo. E depois dela que surgiram as

[18] COMURG – Companhia de Urbanização de Goiânia.

> outras feiras. (BARIANI ORTÊNCIO em entrevista realizada no dia 16 de agosto de 2012).

Não encontramos documentos oficiais que apresentassem a existência da antiga Feira da Rua 04, mas as lembranças sobre ela são muitas. A imagem 23 mostra o antigo Mercado Municipal de Goiânia inaugurado em 1941. A imagem 24 nos traz os produtores rurais vendendo seus produtos na frente do antigo Mercado Municipal de Goiânia, local onde ocorria a feira citada por Dona Virgínia e Bariani Ortêncio, onde atualmente funciona o Hotel Umuarama. As imagens 25 e 26 mostram como esses lugares estão atualmente.



Imagem 11. Setor Central - Rua 4 – Vista aérea Mercado Central (Parthenon Center l975) – Foto: Hélio de Oliveira. Goiânia – Go. Acervo: Secretaria Municipal de Cultura - Divisão de Patrimônio Histórico.



Imagem 12. Produtores Rurais em frente ao antigo Mercado Municipal de Goiânia (1960). Foto Hélio de Oliveira. Goiânia – GO. Acervo Hélio de Oliveira.



Imagem 13. Rua 04 no Centro de Goiânia. Local onde ocorreu a primeira feira de Goiânia (Hotel Umuarama) e o primeiro Mercado Municipal (Edifício Pathernon Center). Fonte. GoogleEarth. 2012. Destaques em verde feitos pela pesquisadora. Acesso: Maio/2102



Imagem 14. Rua 04 no Centro de Goiânia. Local onde ocorreu a primeira feira de Goiânia (Hotel Umuarama) e o primeiro Mercado Municipal (Edifício Pathernon Center). Foto Kleber CB. Fonte GoogleEarth. 2012. Enviada em 09 de Maio de 2011. Acesso: Maio/2102

Segundo informações coletadas pela cineasta goiana Alyne Fratari e que deram origem ao filme "Histórias que moram no Mercado" (2004), os feirantes que atuaram na Feira Livre da Rua 04 foram "incentivados" pelo governo municipal a se transferirem e exporem seus produtos no Mercado Municipal. O Mercado foi inaugurado em 1941. Este pode ser considerado o motivo que levou ao fim da feira da Rua 04. O filme narra histórias do Mercado Central de Goiânia a partir das memórias dos seus permissionários mais antigos, no qual mostra que eles ainda guardam um sentimento de pesar ao se lembrarem da transferência para o Mercado. Alguns ficaram esperando por vários anos, o retorno para a feira.

Segundo Bariani Ortêncio "A feira da Rua 04 acabou porque ali foi feito o Mercado. Então a feira já passou para dentro do Mercado. Os feirantes foram pra dentro do Mercado. Eles tinham o direito de requerer lá e pagava imposto, tinha umas pessoas que tinha isenção". Alguns pesquisadores afirmam que a Feira da Rua 04, foi o princípio do Mercado Municipal.
O primeiro Mercado Municipal de Goiânia foi inaugurado em 1941, a construção foi acompanhada pelo primeiro Prefeito, Venerando de Freitas Borges, que tomou medidas para incentivar o pequeno produtor.

Em mais um momento da história de Goiânia, as transformações e mudanças pelas quais a cidade passou trouxe novas necessidades e exigências urbanas, assim, o Mercado

Municipal de Goiânia, inaugurado no ano de 1941, não existe mais. Ele foi derrubado para a construção do Edifício-Garagem Parthenon Center. E em 1986 foi transferido para outro prédio menor localizado entre a Rua 03 e a Av. Anhanguera, onde permanece até os dias atuais com o nome de Mercado Central de Goiânia.

Os primeiros bairros da capital foram também pioneiros em receberem nas suas ruas as tradicionais feiras livres, dentre eles estão: Campinas, Setor Central (regiões próximas a Praça Cívica, do antigo Bairro Popular[19] na Rua 74 e do Bosque dos Buritis, onde ainda hoje existe a Feira Dom Bosco) e Bairro Botafogo. Na década de 1940, mais feiras livres foram surgindo em outros espaços públicos da cidade, boa parte delas com o apoio da administração municipal e a pedido da própria população. A edição nº 814 do Jornal O Popular, do dia 10 de abril de 1947, noticiou o fato de que constituiria uma "Feira Livre para o Bairro Popular" e que esta havia sido solicitada pelos moradores da região, e assim nos relata:

> De a muito os habitantes do Bairro Popular e da Vila Militar, os mais populosos de Goiânia, anseiam pela instalação de feira, em face da distancia que separam aqueles setores do Mercado Municipal, fato que acarreta grandes dificuldades e contratempos para as donas de casa ali residentes. Confiadas, agora nos propósitos progressistas do prefeito Ismerino Soares a população daqueles bairros dirigiu-lhe um memorial pleiteando a abertura de feira livre numa das praças daquela zona – providência fácil que viria beneficiar quase dois terços da população desta Capital, além de constituir um embaraço ao câmbio negro dominante, pelo estabelecimento de contato direto entre o consumidor e o pequeno produtor. O memorial, fundamentado em argumento de várias ordens, está assinado por cerca de 350 pessoas, sendo que cada assinatura corresponde a um representante de cada casa; o que vale dizer que o pedido é feito por 3000 pessoas em média. Considerando a natureza razoável do pedido e as vantagens que advirão da iniciativa, é certo que o Sr. Prefeito Municipal não deixará atenção. (Jornal O Popular, 10 de Abril de 1947. nº 814, Ano X, 1ª página).

Na edição posterior, o mesmo jornal noticiou que a Prefeitura havia liberado a formação da feira no Bairro Popular através de uma Portaria, isso ocorreu dois dias após o poder municipal receber as assinaturas dos moradores, dessa forma foram criadas duas feiras livres no mesmo local, uma ocorreria nas segundas-feiras e a outra nas quintas-feiras, o que pode ser observado conforme citação abaixo:

---

[19] Em 1947, a ocupação urbana de Goiânia restringia-se a Campinas e ao Setor Central, compreendendo também os Setores Sul, Oeste e Norte (Bairro Popular) que posteriormente foi incorporado ao Setor Central.

> Em uma de nossas edições passadas tivemos a oportunidade de noticiar que os habitantes da Vila Militar e Bairro Popular dirigiram um memorial ao Prefeito Ismerino Soares de Carvalho, pedindo a criação de feiras livres numa das praças daquela zona. Atendendo a esse apelo, o governador de Goiânia acaba de baixar a portaria nº 528, datada de 12 do corrente, criando feira livres, as segundas e quinta-feiras, na praça situada entre as ruas 57 e 74. . (Jornal O Popular, 17 de Abril de 1947. nº 816, Ano X, 1ª página).

A situação acima nos expõe que a aceitação dos goianienses pelas feiras já incidia no início de Goiânia, além de transparecer que, se parte da população solicitou ao poder público a criação de mais feiras livres, as que já existiam estavam alcançando sucesso, porém não conseguiam atender as necessidades da população que crescia a cada ano. Dessa forma, aquela cidade que veio ser moderna, trazer o novo e a inovação, por fim voltou-se e se rendeu a tradição acolhedora das feiras; possibilitando que isso estivesse presente no decorrer de toda história da cidade, e compusesse um dos elementos que integram a cultura do goianiense, que é ir para a feira trabalhar, comprar, passear, comer, conversar e "viver".

Analisando as informações, podemos compreender que a Feira do Bairro Popular surgiu no lugar onde foi construído o Mercado Popular. A praça citada na notícia do Jornal, situada entre as Ruas 57 e 74 (atual rua Alfredo Nasser), serviu de local para a construção deste Mercado no ano de 1952. Assim sendo, mais uma situação em Goiânia, como ocorreu com a antiga Feira da Rua 04, a feira antecedeu o Mercado, aproximando-se do que Fernand Braudel (2009, p. 19) observa: "Por toda a parte, o aumento das trocas levou as cidades a construir mercados (*halles*), isto é, feiras cobertas, muitas vezes rodeadas pelas feiras ao ar livre. São quase sempre mercados permanentes e especializados." Com o Mercado, as vendas que nas feiras ficam limitadas a alguns dias da semana, tornam-se diárias.

As imagens a seguir ilustram local onde, provavelmente, foi instalada a antiga Feira do Bairro Popular em 1947 e igualmente erigido o Mercado Popular cinco anos depois. Este Mercado funciona ainda hoje no mesmo local, e passou, em 2009, por um processo recente de revitalização e recuperação, que respeitou o formato original e a fachada *art déco* do prédio. Além de manter o comércio tradicional de alguns produtos da cultura goiana, o espaço vem

sendo utilizado para shows[20], exposições de arte e artesanato, ainda, aos sábados, das 07:30 as 11:30 ocorre a Feira Agroecológica do Mercado Popular.



Imagem 15. Localização da Rua 57 com a 74 em Goiânia. Local que surgiu a antiga feira do Bairro Popular em 1947 e também foi construído o Mercado Popular em 1952. Fonte GoogleEarth. Grifos em verde da pesquisadora. Acesso: Maio/2102



Imagem 16. Rua 57 com a 74 e Fundo do Mercado Popular em Goiânia. Local que surgiu a antiga feira do Bairro Popular em 1947 e também foi construído o Mercado Popular em 1952. Fonte GoogleEarth. Acesso: Maio/2102

[20] O *Happy Hour* no Mercado Popular é realizado pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico (SEDEM), em parceria com a Secretaria de Cultura. Todas as sextas-feiras atrações culturais como dança e música regional acontecem no local.



Imagem 17. Rua 74 (Atual Av. Alfredo Nasser) e entrada do Mercado Popular em Goiânia. Local que surgiu a antiga feira do Bairro Popular em 1947 e também foi construído o Mercado Popular em 1952. Fonte GoogleEarth. Acesso: Maio/2102

Até o final da década de 1940, outras feiras livres foram autorizadas e criadas pela Prefeitura em Goiânia a pedido dos moradores. O Prefeito Ismerino Soares recebeu elogios da imprensa na época, por ter apoiado a instalação de novas feiras pela cidade. Isso pode ser observado nos trechos colocados abaixo e extraídos do Jornal O Popular:

> "Feira Livre no Bairro Botafogo e em Campinas". Segundo fomos informados, o Dr. Ismerino Soares, prefeito desta Capital atendendo um pedido de vários moradores do Bairro Botafogo, vai criar uma feira-livre entre aquele bairro e o de Vila Nova, em local ainda a ser escolhido. Esta providência do governador da cidade vem merecendo gerais aplausos uma vez que atende dois populosos bairros e proporcionará ensejo aos seus habitantes de adquirirem, talvez por preços mais módicos, artigos de que necessitam. Registramos, assim, esse acontecimento, que não deixa também de ser um índice de que s.s está interessado em resolver, na medida do possível, os problemas daquela laboriosa gente merecedora, realmente, do amparo do governo. Pretende o Dr. Ismerino Soares criar também no Bairro de Campinas, conforme fomos informados, mais uma feira-livre. O local será escolhido durante esta semana. (Jornal O Popular, 04 de Maio de 1947. nº 821, Ano X, 2ª página).

A promessa de criar em Campinas mais uma feira livre cumpriu-se pela administração do Prefeito Ismerino Soares alguns dias após a publicação da notícia acima. O local escolhido para a instalação da Feira foi a Avenida Paraíba, esquina com a Rua Santa Luzia, e a

autorização ocorreu por meio de uma Portaria, conforme podemos comprovar através do trecho adiante:

> Criadas feiras livres no Setor Campinas
> Acaba de ser baixada a seguinte portaria que tomou o nº 547:
> "O Prefeito Municipal de Goiânia, no uso de suas atribuições, resolveu criar "FEIRAS LIVRES", às quartas-feiras e aos domingos, a Avenida Paraíba – esquina com a rua Santa Luzia, no Setor Campinas desta Capital."
> Cumpra-se:
> Gabinete da Prefeitura Municipal de Goiânia, em 26 de junho de 1947.
> Ismerino Soares de Carvalho
>
> Assim, pois, Campinas terá mais uma feira livre, a realizar-se as quartas e aos domingos num dos pontos centrais daquele importante setor. (Jornal O Popular, 03 de Julho de 1947. nº 838, Ano X, 2ª página).

Torna-se perceptível que o poder público interferiu na criação e organização das primeiras feiras de Goiânia, com exceção da antiga feira da Rua 04, pois esta aparenta ter surgido de maneira espontânea, através da ação dos pequenos produtores que se deslocavam de suas chácaras, próximas à Goiânia, para exporem e vender o que era produzido pelas suas próprias mãos. Ainda na década de 1940 tomaram-se algumas medidas que reconheciam a importância de regularizar e organizar o funcionamento das feiras livres, ou o que poderia ser comercializado nelas, além de mencionarem também a necessidade de fiscalização ocorrendo continuamente nas mesmas. O trecho extraído da edição de número 1030 do Jornal O Popular corrobora esta informação:

> "Feira em Goiânia" O Vereador José Rodrigues Naves Junior apresentou à consideração da Câmara Municipal desta Capital um projeto de lei instituindo feiras livres em Goiânia, Goiandira, nos bairros e povoados deste município. De conformidade com o artigo 4.0 desse projeto será permitido nessas feiras livres o comercio de gêneros alimentícios, cereais em geral, legumes, aves, ovos, hortaliças, latarias, produtos frescos e em conservas, assim como armarinho e outros objetos de utilidade doméstica. O funcionamento dessas feiras nesta Capital, de acordo ainda com o referido projeto, deverá ser diário do segundo ao sexto dia da semana, nos locais que a Prefeitura determinar. (Jornal O Popular, 21 de Julho de 1949. nº 1030, Ano XII, 2ª página)

As primeiras feiras livres de Goiânia, como a Feira da Rua Pará em Campinas, a antiga Feira da Rua 04 e Rua 74 no Setor Central, não permaneceram. Estas duas foram substituídas para a construção dos Mercados. Tudo leva a crer, que a feira da Rua Pará e

outras que surgiram logo após, foram surpreendidas pelas rápidas transformações urbanas ocorridas na cidade, causadas, principalmente, pelo acelerado aumento populacional. Entendemos que isso seja uma das razões, junto com as mudanças de mercado, para que algumas feiras livres de Goiânia fossem transferidas para outros locais e até mesmo desvanecidas. As modificações urbanas trouxeram a necessidade de ter ruas mais livres e largas para comportar o aumento no tráfego de carros, de novas construções para atender o comércio e os moradores e de reorganizar as áreas mais centrais da cidade, como o Setor Central e Campinas que concentram, atualmente, o comércio atacadista, varejista e as instituições administrativas. As feiras livres que permaneceram adjacentes a estes locais, como a Feira Dom Bosco (Setor Central) e Feira do Setor Centro-Oeste ou dos Funcionários (próximo a Campinas), foram colocadas em ruas pequenas que não são, expressivamente, utilizadas como vias de acesso para outras ruas de grande procura e movimentação.

Após os anos 1950 e, principalmente, 1960, Goiânia foi atingida em passo acelerado pela modernização. Recebendo a influência da agitação e das expectativas advindas com a construção e transferência da capital federal para Brasília. Assim, Goiânia se transforma e começa adquirir efetivamente características de uma metrópole. Para o historiador Eliézer Cardoso de Oliveira:

> A construção de Brasília, a menos de 200 quilômetros de Goiânia, gerou nesta um surto de otimismo progressista que não se via desde 1942 nos festejos de inauguração da cidade. Brasília seria o final da *Marcha Para Oeste*, iniciada com a construção de Goiânia nos anos 30. Desse modo, as duas cidades, ambas planejadas com as mais modernas teorias urbanísticas disponíveis em suas épocas, destinadas a serem centros administrativos e destinadas a trazer progresso para o Brasil e para Goiás respectivamente, ambas filhas do saber moderno, eram vistas como *cidades-irmãs*. Goiânia, como irmã mais velha, forneceria todo apoio necessário para que se efetivasse a construção da *cidade-caçula*. (OLIVEIRA, 1999, p. 71)

Goiânia, a "irmã mais velha" assistiu, o surgimento de novos bairros, principalmente localizados nas regiões norte, oeste e leste da cidade, e o seu crescimento demográfico[21] que ocorreu de maneira considerável neste período. A realidade que fora se configurando fez com que os problemas urbanos e sociais se intensificassem, surgindo, assim, maior dificuldade de

[21] Segundo dados do IBGE, extraídos da pesquisa realizada por Eliezer Cardoso de Oliveira "As imagens da mudança cultural de Goiânia" (UFG-1999), o Censo demográfico registrou um aumento populacional em Goiânia de 74.781 no ano de 1955, 135.505 em 1960, 251.000 em 1965, 389.784 em 1970 e 817.343 em 1980.

infraestrutura na cidade, através da necessidade de saneamento básico, transporte coletivo, habitação, sistema de saúde, reorganização da cidade, etc. O poder público tomou medidas para tentar solucionar os entraves urbanos de forma que mantivesse a qualidade de vida da população. Deste modo, a construção de Brasília impulsionou, novamente, os discursos de progresso, desenvolvimento e modernização para Goiânia e consequentemente afetou parte do comportamento e dos costumes dos goianienses, surgindo novas práticas consideradas mais "modernas", assim:

> A partir da década 60, até o início dos anos 80, Goiânia passou por mudanças que afetaram os indivíduos em termos mentais. Isto é, muitos dos valores provincianos analisados anteriormente foram substituídos por novas práticas de relacionamentos sociais afins, ao tipo de comportamento que surgiu com o advento da modernidade – o comportamento metropolitano. (OLIVEIRA, 1999, p. 70)

Na noção acima, as mudanças modernas afetaram os valores tradicionais presentes nas práticas socioculturais dos goianienses. Contudo, mesmo com a modernidade alguns resquícios dos costumes tradicionais foram e ainda são encontrados em Goiânia. As novas relações sociais que foram se estabelecendo na cidade criaram um cenário propício para que ocorresse a coexistência entre o tradicional e o moderno; e uma das formas de exemplificar essa situação encontra-se na permanência e no aumento das feiras livres (tradição) enquanto a cidade crescia e se "modernizava".

Segundo informações encontradas no Jornal O Popular do dia 01 de Janeiro de 1977 (nº 8.982, Ano XL, Página 20), podemos identificar a existência de 25 feiras livres em Goiânia, neste mesmo ano. As feiras livres eram anunciadas no jornal através da sessão "Agenda", e indicava o bairro e dia da semana de funcionamento de cada uma. Abaixo, trazemos as feiras livres que aparecem nesta edição do jornal:

- **Segunda-feira**: Setor Aeroporto, Fama, Cidade-Jardim.
- **Terca-feira**: Matriz, Dom Bosco, Nova Suíça.
- **Quarta-feira**: Norte Ferroviário, Jardim Novo Mundo, Setor Palmito, Setor Coimbra, Setor Sul.
- **Quinta-feira**: Setor Aeroporto, Setor Universitário, Setor dos Funcionários, Jardim América.

- **Sexta-feira**: Vila Nova, São José, Dom Bosco, Setor Sudoeste, Bairro Feliz, Rua 203/Setor Coimbra.
- **Sábado**: Setor Sul, Fama, Cidade-Jardim, Vila Novo Horizonte.
- **Domingo**: Vila Nova, Setor dos Funcionários, Vila União, Jardim América, Setor Pedro Ludovico, Vila Redenção, Setor Universitário, Setor Palmito, Parque Amazonas, Jardim Guanabara.

Algumas dessas feiras livres não existem mais, como a Feira da Matriz (Campinas), do Setor Norte Ferroviário e do Setor Coimbra da Rua 203. As outras feiras livres, citadas acima, permanecem na cidade, todavia algumas passaram por questões de transferência de locais. Isso aconteceu com a maior parte das feiras livres, tais como do Setor Aeroporto, Setor Coimbra, Setor Sul, Setor Jardim América, Setor dos Funcionários e atualmente está acontecendo com a Feira Livre do Jardim Guanabara[22].

A feira livre do Setor Aeroporto acontece, atualmente, na Rua11-A entre as quadras 15A e 22ª, durante todas as manhãs de quinta-feira. Na década de 1960 a feira acontecia na principal praça do bairro, onde durante os anos de 1930 e 1950 funcionava o primeiro aeroporto de Goiânia[23], ou como alguns diziam ironicamente, uma pista de pouso. Devido à proximidade com o centro da cidade e pela necessidade de ter na cidade um aeroporto maior, logo este foi retirado do seu local de origem e transferido para onde hoje funciona. A imagem, na próxima página (Imagem 18), é uma vista aérea produzida pelo fotógrafo Hélio de Oliveira nos anos 1960, por volta de 1966 e retrata o momento em que a feira ocorria na Praça Santos Dumont, grifo em verde (feito pela pesquisadora) sinaliza a feira.

A Feira Livre do Setor Sul acontece durante as manhãs de quarta feira no CEPAL[24] do Setor Sul. Porém, segundo relatos de alguns feirantes a feira principiou na Praça Cívica depois foi transferida para a Rua 94-A no Setor Sul, próximo ao Centro Cultural Martim

---

[22] O Secretário Municipal de Desenvolvimento Econômico, José Sebba Júnior, informou em entrevista realizada para esta pesquisa, que a SEDEM e a SEPLAM estão estudando novo local para instalar a Feira Livre do Guanabara, pois sua localização está trazendo alguns transtornos ao bairro. Para ele, a feira não é culpada, e sim o fato do próprio bairro ter se transformado com o passar dos anos.

[23] O primeiro aeroporto de Goiânia foi implantado em meados da década de 30 na atual Praça Santos Dumont ou Praça do Avião no Setor Aeroporto. Era um aeroporto modesto, com uma concepção baseada na realidade da época, mas que atendeu à sua finalidade até ate a década de 50.

[24] Centro Popular de Abastecimento e Lazer do Setor Sul, construído em 1989 durante o mandado do ex prefeito Nion Albernaz.

Cererê, lá ficou até a construção do CEPAL em 1992. Seu Hélio de Oliveira também se recorda dessa feira: “Tinha uma feira livre na Praça Cívica. E muito antes da Feira Hippie. Era uma feira grande, boa. Eu ia muito lá. Gostava de ir. Depois eles (Prefeitura) colocaram ela no Setor Sul mesmo” (HÉLIO DE OLIVEIRA em entrevista realizada em 14 de julho de 2012).

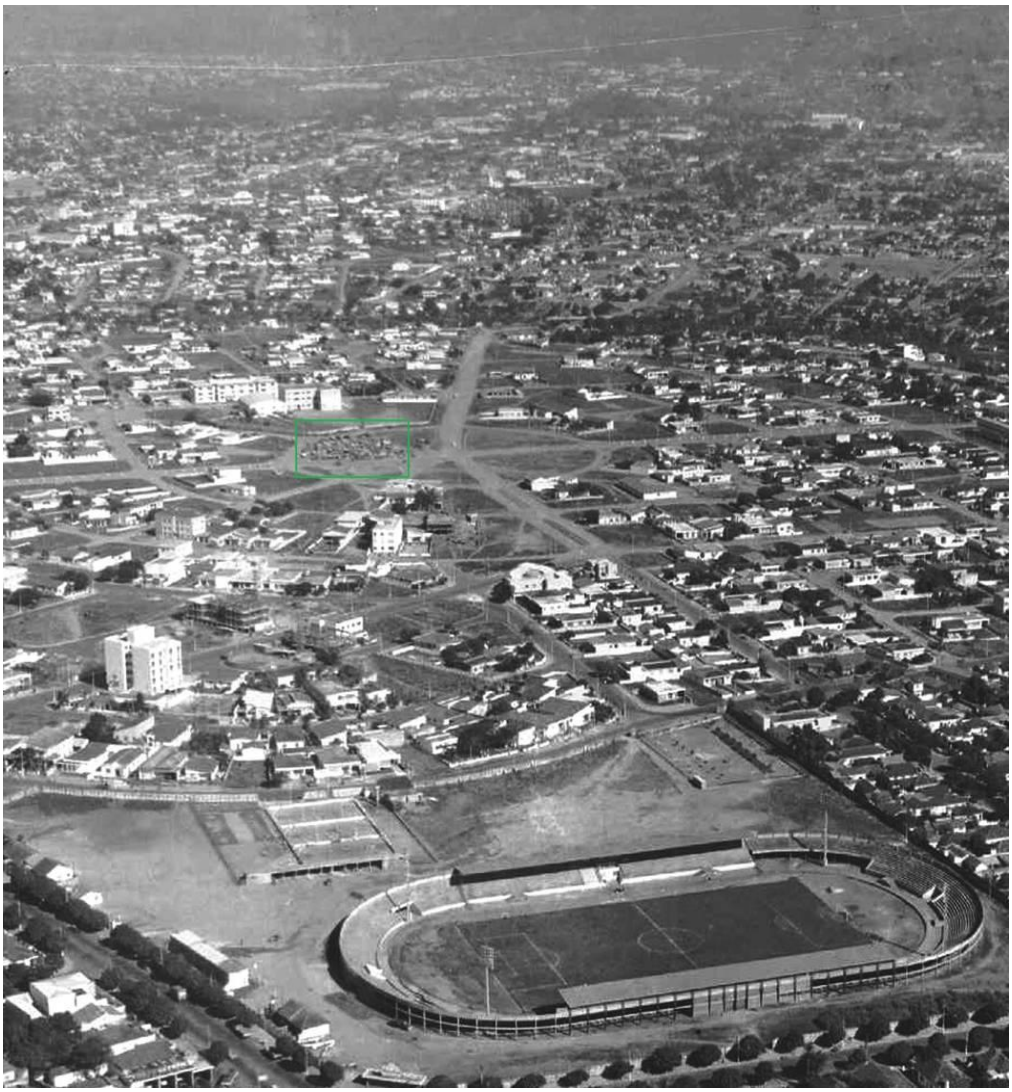


Imagem 18. Vista aérea do Setor Aeroporto em Goiânia. Foto Hélio de Oliveira. Acervo Hélio de Oliveira. Anos 1960.

O feirante que trabalha na feira livre Dom Bosco, por mais de 40 anos, Seu José Alexandre, veio de Mossoró-RN para Goiânia em 1953 e em 1968 começou a trabalhar na feira que existia na Praça Cívica, assim ele nos relata:

> Olha acho que uma das primeiras feiras de Goiânia era uma que tinha na Praça Cívica. Você sabia que lá tinha uma feira? Então lá tinha uma feira de frutas e verduras, igual essa aqui. Eu cheguei em Goiânia em 1953, tinha 20 anos. Aqui não tinha nada, era tudo mato. E comecei trabalhar como feirante em 1968 nessa feira lá na Praça Cívica. Tem mais de 40 anos que sou feirante. Sempre gostei. Então, mais depois eles tiraram a feira de lá, e colocaram ela ali, ali naquela rua do teatro, lá pra cima. Ai só depois que ela foi lá pro CEPAL. Então, moça, essa feira que tem lá no CEPAL que é a feira da Praça Cívica. E eu faço feira lá até hoje. (JOSÉ ALEXANDRE, Feirante, vendedor de bananas, em entrevista realizada na Feira Dom Bosco no dia 09 de setembro de 2011.)

As imagens adiante (19 e 20) mostram a Praça Cívica, nos anos 1960 e a feira livre que funcionava no seu lado esquerdo. A foto captada pelas lentes de Seu Hélio de Oliveira, durante a construção do Palácio Pedro Ludovico, registrou a feira livre que realmente existia na Praça Cívica. Pela imagem é possível notar que, realmente, a feira não era muito pequena e acontecia próxima ao início da Rua 10 e do Museu Zorostra Artiaga, onde atualmente funciona o Tribunal de Contas do Estado de Goiás. A mudança da feira aconteceu, provavelmente para a construção do edifício do Tribunal, no entanto não encontramos documentos que corroborassem essa hipótese, porém é perceptível que o funcionamento de uma feira neste local, nos dias atuais, traria alguns transtornos, por ser uma das regiões mais movimentadas da cidade.

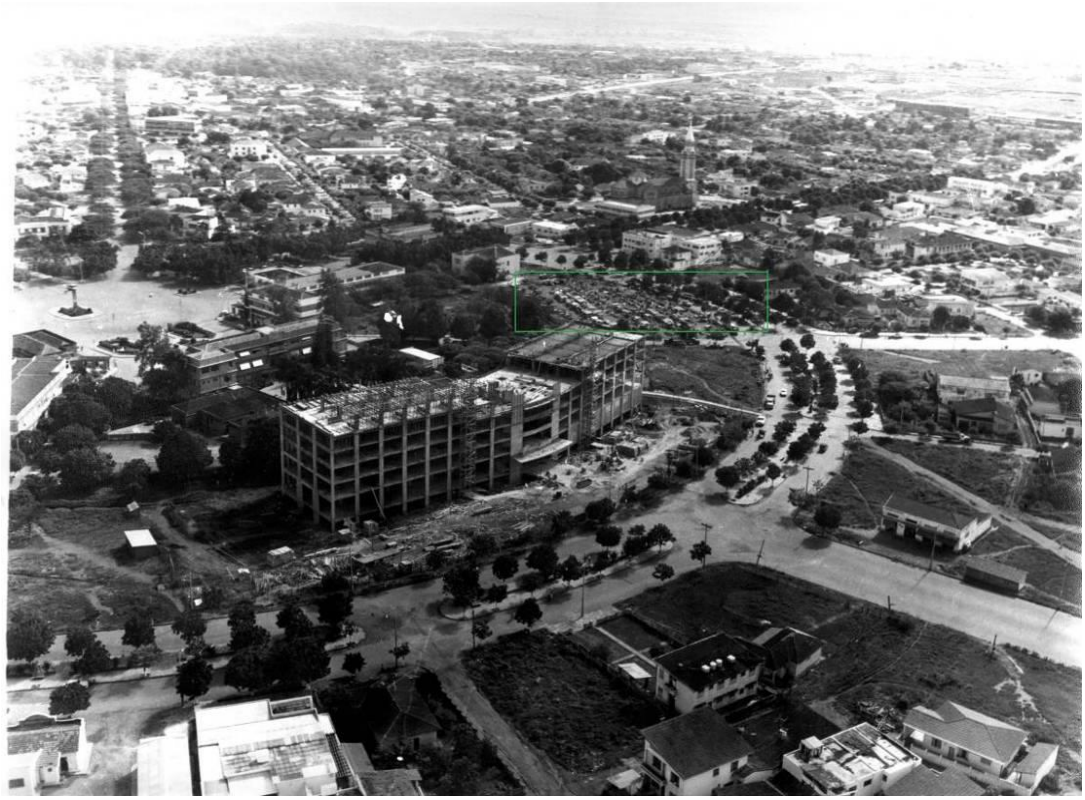


Imagem 19. Vista aérea da Praça Cívica durante a construção do Palácio Pedro Ludovico. Foto Hélio de Oliveira. Acervo Hélio de Oliveira. Anos 1960. Grifo em verde feito pela pesquisadora.



Imagem 20. Destaque da Feira da Praça Cívica extraído da foto anterior. Foto Hélio de Oliveira. Acervo Hélio de Oliveira. Anos 1960.

Conforme a cidade foi crescendo, modificando e a sua história foi acontecendo, outras feiras foram surgindo e se espalhando pela cidade. Notamos que a presença das feiras, do

trabalho do feirante e do costume de frequentá-las sempre esteve presente na cidade de Goiânia. Na década de 1970 começa a surgir na cidade outro tipo de feira, que não possuía como foco a exposição de produtos alimentícios (hortifrutti) e sim de artesanato. Através da Feira Hippie uma "nova" categoria de feira surgiu na cidade, à feira especial. Os primeiros expositores da Feira Hippie colocavam a venda produto como calçados, vestuário, obras de arte (telas, esculturas, pinturas), livros etc. Aos poucos a feira foi adquirindo destaque, novos feirantes e em seus corredores foi sendo incorporada a venda de outros produtos. O "sucesso" da Feira Hippie possibilitou e incentivou o surgimento de outras feiras com aspectos semelhantes aos seus, tais como a Feira da Lua, Feira do Sol, Feira das Nuvens, Feira do Jacaré, Feira da OVG, etc.

Neste contexto, podemos considerar que estas feiras de Goiânia receberam a influência do consumo da maneira que ele se configura hoje; modificando uma das práticas sociais fortemente presente em quase todas as culturas. Fica visível a existência da cultura de consumo que representa um dos fatores que comprovam o processo de desincorporação e posteriormente de reincorporação das formas tradicionais pelas formas sociais industriais, sendo isso o que iremos analisar adiante.

2.2. Goiânia convivendo com as feiras

As teorias urbanas se intensificaram a partir do século XX, e vieram para tentar dar respostas aos evidentes problemas sociais e territoriais derivados do acelerado processo de urbanização impulsionado pela industrialização e pelo fortalecimento da economia de mercado. Com isso foram elaborados conceitos e teorizações importantes para explicar tanto a própria realidade urbana quanto as relações de poder e dominação existente nos espaços urbanos e as consequências geradas por estes na vida dos indivíduos.

Assim sendo, percebemos que as cidades se configuram como núcleos bastante dinâmicos, carregados de contradições, são centros de convergência de processos das mais variadas formas e ordens, contexto, no qual se desenvolvem vários processos e fenômenos sociais. Ao pesquisar sobre as feiras de Goiânia, não poderíamos desconsiderar que elas são, um dos elementos que ocorrem rotineiramente na cidade. A cidade é vista aqui como uma categoria social detentora de uma variável explicativa e de "uma potência social capaz de

gerar através de sua influência as mais diferentes consequências sociais" (OLIVEN, 2007, p.18), e as feiras são uma dessas consequências.

Viver em uma cidade, não significa que a conhecemos por completo. Na maioria das vezes não conseguimos notar os vários fenômenos urbanos que estão presentes nos espaços que a compõe. São esses fenômenos que formam as especificidades presentes em cada paisagem urbana. E na paisagem urbana de Goiânia, é impossível não notar a enorme quantidade de feiras que existem e convivem na cidade.

Quase todo bairro de Goiânia possui uma feira. Na década de 1990, houve a criação de várias feiras especiais. Permanentes ou temporárias, semanais, cíclicas, informais etc., elas se espalharam pelo tecido urbano da cidade. Mesmo em meio a um emaranhado de *shoppings centers*, supermercados, lojas de departamento, comércio varejista e atacadista; as feiras especiais recebem um grande público que muitas vezes vem de outras cidades para encontrar produtos de preço baixo e assim revendê-los. No caso das feiras livres a procura ainda é grande por produtos mais frescos e de melhor qualidade, pois se acredita que os produtos vendidos na feira contêm menos agrotóxicos do que os encontrados nos supermercados

Estão registradas na Prefeitura, mais de 126 (cento e vinte seis) Feiras Livres, 35 (trinta e cinco) Feiras Especiais, (1) uma Feira Especial coberta (Feira Especial da Av. Paranaíba, Setor Central), 3 (três) Mercados fechados (Mercado Central de Goiânia[25] na Rua 03, Setor Central; Mercado Popular da Rua 74, Setor Central e Mercado Popular de Campinas na Rua Benjamim Constant, Setor Campinas), 2 (duas) Feiras Especiais Particulares (Feira do Cerrado e Feira da Estação). Totalizando 167 feiras regularizadas pela Prefeitura.

No decorrer da pesquisa, caminhando pelas feiras, conversando com as pessoas, recolhendo dados, fazendo entrevistas, percebemos que Goiânia não possui uma feira que seja mais representativa para si do que outra. Algumas se destacam mais pelo valor histórico, turístico, econômico, mas os valores culturais encontrados nelas são praticamente os mesmos, os quais acabam sendo os responsáveis por compor uma das referências culturais do goianiense, o habito de frequentar feiras.

---

[25] O Mercado Central, o primeiro construído pela Prefeitura de Goiânia, conforme noticiado pelo Jornal O Popular no dia 03 de Agosto de 1941 (Ano IV, nº 312, página 02), foi inaugurado no dia 01 de Agosto de 1941, como "O Maior Mercado do Brasil Central". Segundo as notícias do jornal, a construção do mesmo, foi acompanhada de perto pelo primeiro prefeito de Goiânia, Venerando de Freitas Borges, e no dia 18 de janeiro de 1942, foi assinado por ele o Decreto-Lei nº 435 que determinou por muitos anos as disposições para o funcionamento regular do Mercado.

Segundo Vinícius Santana Alencar, Diretor na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico (SEDEM) de fiscalização das feiras especiais, a SEDEM não possui dados concretos de quantas denúncias e reclamações são feitas durante o ano sobre os transtornos e problemas trazidos pelas feiras. Isso ocorre porque no momento que elas são feitas, iniciam-se os procedimentos de averiguação e caso seja confirmada a denúncia, imediatamente são tomadas as medidas para solucioná-las. Todavia, conforme ele afirma "Há sempre os vizinhos que gostam e os que não gostam, mas estes são poucos. As maiores reclamações são referentes ao surgimento de novas feiras sem autorização, as feiras que já existem e estão consolidadas são raras as denúncias e reclamações feitas por moradores".

Frequentar as feiras é algo, constantemente, presente no modo de viver dos goianienses, elas estão sempre cheias de pessoas que transitam entre as bancas. As feiras são utilizadas como forma de lazer e lugar de convivência por muitas pessoas que as frequentam para passear, comer pastel com caldo de cana (garapa), empadão goiano, vários tipos de tortas doces e diferentes tipos de comidas que misturam sabores de múltiplas partes do mundo; outras pessoas procuram as feiras não apenas para comprar, mas para andar sem obrigação, conversar com os amigos e colegas conquistados entre idas e vindas nos corredores das feiras.

Alguns moradores entrevistados destacam como a melhor feira de frequentar, aquela próxima a sua residência. Com isso, percebemos que existe uma preferência de não se deslocar por longas distâncias para ir até a feira, principalmente, quando a intenção é a compra de produtos alimentícios que são comercializados nas feiras livres. Nesse sentido, não foi possível construir uma afirmativa de qual feira é mais representativa para a cidade. Com a enorme quantidade de feiras que existe em Goiânia, o fato de novas poderem surgir e de que não há referência, segundo a SEDEM, do desaparecimento de feiras na cidade, transparece o gostar do goianiense de feiras. Sobre isso, uma das moradoras de Goiânia revela:

> Gosto muito desta cultura nossa que preserva todos os tipos de feira. É uma opção para o cidadão que quer consumir dos mais variados tipos de produtos, além de manter nossa tradição ajuda a divulgar nossas raízes, pois estes espaços são verdadeiros conglomerados culturais. (PATRÍCIA QUIRINO, Advogada, nascida e criada em Goiânia).

As imagens que trazemos a seguir apresentam a realidade descrita nos parágrafos anteriores, e ilustram um pouco da relação que os goianienses possuem com as feiras que

existem na cidade.



Imagem 21. Movimentação nas Feiras. Feira do Cerrado. Goiânia-GO. Junho/2012. Foto: Arquivo pessoal da



Imagem 22. Movimentação nas Feiras. Feira do Cerrado. Goiânia-GO. Junho/2012. Foto: Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 24. Avô e neto indo comprar e passear na Feira Livre do Setor Urias Magalhães. Paulo César B. Gonçalves, Bancário Aposentado, nascido em Piracanjuba-Go, morador de Goiânia há 27 anos e Miguel Faria Q. Gonçalves de 1 ano e 7 meses. Goiânia-GO, Jan/2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 25. Barraca de Yakisoba. Feira da Lua. Goiânia-GO. Maio/2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 26. Barraca de empadão goiano. Feira da Lua. Goiânia-GO. Maio/2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 27. Feirantes e tortas doces vendidas nas feiras especiais de Goiânia. Feira da Lua. Goiânia-GO. Maio/2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 28. Praças de alimentação das feiras em Goiânia como espaço de lazer e sociabilidade. Feira da Lua. Goiânia-GO. Maio/2012. Foto Arquivo pessoal da

Especiais, livres, abertas, fechadas, as feiras de Goiânia estabelecem uma forte relação econômica, social e cultural com a cidade, oferecendo-lhe uma das características comuns existentes nas cidades ocidentais, pois segundo o historiador francês Fernand Braudel (2009, p. 14) "A cidade do Ocidente sorveu tudo, submeteu tudo à sua lei, às suas exigências, aos seus controles. A feira tornou-se uma das suas engrenagens". Portanto, as feiras foram e são importantes para dar movimento em muitas situações existentes nas cidades. Assim sendo, segundo Braudel:

> Sob sua forma elementar, as feiras ainda hoje existem. Pelo menos vão sobrevivendo e, em dias fixos, ante nossos olhos, reconstituem-se nos locais habituais de nossas cidades, com suas desordens, sua afluência, seus pregões, seus odores violentos e o frescor de seus gêneros. (idem, p. 14).

Aproveitamos as análises do historiador francês Fernand Braudel, presentes em sua obra "Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV – XVIII. Os jogos das trocas" (2009), pois elas observam o que faz das feiras um dos importantes instrumentos da economia de mercado mais comuns aos centros urbanos. Mesmo partindo para uma análise das imbricações e antagonismos existentes nos *Jogos das trocas* da economia de mercado e no

capitalismo, Braudel expõe como se davam as relações sociais e culturais das feiras com algumas cidades da Europa durante o período de consolidação do capitalismo. Muitas das apreciações feitas por Braudel nos serviram para entender alguns aspectos existentes nas feiras de Goiânia.

Em Goiânia, igualmente a várias cidades no mundo, as feiras sempre estiveram presentes no seu espaço urbano, e hoje desempenham um importante papel junto à sociedade. Segundo informações passadas pela SEDEM, a importância social e econômica das feiras de Goiânia se traduz em números, pois atualmente, esta mesma Secretaria Municipal, possui o cadastro de 14.713 feirantes especiais e nove mil feirantes de feiras livres, números estes correspondentes ao total de barracas autorizadas em todas as feiras especiais e livres. Assim, geram-se mais de 23 mil empregos diretos e em torno de 60 mil indiretos. Este número justifica-se no fato de que em cada banca, geralmente existe mais de uma pessoa trabalhando, e os feirantes que trabalham na área de confecção[26], normalmente, pagam uma pessoa para cortar tecido, outra para costurar - facções - outra para dar o acabamento nas roupas, bordar e colocar botões.

Com essas informações e baseando-se nas análises de Braudel (2009, p. 64) sobre "*As grandes feiras, velhas ferramentas constantemente remodeladas*", apreendemos que as feiras de Goiânia conquistaram virtuosamente seus espaços na cidade. Elas adquiriram força de permanência e são aceitas pela maioria da sociedade goianiense, que mantém em seus costumes a tradição de frequentar feiras, tornando-as, assim autênticas para a cidade, pois "As verdadeiras feiras são aquelas para as quais a cidade inteira abre suas portas. Então, ou a feira submerge tudo e se torna a cidade e até mais do que a cidade conquistada, ou esta é suficientemente forte para manter aquela a boa distância: questão de pesos respectivos" (idem, p. 66).

A relação estabelecida entre as feiras e as cidades perdura por vários anos, ocupa papel admirável no desenvolvimento do cenário mercantil e também no surgimento de várias cidades. Na antiguidade, as feiras foram percebidas como um dos únicos mercados de trocas existentes, tendo nas cidades os locais para concentração de suas atividades. Muitos não compreendem o porquê e de como, as feiras, que se configuram como um dos primeiros e

---

[26] Segundo o Plano de Desenvolvimento Provisório do Arranjo Produtivo Local (APL) de Confecção de Moda Feminina da Região de Goiânia (2012), mesmo localizada num estado fortemente agropecuário, a capital goiana destaca-se por ser um dos pólos confeccionistas de roupa do Brasil. Contendo quase três mil indústrias da categoria, a cidade possui mais de 60% das empresas de moda instaladas em Goiás. E o grande destaque das feiras especiais de Goiânia está, justamente, no setor vestuário.

mais simples instrumentos de troca do capitalismo, sobrevivem nas cidades durante tantos séculos, principalmente após uma significativa quantidade de mudanças econômicas e sociais ocorridas no transcorrer da história. Para Braudel:

> Se este mercado elementar, igual a si próprio, se mantém através dos séculos é certamente porque, em sua simplicidade robusta, é imbatível, dado o frescor dos gêneros perecíveis que fornece, trazidos diretamente das hortas e dos campos das cercanias. Dados também seus preços baixos, pois esse mercado elementar, onde se vende sobretudo "sem intermediários", é a forma mais direta, mais transparente de troca, a mais vigiada, protegida contra embustes. A mais justa? O *Livre des métiers de Boileau* (redigido por volta de 1270) o diz insistentemente: "Pois há razões para que os gêneros cheguem à feira e aí se veja se são bons e leais ou não [...] porque nas coisas vendidas em plena feira todos podem tomar parte, o pobre e o rico". (idem, p. 15)

Um dos poucos instrumentos de troca democrático, que permitem o acesso de todos e que sem "intermediários" como lojas, supermercados e *shoppings*, a prática de comprar nas feiras acaba configurando-se "Segundo uma expressão alemã, é o comércio de mão na mão, olhos nos olhos (*Hand-in-Hand, Auge-in-Auge Handel*), a troca imediata: o que se vende, vende-se sem demora, o que se compra, leva-se logo e paga-se logo, no mesmo instante; o crédito é pouco utilizado, e só de uma feira para outra" (idem, p.15).

Surgem a cada dia novas feiras nos espaços públicos da capital goiana, sendo que muitas dobraram de tamanho nos últimos anos, e a cidade foi estabelecendo com esse tradicional instrumento de troca, também comum a várias cidades, seu próprio convívio. As feiras espalharam-se pelos bairros e trouxeram algumas relações que vão além da obtenção de lucro, elas demarcam trocas simbólicas, as quais estão fortemente ligadas à formação das referências culturais presentes nos grupos que constituem a sociedade goianiense.

Uma cidade que nasceu na modernidade, e logo abriu a oportunidade para o surgimento de feiras, já na sua primeira década de existência oficial, nos dá provas de que a tradicional prática de frequentar as feiras não seria combatida pela necessidade de se constituir como uma cidade desenvolvida, industrializada e moderna. Assim, podemos entender, que as feiras em Goiânia são exemplos da mistura de aspectos caracterizados tradicionais com outros típicos da modernidade e que estando presente na cidade desde o seu inicio, são responsáveis pela formação cultural da mesma, sendo isto que as páginas adiante, pretendem explicitar.

CAPÍTULO II

Quando se observa a cidade.
Pesquisando: a cidade, o espaço público e o hibridismo cultural das feiras especiais.

As feiras são fenômenos urbanos, pertencerem às dimensões construtivas, decorativas e estéticas, mas também aos significados, sentidos, valores simbólicos, sociais e culturais das cidades. Observar as feiras de Goiânia é observar a cidade, é entender a mudança de sentido e valores em seus espaços públicos através da montagem da feira. As feiras da capital goiana, além de dar significado de "lugar" a espaços muitas vezes apenas físicos, que recebem carros e uma movimentação humana acelerada pelas exigências cotidianas, são também um dos fenômenos sociais da cidade que transparece a convivência do tradicional e do moderno.

As discussões colocadas neste capítulo levam-nos a observar a cidade e a compreender a relação estabelecida por ela, seus espaços públicos e suas feiras. Descrevemos aqui as etapas e métodos utilizados durante a pesquisa, que foram essenciais para chegar aos resultados expostos no terceiro capítulo.

Através da pesquisa foi possível notar que as feiras especiais de Goiânia se encaixam a um dos elementos comuns à modernidade, a combinação cultural, neste caso de aspectos tradicionais e modernos, mas também de diferentes elementos socioculturais, já que a formação da cidade foi marcada pela presença de grupos, oriundos de migrantes. Nesse sentido, as feiras goianienses foram se configurando através da interculturalidade, o que Nestor Garcia Canclini (2006) teoriza por "hibridação cultural". Esses conceitos nos embasaram na compreensão se as feiras especiais de Goiânia são um patrimônio cultural transformado pela modernidade, se as feiras livres sobrevivem fracamente em meio as rápidas mudanças e exigências urbanas pelas quais a cidade passa, e ainda, dentre tudo isso, se ambos os tipos de feiras configuram-se como lugares importantes culturalmente para a cidade e como referência cultural para os goianienses.

1. A PESQUISA

Nas feiras que visitamos, pesquisamos, observamos, caminhamos e conversamos[27], encontramos rituais, festas, saberes tradicionais, conhecimentos e crenças populares, celebrações, artesanatos variados e vários aspectos que compõem um respeitável e admirável

[27] Além das feiras onde foram realizadas as entrevistas e a pesquisa de campo (Dom Bosco, Setor dos Funcionários, Lua, Cerrado e Hippie), visitamos também outras feiras da cidade (Fama, Universitário, Sol, Jacaré, Vila Nova, e CEPAL do Setor Sul).

cenário cultural. Observando a rotineira movimentação nas feiras, entre os frequentadores e os feirantes, o "barulho" feito pelo som alto que sai das vozes destes com frases engraçadas e jargões utilizados para atrair o freguês, deparamos com a existência de formas artesanais de comunicação, dentre elas: redes de solidariedade, a transmissão oral, o aprendizado informal, a centralidade da experiência, a proximidade entre as pessoas que frequentam e trabalham no mesmo espaço. Esses aspectos e outros, que serão descritos neste trabalho, permitem considerar que as feiras possuem, além de importância econômica, grande valor cultural para Goiânia.

Em cada uma das feiras livres escolhidas para realizar a pesquisa de campo, foram entrevistados em média, 20 feirantes e nas feiras especiais de 25 a 30. Nas feiras livres optamos por entrevistar os feirantes mais antigos. Dessa forma, a pesquisa foi iniciada com entrevistas indicativas, nas quais foram apontados os feirantes que trabalham durante mais tempo nas feiras. Esses feirantes atuam nessas feiras por mais de 40 ou 30 anos, assim, além de narrarem parte da história das feiras em que trabalham, também puderam nos relatar a percepção do que mudou no decorrer dos anos.

Para identificar parte dos valores culturais existentes nas feiras pesquisadas, se a maior parte dos feirantes gosta ou não de trabalhar nas feiras, o porquê de gostarem ou não, como é a relação deles com elas e o que pensam da atuação do poder público no que diz respeito ao cuidado e valorização das feiras, conversamos tanto com os feirantes mais antigos, quanto os que trabalham nas feiras há menos de 15 ou 10 anos. As entrevistas, que realizamos, foram abertas; através de uma questão inicial originou a continuidade das perguntas conforme eram dadas as respostas, porém nenhuma desviou de uma estrutura comum, que visava identificar a percepção e opinião desses feirantes sobre as feiras.

Para compreensão inicial de como a população de Goiânia convive com as feiras e o que pensam sobre elas, foram entrevistados alguns frequentadores que estavam nas feiras no momento de realização da pesquisa de campo, e alguns moradores que vivem próximos aos locais de ocorrência das feiras e outros que vivem na cidade independente do local. Entrevistamos e conversamos, em média, com 20 frequentadores em cada feira e um total de 83 moradores fora delas. Temos 183 questionários respondidos com perguntas fechadas (modelo do questionário no **Anexo 01**). Indagamos aos entrevistados sobre se gostam de ir às feiras da cidade, caso gostem ou não, o porquê, quais feiras preferem frequentar, quais as mais importantes para Goiânia, possuem valor histórico e também se essas feiras trazem transtornos para a cidade.

Seguindo essa mesma linha de questionamentos, porém com perguntas que pretenderam alcançar tanto a visão pessoal quanto oficial dos entrevistados, elaboramos as perguntas destinadas aos representantes do poder público, todavia essas entrevistas se modificaram, conforme a função desempenhada por cada entrevistado (entrevistas transcritas **Anexos 02 a 05**).

Notamos ser quase unânime, a percepção da enorme quantidade de feiras existentes na cidade, e a ressalva da importância que as mesmas possuem para o abastecimento alimentício de suas casas e para compra de artigos de primeira necessidade. Muitos feirantes são bem pontuais e orgulhosos ao informarem que foi através do trabalho nas feiras, que eles conseguiram sustentar suas famílias, comprar suas casas, dar educação e formar os filhos, além de obterem várias conquistas na vida com as possibilidades financeiras que as feiras possuem.

Percebemos, através dos questionários, que os moradores reclamam da sujeira deixada quando as feiras são desmontadas e da falta de organização, principalmente da Feira Hippie e Feira da Lua. As reclamações também foram recorrentes no que concerne aos transtornos ocasionados pelas grandes feiras no trânsito, a falta de estacionamento e dos valores cobrados pelos vigiadores informais de carros, os "flanelinhas". Foi recorrente nas respostas, tanto dos moradores quanto dos representantes do poder público, o reconhecimento da Feira Hippie como a mais importante historicamente para Goiânia, todavia, essas respostas vieram acompanhadas dos vários problemas ocasionados pela desorganização e enorme movimentação que ocorrem nesta feira, além dos transtornos, e modificações momentâneas que a mesma provoca no espaço público de Goiânia. Contudo, a partir dos dados obtidos, vimos à necessidade de observar a cidade e entender como as feiras convivem com a mesma, criando vários "lugares" dentro de um mesmo espaço.

2. A CIDADE EM OBSERVAÇÃO

As cidades se tornaram objetos de estudos para comprovar várias teorias sociais, pois elas se configuram como núcleos bastante dinâmicos, carregados de contradições, são centros de convergência de realidades das mais variadas formas e ordens, e espaços nos quais se desenvolvem vários processos e fenômenos sociais. A cidade como objeto de estudo, precisa

ser interpretada como se estivéssemos interpretando um texto. Ela deve ser lida pelos pesquisadores, e as informações colhidas precisam ser apreendidas e relidas para assim apresentar resultados que possibilitem surgir projetos capazes de solucionar alguns problemas urbanos.

Ao pesquisar sobre as feiras, não poderíamos separá-las de "Goiânia como cidade", pois, elas são, antes de qualquer coisa, um dos elementos que ocorrem rotineiramente na cidade, ou seja, assim como afirmou o antropólogo Gilberto Velho (in OLIVEN, 2007, p.18) "estamos fazendo ciência social na cidade e não da cidade". Nesse sentido, a cidade é vista aqui como uma categoria social detentora de uma variável explicativa e de "uma potência social capaz de gerar através de sua influência as mais diferentes consequências sociais" (idem, p.18).

Viver em uma cidade, não significa que a conhecemos por completo. Na maioria das vezes não conseguimos notar os vários fenômenos urbanos que estão presentes nos espaços que a compõe. São esses fenômenos que formam as especificidades presentes em cada paisagem urbana. Eles são capazes também, de servir de inspiração para artistas plásticos, escritores, poetas, músicos, cineastas, fotógrafos, arquitetos, urbanistas, engenheiros, cientistas sociais, historiadores, ambientalistas etc.

As cidades já serviram de inspiração para vários desses profissionais. O cinema utiliza os espaços urbanos como elemento constante nos filmes. As cidades se transformam em cenários capazes de transmitir veracidade às dramas apresentadas nas telas dos cinemas. Por meio da sétima arte, vive-se o espaço urbano das mais diversas cidades, sejam elas reais, ficcionais, próximas ou distantes. Muitas vezes, temos a sensação de conhecer determinados lugares pertencentes a certas cidades, justamente, por já ter vivido as emoções e sensações presentes neles, através do que foi intencionalmente passado pela cinematografia. Nesse sentido, podemos reconhecer as "inúmeras possibilidades do imenso laboratório em que se transformou o espaço da cidade entendida como esfera pública e como arena cultural" (HOLLANDA, 1994, p. 16).

Uma das obras-primas de Charlie Chaplin, o romance "Luzes da Cidade", lançado em 1931, provoca grande emoção no espectador, sendo para a maioria dos críticos o mais perfeito casamento entre humor, drama e sentimentalismo da carreira deste genial cineasta. Este filme também transparece como os espaços de uma cidade estão presentes e marcam a maior parte da vida dos indivíduos. A maioria das cenas acontece em uma movimentada cidade, e o personagem principal, o Vagabundo, que ao se apaixonar por uma linda florista cega, tenda

conseguir, com todos os recursos que a cidade lhe oferece, dinheiro para ajudar sua amada.

No filme não afirma que a cidade onde se passa a história seja Nova Iorque. Entretanto, na primeira cena, quando alguns políticos vão inaugurar um monumento que, segundo eles traria paz e prosperidade para as pessoas daquela cidade - "*To the people of this city we donate this monument; 'Peace and Prosperity*" – e levantam o tecido que cobria a estátua; todos se deparam com o "Vagabundo" dormindo no colo da mesma. Durante a confusão para tirá-lo de lá, inicia-se o hino nacional dos EUA e todos fazem posição de sentido, inclusive o Vagabundo que se encontrava em uma situação cômica, com as calças presas na espada da estátua.

Por este motivo, e outras cenas do filme que se passam nas ruas, entre os carros, as pessoas e o cotidiano da cidade, podemos identificar como cenário para o lindo e emocionante romance de Chaplin, a cidade de Nova Iorque. Mesmo sem nunca ter ido há terceira maior cidade do mundo cada um conhece um pouquinho de Nova Iorque, de tanto vê-la nos filmes. Abaixo segue algumas cenas do filme:



Imagem 29. Cenas do filme "Luzes da Cidade", 1931. Estrelado, escrito e dirigido por Charlie Chaplin. Imagens extraídas do próprio filme.

Nas artes plásticas, vários artistas se inspiram nos espaços urbanos e transformam os traços e curvas de uma cidade em pinceladas, algumas vezes delicadas, outras fortes. As delicadas conseguem transmitir momentos de tranquilidade, beleza e calmaria que existe em algumas cidades, enquanto os traços fortes e as cores vibrantes incidem a dinâmica,

movimentação, a agitação e a correria que a vida urbana muitas vezes impõe sobre os indivíduos, o que também não deixa de possuir determinada beleza.

O artista plástico G. Fogaça, nascido na cidade de Goiás, é considerado um pintor expressionista. Com pinceladas largas, cor forte e harmoniosa registrou em suas telas o cotidiano das grandes metrópoles. Suas obras deram origem à exposição "Urbs" e ao catálogo "A Polis de Fogaça". Nesta exposição, G. Fogaça nos trouxe um pouco de sua cidade Goiânia e consequentemente da sua vida, mas, de imediato, segundo Sérgio da Fonseca Costa Couto[28] (in FOGAÇA, 2010, p. 08) "identificamos no seu trabalho um denominador comum a todas as cidades contemporâneas: uma inquietude, uma desumanização que o toca o espírito de todo ser humano, seja brasileiro, chileno ou de qualquer outro país".

Suas obras nos trazem vários aspectos existentes na rotina dos indivíduos que vivem nas cidades. Elas não retratam apenas a realidade objetiva das cidades, mas também a subjetiva, e trazem um duplo sentido, ao mesmo tempo em que retratam uma característica simples e cotidiana urbana, faz alusão também a alguma atitude, ação, ou decisão que cada um de nós precisa tomar diante certos acontecimentos da vida. As imagens abaixo são alguns dos quadros de G.Fogaça extraídas do catálogo "A Polis de Fogaça" (2010).



Imagem 30. Quadros do artista plástico G.Fogaça que compuseram a exposição "Urbs". Catálogo A Polis de Fogaça. 2010.

[28] Agregado Cultural da Embaixada do Brasil em Santiago no Chile.

Os estudos sobre a história da urbanização, dos efeitos trazidos pela modernidade e das relações que resultam desta configuração social constitui-se em um quadro muito produtivo de pesquisas para as ciências humanas. Por mais de dois séculos, os historiadores investigam os fenômenos que envolvem o desenvolvimento de metrópoles e a formação de grandes e pequenos centros urbanos, o que nos possibilita seguir por vários caminhos de pesquisa e análises. Escolher a cidade como campo de observação nos permite ter acesso a uma enorme quantidade de informações a respeito das práticas culturais dos indivíduos que vivem nas cidades, da forma que estes se organizam, de como são definidas as fronteiras e os territórios, e a maneira que a própria cidade os percebe e de como vão surgindo suas necessidades materiais.

As cidades já foram objeto de estudo de muitas pesquisas históricas, uma importante obra que retorna ao surgimento das primeiras cidades ainda na "Mesopotâmia" e avança até as cidades do século XX, é o livro do historiador estado-unidense Lewis Mumford *A Cidade na História* (1961). Lewis trouxe a história das formas e funções da cidade através dos tempos. Ele relacionou os fenômenos ocorridos nas cidades, no decorrer da história, com o desenvolvimento do homem como ser religioso, político, econômico, cultural e sexual. Ao lermos o livro, fazemos um retorno ao passado e encontramos respostas para a realidade, situações e problemas existentes na maioria das cidades atuais, principalmente as maiores.

Na música e poesia, Toquinho e Vinícius de Moraes cantaram "As tardes de Itapuã", Chico Buarque de Hollanda usou "As Cidades" intitulando um de seus álbuns, Carlos Drummond de Andrade declamou uma "Cidadezinha qualquer" aonde tudo ia devagar, o cotidiano do Rio de Janeiro serviu de cenário para contos, crônicas e romances de Machado de Assis e Lima Barreto; Euclides da Cunha nos envolveu com a descrição dos "Sertões", mas nos emocionou ao descrever o cotidiano de Canudos.

Seria agradável apresentar pelo menos um exemplo dos mais variados resultados advindos de trabalhos, ligados a diferentes disciplinas e artes que tem as cidades, ou os fenômenos ocorridos nelas como forma de inspiração ou como objeto de estudo; porém, tornaria o item desde trabalho um quanto longo e demoraria a entrar no que este vem explanar. De certa maneira, cada um contribuiu para que os estudos urbanos tornassem cada vez mais necessários, sejam eles ligados apenas a questões de planejamento urbano ou a problemas socioculturais surgidos com a modernidade.

As teorias urbanas se intensificaram a partir do século XX, e vieram para tentar dar respostas aos evidentes problemas sociais e territoriais derivados do acelerado processo de urbanização impulsionado pela industrialização e pelo fortalecimento da economia de mercado. Com isso foram elaborados conceitos e teorizações importantes para explicar tanto a própria realidade urbana, mas também, as relações de poder e dominação existente nos espaços urbanos, e as consequências geradas por estes na vida dos indivíduos.

Cada cidade, por mais semelhante que seja a outra, possui suas próprias referências culturais, sendo, justamente, o que a distingue das demais. Existe uma tendência de transportar projetos urbanísticos, planos de requalificação urbana, ações sociais que deram certo em uma determinada cidade para serem implantados em outras. Na maioria das vezes, o que deu certo em um lugar não significa que terá o mesmo sucesso em outro. Isso ocorre porque cada cidade possui sua essência, especificidades e realidades, e para melhor entendê-las não basta apenas observar a configuração física de cada uma.

Nesse sentido, entendemos que as cidades são as práticas sociais e culturais partilhadas pelos indivíduos que nelas vivem. No decorrer da história de cada cidade, são as ações deles as responsáveis por nos expor as cidades da maneira que elas são, e o patrimônio cultural delas só ganha sentido se forem à reminiscência dessas ações. As práticas nos mostram as referências culturais das cidades, e antes de preservá-las é preciso primeiramente encontrá-las através dos indivíduos, depois entendê-las, para assim encontrar estratégias de preservação que respeitem a história urbana e social de cada cidade.

Entender as ações dos indivíduos que vivem em determinada cidade, seja uma metrópole ou um centro urbano com número menor de habitantes, implica considerar as dimensões construtivas, decorativas e estéticas, mas também os significados, sentidos, valores simbólicos, sociais e culturais. Sobre os indivíduos ou "praticantes" das cidades Michel De Certeau afirma:

> Os praticantes comuns da cidade moram "lá embaixo", abaixo do limiar onde a visibilidade começa. Eles caminham – uma forma elementar dessa experiência da cidade; eles são caminhantes. *Wandersmänner*, cujos corpos acompanham resolutamente um "texto" urbano, que escrevem sem serem capazes de lê-lo. Esses praticantes fazem uso de espaços que não podem ser vistos; o conhecimento que têm destes é tão cego quanto dos amantes abraçados. As trilhas que correspondem a esses poemas entrelaçados, irreconhecíveis, em que cada corpo é um elemento assinado por muitos outros, furta-se à legibilidade. É como se as práticas que organizam uma cidade febril se caracterizassem pela cegueira. As redes dessas escrituras que se movem e se entrecruzam compõem uma história múltipla sem autor nem espectador, formada de fragmentos de trajetórias e alterações de espaços: em

> relação a representações, permanece diária e indefinidamente outra (CERTEAU, 1994, p. 23).

Os "praticantes" atuam nos espaços urbanos, influenciam-no, mas muitas vezes desconhecem que suas ações são capazes de compor o que cada cidade é. As estruturas materiais de uma cidade só exercem a sua função através das práticas sociais e culturais que lhes conferem sentido. Com uma simples comparação, são elas que dão vida à cidade. Os caminhos traçados pelos indivíduos são cheios de singularidades e "suas trilhas dão sua forma aos espaços. Eles tecem lugares em conjunto. A esse respeito, os movimentos dos pedestres formam um desses sistemas reais cuja existência de fato constrói a cidade". (idem, p.28).

Torna-se necessário que as cidades sejam vistas como espaços sociais vivos, que estão em constantes mudanças e ocorrem constantemente entre as ruas, casas, prédios, praças, feiras e lojas de uma cidade. As mudanças, não estão ligadas apenas a estrutura urbana de concreto e cimento, pois também acontecem no modo de viver e ser de cada grupo social que vive em determinada cidade. Segundo Luiz Roberto do Nascimento e Silva, em seu artigo *A escrita das cidades* (1994, p. 10): "As cidades são seres vivos em permanente evolução. Para que esse organismo se desenvolva em harmonia, para que a voracidade dos investimentos imobiliários não destrua esse tecido urbano, é necessário que não se percam as referências da própria cidade e se resguardem em suas raízes." Assim, entendemos que:

> As cidades são também o cenário de um processo de acumulação de valores históricos e de práticas sociais vividas por seus moradores. O conjunto desses valores; é que constitui sua marca, sua identidade. Para que essa identidade não se apague, ao contrário, evolua, é necessário assegurar a convivência dialética entre os novos e os antigos valores. (idem, 1994, p. 10)

O rápido crescimento das cidades não tem conseguido assegurar a convivência lógica e saudável entre os antigos e novos valores. O aumento da população, as dificuldades de moradia, higiene, a especulação imobiliária, falta de segurança, problemas com transporte e trânsito, problemas ambientais, miséria e outros fatores, marcam as grandes cidades, com isso, as políticas públicas passam a ter como foco a solução desses problemas urbanos. Consequentemente, as ações de preservação do patrimônio cultural, acabam indo de encontro com a mentalidade das políticas urbanas que, em sua maioria, são progressistas e valorizam apenas uma cidade funcional. Essa forma de conceber as cidades não vislumbra que,

> tanto as manifestações culturais populares e eruditas quanto as igrejas, os monumentos, qualquer produto arquitetônico, as praças e jardins, o traçado das ruas e caminhos, os arquivos e museus, as obras de arte, os fazeres e as peculiaridades do comportamento social, a paisagem e os vestígios arqueológicos, podem ser reunidos no cenário da cidade. Tudo isso constitui, na cidade, as suas referências, a sua memória e a sua identidade. (CAMPELLO, 1994, p. 12).

Nesse sentido, podemos compreender que a cidade é um espaço de história e cultura, e isso precisa ser apreendido e considerado antes de ser implantada qualquer ação que envolva reurbanização, organização do espaço público, apoio social, e até mesmo educação. O comportamento dos indivíduos está condicionado aos aspectos socioculturais que estão fortemente ligados ao processo histórico de determinado espaço urbano e para "entendê-las, não basta a visão de sua configuração física. São necessários múltiplos enfoques e avaliações. E com certeza não saberemos lidar com os produtos da memória, da arte e da história sem aprender o que é a cidade" (idem, p. 13).

Aprender o que é a cidade, significa compreender *a posteriori* os rituais nela existentes, seus símbolos, sistema de parentesco, sistema de trocas, encontrar a raiz dos seus fenômenos e das suas referências culturais, assim, pode-se "aprender a construir essa integração de uma visão abrangente, multifacetada, de nosso patrimônio cultural. E poderemos lidar com os produtos materiais e imateriais que constituem o seu acervo, sem limitação de apenas vê-los, isoladamente, com o afeto mítico pelas coisas do passado" (ibidem, p.13).

A busca pela racionalização, progresso e funcionalismo nas cidades geraram políticas públicas capazes de trazer o esquecimento do que remete a história das mesmas. Isso aconteceu na maioria das cidades brasileiras. A modernidade com sua "globalização" acentuou essa situação. As ações do poder público mostram que a "administração se combina com um processo de eliminação nesse lugar organizado por operações "especulativas" e classificatórias" (CERTEAU, 1994, p. 24). Através delas, a cidade vai sendo repartida, compartimentada, cada lugar adquire uma função que o distancia da cidade como conjunto, vão surgindo várias cidades dentro de uma. Os lugares vão sendo isolados e parecem existir sem a necessidade dos outros, porém a cidade só existe a partir da combinação do funcionamento de cada um deles.

A modernidade trouxe um progresso que foi capaz de diminuir algumas deficiências

urbanas, as quais impediam os indivíduos de viverem com maior qualidade de vida, porém novos problemas e situações vão surgindo. Por se encontrar em constante evolução, é necessário que o poder público esteja envolvido em políticas que sejam lógicas as mudanças que vão surgindo nos centros urbanos. As modificações implantadas pelo poder público no espaço urbano, que objetivam transformá-lo, organizá-lo e melhorá-lo, precisam ser coerentes as práticas cotidianas dos indivíduos. Todavia, conforme Certeau (1994) afirma:

> A linguagem do poder é em si mesma "urbanizante", mas a cidade torna-se presa dos movimentos contraditórios que contrabalançam e se combinam fora do alcance do poder panóptico. A cidade passa a ser o tema dominante das legendas políticas, mas não é mais um campo e operações programadas e reguladas. Sob os discursos que ideologizam a cidade, os ardis e combinações de poderes que não têm identidade legível proliferam; sem pontos de apoio, sem transparência racional, eles são impossíveis de administrar. (CERTEAU, 1994, p. 26).

Essa situação ocorre na maioria, ou quase todas as cidades brasileiras; e Goiânia não se desvia dessa realidade. Uma cidade que possui todos os aspectos colocados nos parágrafos anteriores, que vive a obrigação de ser moderna, funcional e progressista, desde o seu nascimento na terceira década do século passado, vivencia hoje, um momento de esquecimento dos traços que marcam a sua história.

As ações políticas implantadas em Goiânia parecem sucumbir e não conseguem resolver os problemas urbanos que a cidade vem enfrentando. A combinação de poderes acabou trazendo uma variedade de políticas que nos trazem a impressão de terem ficado sempre pela metade, sem ter uma ordem sequencial planejada e por isso, nunca chegaram a resultados bem programados e positivos. As marcas das gerações passadas estão sendo apagadas, assim como vão ser as nossas, com isso corre-se o risco das futuras gerações não conhecerem e nem poderem vislumbrar, na própria cidade, o que ficará nos documentos, livros ou na memória dos seus habitantes.

As marcas que se remetem ao patrimônio cultural da cidade de Goiânia estão sendo apagadas, elas são como se fossem "objeto de caça às bruxas, pela própria lógica tecno-estrutura. Mas o extermínio dessas histórias (como extermínio das árvores, florestas e dos lugares recônditos onde vivem essas lendas) faz da cidade uma "ordem simbólica suspensa". A cidade habitável, é assim anulada." (idem, p. 31).

Em Goiânia, alguns moradores perdem o entusiasmo ao falar da cidade quando

constata a realidade atual de falta de conservação do patrimônio histórico da cidade, isso pode ser percebido na fala do Sr. Sebastião, morador que chegou a Goiânia em 1936:

> Foram acabando com tudo. Aquelas coisas antigas daqui de Goiânia não tem mais! Tem o Palácio, os quatro prédios federais...Alguns modificaram, porque a Secretaria da Agricultura virou sobrado. Hoje só tem a Delegacia Fiscal e o Tribunal, que estão mais ou menos como foi feito na época. O Correio mudou...e criou muita coisa. Só sei que...aquelas coisas que ainda podiam lembrar a época mais antiga de Goiânia...não tem mais! Bom! A não ser o Palácio e o Cine Goiânia. Que o resto acabou! Eles vão acabando. Daqui uns dias nós não vamos ter nada pra lembrar! (idem, p. 190).

Isso significa que os símbolos que, realmente, representam o processo histórico da cidade de Goiânia estão sendo deixados de lado, basta caminhar pelo primeiro bairro da capital goiana, o Setor Campinas, e se deparar com quase nada que restou em meio ao implexo de lojas atacadistas na antiga Campininha das Flores. A rua 20 no Setor Central, primeira rua residencial de Goiânia, que abrigou os pioneiros da cidade, hoje não passa de mais uma rua cheia de prédios. Os lindos sobrados ecléticos da Av.Araguaia e da Av.Goiás foram tampados por fachadas de alumínio que propagam os nomes e marcas das lojas. O Jóquei Clube de Goiás, palco dos requintados bailes, quermesses, festas de carnaval, foi mutilado por um estacionamento. As primeiras feiras livres de Goiânia, surgidas no antigo bairro Popular, em Campinas, no Setor Central não existem mais. Sabemos que:

> Goiânia é uma cidade em que a ação humana em pouco tempo atingiu profundamente os espaços urbanos provocando muitas mudanças. Os pioneiros falam da cidade com paixão e orgulho, mas lamentam as perdas de espaços da cidade, falam de lembranças ligadas a imagens que se diluíram, de espaços criados a partir das relações sociais que já foram. Falam de uma Goiânia que em grande parte não existe mais. (SANTANA, BONETTI, MACÊDO, 2007, p. 189).

Compreendemos que as mudanças ocorridas no espaço urbano de Goiânia fazem parte da evolução da cidade, mas ao mesmo tempo reconhecemos a importância de valorizar os lugares que contam a história dessa evolução. O contexto urbano atual de Goiânia está relacionado com a trajetória histórica da mesma, as feiras são apenas um dos elementos possíveis de ser reconhecer a duração de movimentos diversos, de temporalização histórica e

da memória da cidade. Seria incoerente privar seus habitantes do direito de inventá-las, transformá-las e adaptá-las à imagem do tempo e das necessidades que foram surgindo, ainda mais em uma cidade que já nasceu com a missão de ser moderna.

3. A RELAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO E AS FEIRAS

Abordar um tema que é comum e pertencente a todas as cidades, como são as feiras, significaria abordar o espaço público. Quando se fala em espaço público a ideia de coletividade vem à tona. Falar de espaços coletivos, dentro de sociedades regidas pelo capitalismo, o qual tem sua ética fundada no individualismo, torna-se um quanto controverso. Porém, alguns espaços adquirem sentidos para as suas cidades devido aos usos coletivamente conferidos a eles e não individualmente.

A rápida expansão territorial das cidades faz emergir a necessidade de compreender as apropriações que os indivíduos fazem de determinados espaços públicos urbanos para assim buscar soluções aos problemas sucessivos que ocorrem nesses locais. Os espaços públicos de uma cidade são apropriados de várias maneiras pelos indivíduos que nela residem, e a eles são conferidos diferente usos.

A existência de espaços urbanos teoricamente destinados ao uso igualitário e que ficam sob a responsabilidade administrativa do Estado, são caracterizados como públicos. Dentre os principais espaços públicos urbanos encontram-se: as ruas, praças e parques. E são justamente esses espaços que nos interessam, já que usualmente, são eles a serem apropriados pelas feiras nas cidades.

Nossa pesquisa não considera o espaço urbano apenas através das estruturas visíveis e materiais que nele existe, pois "o espaço se confunde com a própria ordem social de modo que, sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido" (DAMATTA, 1997, p. 30).

Apreciamos que os aspectos naturais, físicos e construídos presentes nos espaços urbanos estão fortemente vinculados às relações socioculturais e econômicas. Nesse sentido, podemos considerar que as apropriações ocorridas no ambiente urbano se encontram relacionadas com as conjunturas, interesses, intenções e valores dos indivíduos. São através desses, que cada espaço urbano adquire um ou vários usos. A forma que certo espaço público

é apropriado e as funções a ele arroladas podem indicar inventividade, capacidade de bom ou mau aproveitamento da estrutura urbana pública, além de apresentar elementos que sejam capazes de produzir futuras ações e consequentemente novas apropriações e usos do mesmo espaço público.

Podemos considerar que as apropriações dos espaços públicos de uma cidade estão relacionadas com os acontecimentos cotidianos da vida urbana. Nesse sentido, permite-se que os espaços públicos, assim como outros espaços sociais existentes em uma cidade, a casa, a rua, a praça etc, sejam dispostos como "categoria sociológica", pois:

> eles não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas. (DAMATTA, 1997, p. 15).

O resultado disso é que os espaços apropriados pelas feiras são vistos aqui como entidades detentoras de forças capazes de interferir nas práticas sociais, as quais essas agregam significados e valores ao espaço público e assim tornam-se também uma das responsáveis pela formação das identidades culturais dos indivíduos que trabalham e frequentam as feiras. Dessa forma, vão criando-se redes de solidariedade, de conflitos e assim vão elaborando-se novas narrativas e histórias sobre a cidade.

As feiras livres e especiais de Goiânia, como são comuns nas outras cidades, se apropriaram de alguns espaços públicos da cidade, principalmente ruas e praças. Os usos convencionais que estes espaços públicos possuem, adquirem outros usos por causa da instalação de feiras neles. Uma rua que cotidianamente recebe fluxo de carros, de pedestres que caminham de um lado para outro e é apenas mais uma dentre tantas outras vias de tráfego coberta de lama asfáltica, pode ser apropriada pelas diversas relações sociais existentes em uma feira e assim adquire novos usos.

Tudo isso permitiu que sobre os espaços públicos, tais como, praças, parques e ruas, ou "Sobre esses espaços funcionais e racionalizados foram se criando e reinventando, espontaneamente, lugares densos de significado, como as feiras, onde são possíveis práticas sociais que constroem uma história comum para aquela comunidade. São práticas que agregam significados ao espaço público." (MADEIRA e VELOSO, 2007, p.65).

Ao se apropriarem do espaço urbano, os indivíduos permitem que este seja capaz de influenciar na formação de identidades. A relação do homem com os espaços em que ele vive, possibilita o surgimento de comportamentos, modos de viver, costumes, referências culturas etc. É através das relações sociais que ocorrem no espaço que as representações sociais são formadas, e a partir dessas, surgem às práticas (ações) sociais.

Os espaços são vivenciados e repletos de conteúdos e referências simbólicas que ressaltam o sentimento de pertencimento do sujeito, portanto, são lugares marcados pelas relações sociais. Esse pensamento nos permite compreender que "As feiras, como os mercados e as praças, são, por definição, centros de entrecruzamento de múltiplas funções, para onde convergem, portanto, formas de representação coletivas, comuns a muitos grupos sociais." (idem, p. 65).

De tal modo, podemos entender que as feiras são espaços oriundos das relações sociais, e carregam testemunhos cheios de informações de tempos passados; testemunhos estes que contam histórias dos grupos (feirantes e frequentadores) que ali convivem. Em um breve passeio entre as barraquinhas das feiras, com um olhar mais atento é possível vislumbrar que elas se apropriam dos espaços públicos da cidade, traz movimentação às ruas, praças e são lugares que além de comercialização de produtos em geral acontecem trocas de saberes, manifestações culturais e afetivas.

> A feira instaura um lugar em que formas horizontais de sociabilidade e de solidariedade são possíveis. Espaço público, isto é, uma construção social, lugar em que os indivíduos transformam-se em sujeitos capazes de exercer sua palavra, lugar que incita a interação, por meio de associações, rede de parentesco, vizinhança ou de profissionais. É ainda espaço público construído pela experiência dos próprios feirantes que a feira ganha significado de lugar de trocas, que dota de um sentido de pertencimento uma comunidade especifica, os feirantes, que participou ativamente da história de construção de cada feira. (ibidem, p.11)

Assim, as feiras são lugares cheios de significados que vão sendo apreendidos pelos indivíduos e repassados através da narrativa, a qual permite aos feirantes, participantes, frequentadores, fregueses ou passantes se reconhecer, intercambiar e partilhar valores. Dessa forma, as feiras podem ser apreciadas como "lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra: material, simbólico, funcional [...]. Mesmo um lugar de aparência puramente material, com um depósito de arquivos, só é lugar de memória se sua imaginação o investe de uma aura simbólica" (NORA, 1993: 21). Mesmo as feiras sendo espaços carregados de elementos

materiais, os valores simbólicos ali inseridos, fazem dela um conjunto importante de saberes, práticas e representações sociais que são capazes de compor um valoroso patrimônio cultural concernente a qualquer espaço urbano.

Observando a conversa amigável entre o feirante e um freguês, aquele que por vários anos comparece à feira nos dias em que esta ocorre, e gosta de estar ali não apenas pela compra de produtos frescos, mas para "jogar conversa fora" ou "bater uma boa prosa" [29]; encontramos apenas um dos elementos que nos mostra que as feiras são dotadas de valores simbólicos o que lhes garante a característica de um "lugar", um espaço humanizado. Portanto, as feiras além de símbolos de ocupação do espaço urbano e de trocas monetárias possuem também valor histórico e cultural para as cidades que as tem como mais um simples "habitante". As próximas imagens mostram como se configura a ocupação do espaço urbano de Goiânia por algumas feiras.



Imagem 31. A cidade e as feiras. Av.Tamandaré. Feira da Lua. Goiânia-GO. Maio/2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora



Imagem 32. A cidade e as feiras. Av.Tamandaré. Feira da Lua. Goiânia-GO. Maio/2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora

[29] Expressões populares que significam ter uma conversa à toa.

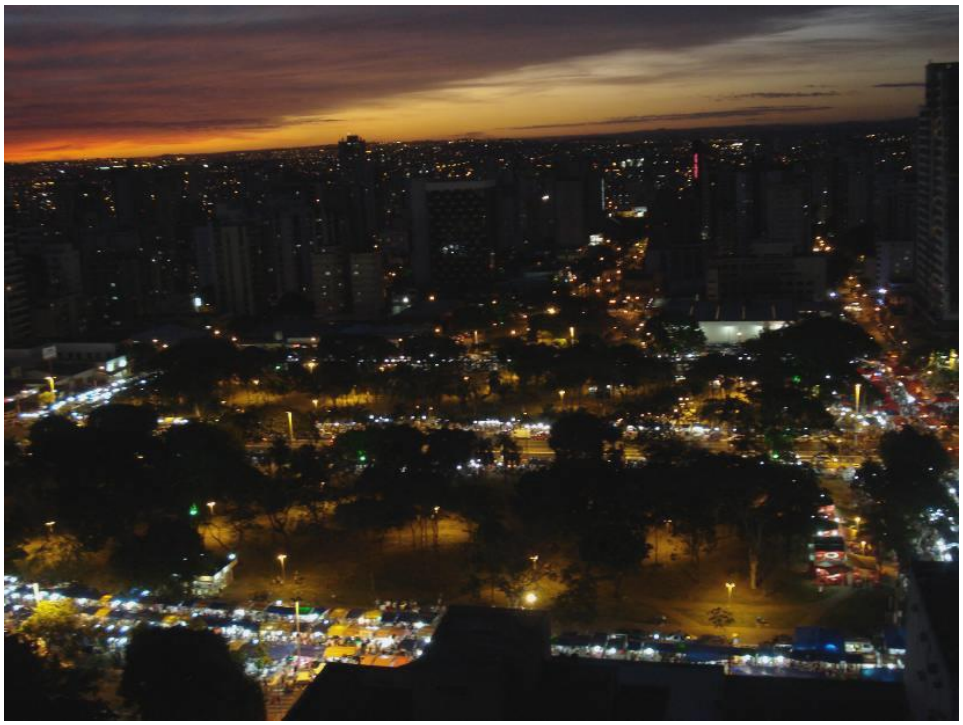


Imagem 33. A cidade e as feiras. Praça Tamandaré em dia de feira. Feira da Lua. Goiânia-GO. Maio/2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora

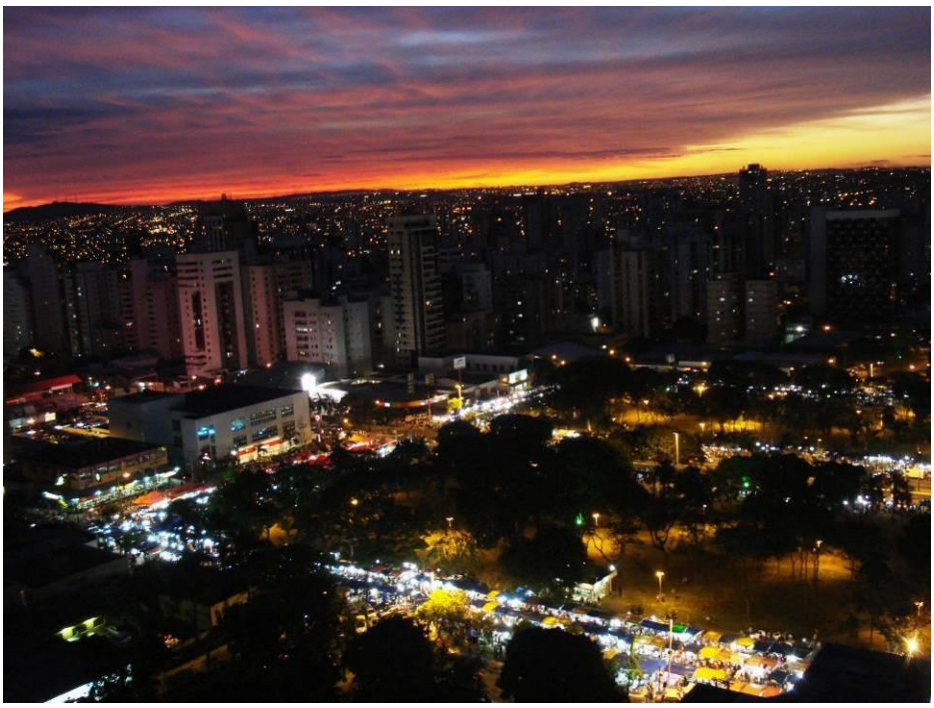


Imagem 34. A cidade e as feiras. Praça Tamandaré em dia de feira. Feira da Lua. Goiânia-GO. Maio/2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora



Imagem 35. A cidade e as feiras. Rua P.25 em dia de feira. Feira do Setor dos Funcionários. Goiânia-GO. Jun/2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora



Imagem 36. A cidade e as feiras. Feira Livre de Sábado no CEPAL do Setor Sul. Goiânia-GO. Jul./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora



Imagem 37. A cidade e as feiras. Feira Livre de Sábado no CEPAL do Setor Sul. Goiânia-GO. Jul./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora

Através dessas imagens, podemos notar que a ocupação do espaço público pelas feiras em Goiânia, trouxe outra significação para ruas e praças das cidades. Algumas feiras ocorrem em espaços que foram destinadas para este fim, como é o caso das feiras que acontecem nos Centros Populares de Abastecimento e Lazer (CEPAL). É possível considerar que as bancas são montadas em meio à rotina da cidade. Enquanto a feira acontece, carros, motos e pessoas continuam suas atividades e o uso das vias, as quais ocorrem às feiras, é desviado ou interditado.

O funcionamento das feiras em Goiânia é regulamentado pelo Decreto nº 2834, de 30 de julho de 2001. Foi este decreto, assinado pelo ex Prefeito Pedro Wilson Guimarães, que estabeleceu as normas para o funcionamento de Feiras Livres e Feiras Especiais no Município. A necessidade desse decreto surgiu devido ao fato de que na década de 1990 o número de feiras especiais acendeu bastante na cidade. As feiras foram surgindo em praças e ruas de alguns bairros, segundo dados da SEDEM, em determinados casos a mobilização para organização das feiras partiu dos próprios moradores e dos feirantes que atuavam em outras feiras.

Podemos considerar que a consolidação e boa aceitação[30] das pioneiras, Feira Hippie (1972), Feira do Sol (1990) e a Feira da Lua (1993), permitiu que outras feiras especiais surgissem pela cidade. A maior parte das feiras especiais, localizadas em bairros afastados da região central da cidade, acontece de segunda à sexta, no período noturno. Isso pode ser

[30] Pode ser justificado nos anos sequenciais de permanência das mesmas na cidade e o grande número de pessoas que circulam nessas feiras em cada dia de funcionamento.

observado na tabela abaixo, elaborada conforme dados fornecidos pela SEDEM com a listagem de todas as feiras especiais em funcionamento na cidade:

FEIRAS ESPECIAIS REGULAMENTADAS PELA PREFEITURA	ENDEREÇO	HORÁRIO
FEIRA DO ARTESANATO	Rua 11 A, Setor Aeroporto.	Terça-feira, das 16h às 22h.
FEIRA DA FAMILIA	Praça C8 com C-69 – Setor Sudoeste	Terça-feira, das 16h às 22h
FEIRA DO CRIMEIA LESTE	Praça João Rassi - Vila Jaraquá	Quarta-feira,das 16h às 22h
FEIRA DA OVG	T-14 com T-38 - Setor Bueno	Quarta-feira, das 16h às 22h
FEIRA DOS AMIGOS	Praça Abel Coimbra	Quarta-feira, das 16h às 22h
FEIRA DAS ESTRELAS	Av. Engenheiro José M. Filho - Setor Novo Horizonte	Quarta-feira, das 16h às 22h
FEIRA DO GRID	Rua 5 – Vila Isaura	Quinta-feira, das 16h às 22h
FEIRA DA PAZ	Rua U-55 com Av. Dos Alpes	Quinta, das 16h às 22h
FEIRA DO CEPAL DO JD. AMERICA	Cepal Jardim América	Quinta-feira, das 16h às 22h
FEIRA DA FELICIDADE	Av.Transbrasiliana - Parque Amazônia	Quinta-feira, das 16h às 22h
FEIRA DO REQUINTE	Rua Heitor Fleury - Vila Canaã	Sexta-feira, das 16h às 22h
FEIRA DO AMOR	Al. Moisés Santana - Vila Redenção	Sexta-feira, das 16h às 22h
FEIRA DO ENTARDECER	Endereço: Rua 115 - Cepal do Setor Sul	Sexta-feira, das 16h às 22h
FEIRA DO MONTE CRISTO	Av. Dom Eduardo - Setor São José	Sexta-feira, das 16h às 22h
FEIRA DO JACARE	Av. Dom Prudêncio - Setor Criméia Leste	Sexta-feira, das 16h às 22h
FEIRA DO IMIGRANTE	Praça Imigrante Italiano - Jardim América	Sexta-feira, das 16h às 22h
FEIRA DO GIRASSOL	Av. Circular - Setor Pedro Ludovico	Sexta-feira, das 16h às 22h
FEIRA PADRÃO	Av. Roma - Jardim Europa	Sexta-feira, das 16h às 22h
FEIRA DO VERA CRUZ II	Av. Gercina Borges - Setor Vera Cruz II	Sexta-feira, das 16h às 22h
FEIRA DA VILA NOVA	Av. Coronel Gomes com Rua 208 e Av. A	Sábado, das 16h às 22h
FEIRA DA LUA	Praça Tamandaré	Sábado, das 16h às 22h
FEIRA DO P. AMAZÔNIA	Praça Senador J. Rodrigues - Parque Amazônia	Sábado, das 16h às 22h
FEIRA DAS ROSAS	Av. Liberdade - Conjunto Riviera	Sábado, das 16h às 22h
FEIRA DOS NAMORADOS	Av. Gercina B. Teixeira - Vera Cruz I	Sábado, das 16h às 22h
FEIRA CORA CORALINA	Rua 8 (do lazer) - Setor Central	Sábado, das 8h às 14h
FEIRA DA FEIRA HIPPIE	Praça do Trabalhador - Setor Norte Ferroviário	Domingo, das 7h às14h
FEIRA DAS NUVENS	Av. Perimetral - Setor Coimbra	Domingo, das 16h às 22h
FEIRA DO SOL	Rua 9, Praça do Sol - Setor Oeste	Domingo, das 16h às 22h
FEIRA DO UNIVERSITÁRIO	Praça Universitária	Domingo, das 16h às 22h
FEIRA MULTIPLO	Rua 250 com 5ª Avenida	Domingo, das 16h às

		22h
FEIRA DO MERCADO ABERTO	Av. Paranaíba	2ª a 6ª, das 9h às 18h
FEIRA DOS PEQUENOS ANIMAIS	Rua 59 - Jardim Goiás	Diária, das 9h às 18h
FEIRA DO EMP. DO BANCO DO POVO	Praça Imigrantes Italianos - Jardim América	Domingo, das 16h às 22h
FEIRA DAS TENDAS	Av. Pasteur - Parque Anhanguera	Sábado, das 16h às 22h
FEIRA SÃO FRANCISCO	Rua Rocha Pombo - Bairro São Francisco	Sexta, das 16h às 22h

Tabela 1. Feiras Especiais regulamentadas pela Prefeitura de Goiânia, locais e horários de funcionamento. Fonte: Relatório SEDEM, 2012.

A partir da tabela, observamos que as feiras especiais de Goiânia acontecem em ruas, avenidas e praças, tendo como exceção a Feira do Jardim América que ocorre no CEPAL do bairro que dá nome a esta feira. Sobre o espaço público destinado para a implantação e existência das feiras, o Decreto 2.834/01 determina no Art. 4º que "As Feiras localizar-se-ão em logradouros públicos do Município, determinados pela SEDEM, de acordo com parecer favorável expedido pela Secretaria Municipal de Planejamento – SEPLAM, Secretaria municipal de Fiscalização Urbana e da Superintendência Municipal de Trânsito – SMT."

O surgimento de novas feiras é autorizado caso seja obedecido às determinações presentes no Art. 5º no Decreto 2.834/01 que especificam que "A SEDEM poderá autorizar novas feiras, sempre que ocorrerem, no mínimo, 3 (três) das seguintes condições": I - interesse público; II - localização viável; III - interesse manifesto da população local, com endereço completo e número de documento de identificação; IV – manifestação de interesse dos feirantes, devidamente fundamentada.

Ainda sobre a ocupação do espaço público o Art. 6º do mesmo Decreto determina que "Para a implantação de feiras, serão evitados locais próximos de instituições de ensino, igrejas, monumentos públicos, observando-se uma distância mínima de 50,00m (cinquenta metros) dos mesmos". Em seu parágrafo único, fica proibida a implantação de feiras em frente a repartições públicas, estabelecimentos militares e hospitalares, bem como de postos de combustíveis.

Todos esses artigos visam à organização do espaço público de Goiânia para que a montagem das feiras traga o mínino de transtorno ou atrapalhem minimamente a rotina da cidade, no entanto, quem vive na capital goiana percebe que parte do que a legislação sanciona não é cumprido, como ocorre com o § 2º do Art. 10º, o qual fica determinado que

"os responsáveis pela montagem e desmontagem de bancas não poderão anteceder nem ultrapassar a mais de 2 (duas) horas do início e de 1 (uma) hora do término das feiras, respectivamente, excetuando-se aquelas Feiras Especiais já existentes, que somarem mais de 1.500 (uma mil e quinhentas) bancas, cujo horário não poderá ultrapassar a 4 (quatro) horas para montagem e 3 (três) horas para desmontagem". No caso da Feira Hippie, por exemplo, a montagem da feira, devido à dimensão da mesma, inicia-se no dia anterior, com quase 24 horas de antecedência.

Contudo, feiras e cidades, mesmo com todos os entraves, estabelecem uma relação de reciprocidade, de trocas monetárias e também simbólicas. Assim, Goiânia tem em suas feiras espaços públicos de desenvolvimento econômico e social, mas, sobretudo, enquanto espaços de sociabilidade, de formação de práticas e representações sociais, de identificação patrimonial, de referências culturais e trocas simbólicas; os quais serão melhores expostos no terceiro capítulo.

4. A HIBRIDAÇÃO DO TRADICIONAL E DO MODERNO NAS FEIRAS DE GOIÂNIA

A perspectiva desse trabalho não coloca em oposição o tradicional e o moderno. O fato de encontrar essas duas "categorias sociológicas" [31] convivendo e se misturando, continuamente, em Goiânia, do seu início até os dias atuais, nos faz compreender o que Nestor Garcia Canclini (2006, p. 18) observa como sendo uma das "incertezas da modernidade", o cruzamento sociocultural dentre o qual o tradicional e o moderno se misturam. Consideramos que estas duas categorias tornam-se falsas oposições, uma não é o contrário, a ruína e nem a superação da outra.

As experiências tradicionais estão ligadas a continuidade e permanência de uma crença, visão de mundo, ou conjunto de costumes, saberes e valores de uma sociedade ou grupo social, que se mantêm vivos pela transmissão sucessiva de seus membros. Através das críticas empreendidas pelos iluministas no século XVIII fez-se usual aproximar tradição de conservadorismo e atraso. O filósofo alemão Hans-Georg Gadamer (1900-2002) considerado

[31] O sentido de categoria sociológica aqui utilizada é de Émile Durkheim (1961) e Marcel Mauss (1972), o qual se caracteriza como aquilo que a sociedade pensa e constitui seu código de valores e ideias, sua cosmologia, seu sistema classificatório; ou seja, as formas, modos e maneiras que uma sociedade *vive e faz*.

como um dos maiores expoentes da hermenêutica filosófica foi quem procurou recuperar o sentido do termo tradição escapando do preconizado pelas teorias anteriores. De acordo com este autor:

> A tradição se mantém por ser cultivada, aceita e justificada, e, portanto continua a ter sentido, não sendo necessariamente transmitida de forma dogmática e nem sempre servindo aos interesses dos dominantes. No fundo, segundo essa visão, seria tão legítimo aceitar a tradição justificadamente quanto questioná-la. Além disso, a tradição seria a garantia da consciência histórica de uma cultura (GADAMER in JAPIASSÚ, 1996, p. 262).

Nesse sentido, entendemos que tradição são aspectos socioculturais aceitos e que permanecem na consciência histórica de determinado grupo social. O moderno surge como oposto ao apego e aos valores tradicionais, identificando-se com o racionalismo, o espírito crítico e com as ideais de progresso e renovação, pregando a libertação do indivíduo do "obscurantismo" e da ignorância através da difusão da ciência, da tecnologia e da cultura em geral. Tornar-se moderno é um dos ideais apregoados pela modernidade.

A experiência moderna, caracterizada pelo parágrafo anterior, surge ainda na filosofia Renascentista dos séculos XVI e XVII, com Descartes e Francis Bacon e marca os questionamentos contra o pensamento e costumes presentes na cultura medieval. Ser moderno passou a significar, desde então, ruptura com o passado/tradicional, valorização do indivíduo, da consciência, da subjetividade, da experiência e da atividade crítica, estando em oposição às instituições, à hierarquia, aos costumes tradicionais, ao sistema de aceitação dos dogmas e verdade estabelecida apenas pela fé ou pelas crenças.

Devido à convencional maneira de analisar a relação estabelecida entre tradicional e moderno, conforme fora conceituado nos parágrafos acima, tornou-se habitual colocar essas duas categorias como opostas e o moderno sendo a superação e a renovação do tradicional, porém, percebeu-se que a analogia entre elas não se resume a isso.

Por exemplo: o fato de Goiânia ter surgido com a missão de ser econômica, arquitetônica e socialmente moderna, não impediu que seus pioneiros trouxessem consigo seus costumes e hábitos presentes em suas consciências históricas. Assim, experiências tradicionais e modernas passaram a conviver juntas na cidade e foram se misturando.

Atualmente, a cidade também vivencia o período histórico denominado por alguns

teóricos como: pós-modernidade, modernidade tardia ou apenas modernidade [32], e percebemos que neste momento as relações socioculturais dos goianienses estão passando por uma "reconstrução" através da mistura de aspectos pertencentes às duas categorias, tradicional e moderno, o que não permite analisar Goiânia apenas com a prevalência ou permanência de uma delas sobre a outra.

Colocar o moderno como o maior acusado pela destruição e enfraquecimento dos saberes, costumes e práticas culturais tradicionais, seria, a nosso ver, simplificar os processos que envolvem o encontro e mistura de elementos socioculturais de temporalidades distintas. Também, não se trata de ruptura, pois esta ocorre quando permanece um modelo em relação ao outro, sendo este justamente, o que se pretendeu romper. Tudo faz parte de um processo consciente e político, em que a modernidade trouxe diferentes concepções que acabaram modificando as condutas dos indivíduos, as quais são marcadas por experiências sociais que coexistem num mesmo espaço e mesma época.

Portanto, a modernidade trouxe incertezas que não nos permite delimitar onde termina ou inicia algumas estruturas socioculturais, assim, pra não ser feita nenhuma análise unívoca compreendemos que as experiências modernas e tradicionais se misturam em uma mesma época, e o moderno passa ser tudo o que se limita em relação aquilo que permanece como tradicional, enquanto que o tradicional é tudo o que se limita em relação ao que se apresenta como moderno.

A partir disso, observamos que as práticas existentes nas sociedades da modernidade não são inteiramente puras, elas passaram por hibridizações e os "processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas" (CANCLINI, 2006, p. 19).

Partindo dessa análise, o conceito de hibridação tornou-se útil em pesquisas que tratam de contatos interculturais ou fusões étnicas, ele adquiriu sentido próximo aos antecessores termos utilizados nos estudos sociológicos e antropológicos, como: mestiçagem, sincretismo, contradição, transculturação e crioulização; e foi sendo utilizado, a partir da década de 1980, nos estudos voltados para as formas de interculturalidade.

---

[32] Não iremos fazer aqui uma distinção teórica destes termos, pois entendemos que são denominações diferentes para o mesmo período histórico, que é caracterizado pelo rápido desenvolvimento tecnológico trazido pelas inovações na informática, sistemas de comunicação e transporte. Caracterizado pelo processo de mudança conhecido como "globalização". Os princípios da sociedade atual estão fortemente ligados ao que se convencionou chamar "terceira revolução industrial", a revolução científico-tecnológica, as quais fazem ligação à nova concepção política e econômica do mundo, bastante forte na década de 90, quando se viveu o seu ápice: o neoliberalismo.

Assim sendo, a noção de hibridação, na perspectiva sociológica se encaixa bem as misturas interculturais globalizadas, podendo assim ser utilizada por este trabalho no que concerne ao caso das feiras em Goiânia, principalmente as feiras especiais, conforme analisaremos no próximo tópico (4.1). A perspectiva de Nestor Garcia Canclini - primeiro a descrever "hibridação" como processo político, o qual ocorre quando estruturas e práticas sociais diferentes entram em contato, se combinam e formam novas ações coletivas, estruturas, objetos e práticas - analisa que nas condições de globalização "a hibridação, como processo de interseção e transições, é o que torna possível que a multiculturalidade evite o que tem de segregação e se converta em interculturalidade" (idem, p. 18).

A coexistência de diferentes culturas dentro dos mesmos espaços e grupos sociais gerou processos de mistura e combinação, que em distintos momentos do século XX foram chamados pelos teóricos de ocidentalização, aculturação, transculturação, heterogeneidade cultural e hibridação. De certa maneira, o conceito de hibridação exposto por Canclini possibilitou embasar, de forma aprazível, os processos de mistura intercultural, não os colocando sempre como originadores de realidades impresumíveis e segregadas.

Este seria um olhar positivo sobre a hibridação, o qual coloca o encontro cultural e a interculturalidade como encorajadores da criatividade e apresentam-se como inovadores; enquanto as críticas e o olhar negativo sobre o conceito propriamente dito de hibridismo é, para dizer o mínimo, "impreciso" e "resvaladio", à medida que segundo o historiador Peter Burke (2003, p.55) "evoca o observador externo que estuda a cultura como se ela fosse a Natureza e os produtos de indivíduos e grupos como se fossem espécimes botânicos". Portanto, o fenômeno do hibridismo cultural, pelo viés negativo, pode implicar a "perda de tradições regionais e de raízes locais" (BURKE, 2003, p. 18).

A hibridação cultural vai além de fusões raciais ou étnicas e atinge outras misturas comuns à modernidade como, por exemplo: o artesanal e o industrial, o culto e o popular, o urbano e o rural, a periferia e o centro, o moderno e o tradicional etc., e formam o que podemos denominar de "culturas híbridas". Dessa forma, conforme afirma Canclini "A palavra hibridação aparece mais dúctil para nomear não só as combinações de elementos étnicos ou religiosos, mas também a de produtos das tecnologias avançadas e processos sociais modernos ou pós-modernos" (ibid, p. 29).

Adquirir experiências modernas e abandonar as tradicionais passou a ser um ideal para as sociedades marcadas pela modernidade. Isso pode ser exemplificado pelo o que neste trabalho foi apresentado no caso de Goiânia, no item *Goiânia, a missionária da modernização*

e do progresso. O ideal era passar pela modernização como processo, assumir práticas modernas e utilizar o modernismo nas artes, na arquitetura, no projeto urbanístico, abdicando, ao mesmo tempo, das experiências tradicionais. Deste modo, a cidade passaria a ser apreciada como uma cidade coerente aos anseios da modernidade.

As feiras de Goiânia, sobretudo as especiais, refletem situações em que o tradicional e o moderno se misturaram em Goiânia e as práticas sociais que envolvem essas estruturas foram "constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter" (GIDDENS, 1990, p. 38). A estrutura tradicional das feiras se manteve, porém o caráter foi alterado pela economia de mercado (atacado).

Segundo Canclini (2006, p. 29), "A hibridação ocorre em condições históricas e sociais específicas, em meio a sistemas de produção e consumo que às vezes, operam como coações, segundo se estima na vida de muitos migrantes. Outra das entidades sociais que condicionam a hibridação são as cidades". Esse é, portanto, um dos cenários favoráveis para que ocorram processos de mistura intercultural, e Goiânia não foge dele, unindo a sua formação populacional procedente de migrações, com sua agitação de grande cidade.

A cidade vive, atualmente, a culminação dos conflitos gerados por esses processos. Ficam evidentes, em certas situações e fatos, as consequências geradas, não só pelo processo de hibridação do tradicional e do moderno, mas também do urbano e do rural, do artesanal e industrial, de formas de consumo de gerações diferentes, de tipos produtivos e comunicacionais do passado com os atuais.

Muitas características socioculturais que foram alteradas pelo processo de hibridação passaram por uma "reconversão". No caso do tradicional e o moderno, algumas práticas sociais advindas de experiências apreciadas como tradicionais, se adaptaram ao estilo moderno, um exemplo disso é o artesanato, pois muitos artesãos vincularam seu artesanato aos usos modernos para interessar mais os compradores, modificando seu caráter, pois adquiriu nova "roupagem". Sobre isso Canclini afirma que:

> Frequentemente a hibridação surge da criatividade individual e coletiva. Não só nas artes, mas também na vida cotidiana e no desenvolvimento tecnológico. Busca-se reconverter um patrimônio, uma fábrica, uma capacitação profissional, um conjunto de saberes e técnicas para reinseri-lo em novas condições de produção e mercado. (CANCLINI, 2006, p. 22).

Portanto, as práticas de trabalhar nas feiras e frequentá-las, readaptaram-se as mudanças urbanas e econômicas que a capital goiana passou, e isso gerou o "boom" de feiras especiais na cidade a partir da década de 1990. O que incidiu em muitas cidades, o desaparecimento e/ou "congelamento" [33] das feiras, em Goiânia aconteceu o contrário, o número de feiras aumentou dos anos 1990 até os dias atuais e algumas que surgiram antes desse período, cresceram de maneira desordenada e descontrolada, como é o caso da Feira Hippie.

A Feira Hippie de Goiânia tem sua origem na década de 1970, quando alguns artesãos[34] começaram a expor e comercializar suas peças na central praça da cidade, a Praça Cívica. Devido a isso, a feira era chamada, no seu início, de Feira do Artesanato, depois, com a quantidade de hippies presentes na feira, ela ficou conhecida, popularmente, como Feira Hippie, nome oficial, porém, atualmente bastante questionado.

Em seus primeiros anos, a Feira Hippie possuía caráter extremamente artesanal que, devido às mudanças do espaço urbano e os interesses de mercado, foi transferida de lugar em quatro momentos distintos no decorrer da sua história. O comércio de produtos artesanais era predominante até a década de 1980, após esse período e com a entrada de produtos industrializados e importados, a feira cresceu tanto, que deixou de ocupar apenas a praça, avançando para boa parte de uma das principais avenidas da capital goiana, a Av. Goiás.

Já na década de 1990, a feira aumentou sua quantidade de feirantes e frequentadores e o artesanato deixou de ser o produto central, sendo necessária a transferência da mesma para um local maior. Em 1995 houve uma última mudança, para a Praça do Trabalhador, transferência que ocorreu porque a Av. Goiás já não comportava mais o grande número de feirantes e visitantes que circulavam pelo local.

A iniciativa do poder público de levar a feira para a Praça do Trabalhador possibilitou que ela se configurasse da maneira que está hoje; transformando-se em importante centro de compras, que atrai, aproximadamente, 50 mil visitantes por domingo, a maioria oriundos de vários estados do Brasil, que buscam no local, mercadorias com boa qualidade e preços baixos. Atualmente, o maior destaque é a venda no atacado principalmente de produtos que compõem o setor de vestuário. Nesse cenário, a atividade inicial e tradicional da feira, o

---

[33] Termo utilizado pela Prefeitura da cidade de São Paulo, referente à proibição da implantação de novas bancas nas feiras livres do centro expandido da capital paulista. Ação que vem diminuindo, consideravelmente, o tamanho das feiras, visto que somente há feirantes que fecham barracas e nenhum que abre.

[34] A maioria deles seguia o estilo de vida perpetuado pelo movimento hippie.

artesanato foi se misturando as tecnologias produtivas ligadas a industrialização.

Não obstante, a Feira Hippie de Goiânia pode ser um exemplo de uma "hibridação cultural" relativa às condições trazidas pela modernidade. As práticas socioculturais, presentes na feira passaram por uma "reestruturação" econômica e simbólica, de forma que os artesãos e feirantes "reconverteram" seus saberes e seu artesanato para permanecerem na feira. Hoje, esta feira mantêm suas experiências tradicionais e populares, mas desenvolveu junto a elas, outras experiências modernas, o que pode ter contribuído para a sua permanência, fortalecimento, crescimento e influência para surgimento das outras feiras especiais em Goiânia[35].

A permanência dos aspectos tradicionais existentes na Feira Hippie está presente nos seguintes feitios: a conservação da estrutura de bancas com toldos; a possibilidade de maior contato entre as pessoas, de aproximação para a barganha e "pechincha"; a escolha rápida do produto; a afetividade; a "conhecibilidade" entre o vendedor, comprador e frequentador; os encontros; conversas; o barulho feito pelos feirantes para chamar a atenção do freguês; a perceptível alegria presente no ambiente; o tumulto; a desordem; a grande participação popular; a mistura de produtos; a presença de barracas dedicadas a ervas medicinais, temperos raízes; o artesanato etc.

A modernização atingiu a Feira Hippie, e esteve presente na formação e consolidação das outras feiras especiais de Goiânia. Os aspectos modernos estão presentes nessas feiras e se caracterizam, justamente pela força que o fenômeno da globalização, aliado a cultura de consumo, adquiriram nesses locais e se caracterizam através: da enorme quantidade de feirantes com seus produtos industrializados e atuais conforme as novas tecnologias, principalmente os distintos *Made in China*, da venda voltada para o atacado, o que acaba caracterizando uma produção de grande escala, a enorme quantidade de ambulantes, produtos pirateados, a forte presença de turistas, consumidores/revendedores e frequentadores, etc.

Assim sendo, fica evidente que a Feira Hippie e as feiras especiais de Goiânia passaram por transformações de ordem social, cultural, econômica e espacial. Essas mudanças fortaleceram essas feiras no espaço urbano de Goiânia. As feiras especiais surgiram na cidade a partir dos anos 1990, e estas já nasceram com as características da Feira Hippie "pós" processo de hibridação entre o tradicional e o moderno, podemos dizer que essas feiras foram "reinventadas" e novos conjuntos de bens simbólicos foram se formando.

---

[35] A Feira Hippie foi à primeira feira de Goiânia com as características do que a Prefeitura denomina como sendo Feiras Especiais.

Analisar as feiras de Goiânia através dessa perspectiva pode parecer uma visão um quanto otimista, porém sabemos que como a maioria dos processos interculturais, a hibridação cultural ocorrida na Feira Hippie e em outras feiras de Goiânia, gerou conflitos. O fato de que, enquanto estas feiras se apropriaram de alguns espaços públicos da cidade e neles se fortaleceram, caso das feiras especiais, as que mantiveram em suas atividades, experiências mais tradicionais, foram diminuindo de tamanho e/ou desaparecendo, como ocorreu com algumas feiras livres.

4.1. As feiras especiais de Goiânia: um patrimônio cultural transformado?

O consumo adquiriu uma dimensão cultural que vem transformando rapidamente os antigos hábitos e costumes sociais. Essa situação fica evidente nas feiras de Goiânia, as quais funcionam como espaços de trocas, não apenas de mercadorias, mas de práticas e representações sociais. Podemos observar que uma das principais práticas presente nessas feiras vem sendo o consumo em sua forma atual, principalmente nas feiras especiais. A transmissão de conhecimentos e técnicas tradicionais, vários saberes populares que nas feiras eram concentrados vem sendo modificados devido à influência da "lógica do consumo". A transformação, dos costumes tradicionais presentes nas feiras livres em Goiânia, pode ser percebida através das novas características culturais que estas adquiriram o que pode ser caracterizado pelo fato de terem surgido na cidade, a partir dos anos de 1990 uma grande quantidade de novas feiras, focadas no mercado varejista e principalmente atacadista, as chamadas feiras especiais.

Os traços tradicionais, antes, presentes nos costumes de trabalhar e frequentar as feiras livres adquiriu novas características ante as mudanças trazidas pela modernidade e pelas novas exigências do mercado consumidor, que se concretizaram nas feiras especiais, pois estas concebem claramente a revolução técnico-científica: novas tecnologias, novos produtos que não valem apenas pela utilidade, mas também por aspectos como design, adequação a tendências momentâneas e novidade. Muitos produtos comercializados nas feiras especiais caracterizam os novos modismos que passam a demandar a compra de produtos cada vez mais baratos e descartáveis, gerando assim um contexto de consumo crescente que favorece o contínuo crescimento das sociedades industriais.

Esta mudança ocorrida no "caráter" da feira nos faz entender na prática o que seja a hibridação entre o moderno e o tradicional. Observando as feiras de Goiânia é possível compreender o que Mike Featherstone, em seu livro *Cultura de consumo e pós-modernismo* (1995, p.43) intencionou ao realizar a seguinte análise: "as feiras desempenharam um duplo papel como mercados locais e espaços de diversão. Não eram apenas lugares de troca de mercadorias; incluíam a exposição de mercadorias exóticas e desconhecidas, provenientes de várias partes do mundo, numa atmosfera festiva. Da mesma forma que a experiência da cidade, as feiras proporcionavam um imaginário espetacular, justaposições bizarras, confusões de fronteiras e um mergulho numa *melée* de sons estranhos, gestos, imagens, pessoas, animais e coisas".

São esses aspectos existentes nas feiras, que fizeram e ainda fazem com que elas permaneçam durante tanto tempo na maioria das cidades. Um patrimônio cultural que se modificou, uniu o tradicional e o moderno, porém foi adquirindo e conquistando cada vez mais espaço na cidade de Goiânia, na vida dos goianienses e ressignificando lugares. Portanto, compreendemos que o consumo modificou os símbolos culturais presentes nas feiras e estes são tomados em outros contextos, reelaborados e lançados novamente no espaço de sociabilização humana. Nesse sentido, vivemos numa contínua ressignificação da realidade social e cultural, que não pode ser tratada como algo estanque, ou como representante de uma única identidade existente no espaço urbano de Goiânia.

A dimensão econômica trouxe uma nova "roupagem" cultural para as feiras, fortalecendo assim as feiras especiais, mas este fato não implica na redução de importância das mesmas como patrimônio histórico e cultural para muitos indivíduos da cidade. As modificações ocorridas em muitas dessas feiras representam, justamente, a possibilidade de existência de uma diversidade sociocultural que não pode ser tratada como única.

O que tem sido percebido em Goiânia, é que as ações do poder público dão maior relevância principalmente as Feiras Especiais – que estão relacionadas mais com o setor econômico e turístico. Os aspectos culturais e históricos vão sendo deixados de lado, e só aparecem, raramente, para embasar uma tentativa de transferência das feiras para outros espaços. Essas ações se apoiam no discurso da patrimonialização e da importância de permanência/existência das mesmas para a história da cidade, mas o intuito é apenas o controle social e do mercado financeiro que se movimenta com as atividades nelas presentes.

Exemplo disso pode ser encontrado na Feira Hippie, que desde o seu surgimento, passou por vários processos de readaptação urbana em função de interesses do mercado, o que

acabou atingindo as práticas sociais envolvidas dentro da feira e até mesmo, fora dela. As ações que envolveram as mudanças ocorridas, com e nesta feira deixam claro que "As diferentes "culturas de gosto" e comunidades exprimem seus desejos por meio de uma influência política e de um poder de mercado diferenciados." (HARVEY, 2006, p. 79).

Os aspectos existentes na Feira Hippie também se repetem nas outras feiras especiais da cidade, porém nela os problemas são mais intensificados, o que pode ser justificado pelo descontrole no seu tamanho. Essas feiras especiais não perderam por completo elementos considerados tradicionais, mas a estes foram incorporados outros que provocaram simplificadamente, uma modernização nas mesmas. Por mais que as feiras especiais tenham mantido a base do que seja uma feira, elas se diferem bastante do ambiente e da realidade das feiras livres, por este motivo, o poder público não pode tratá-las como iguais.

CAPÍTULO III

Quando se identifica as referências culturais da cidade.
As feiras pesquisadas, referência cultural e o poder público.

Os indivíduos de cada grupo social compartilham histórias, memórias, crenças, costumes, hábitos, modos de organização, saberes, fazeres, etc., o que faz com que sejam ligados por um passado comum. Esses elementos interferem nas práticas coletivas e são capazes de nos mostrar os valores culturais existentes em cada celebração, lugar, saber e forma de expressão. São os valores e os significados atribuídos pelos indivíduos a objetos, lugares ou práticas que podem tornar estes bens em referência e patrimônio cultural de uma coletividade.

Assim, a cidade vai formando suas referências, e partindo desses princípios, através da pesquisa de campo, realizada nas feiras - Feira da Lua, Feira do Cerrado, Feira Hippie, Feira do Setor dos Funcionários e Feira Dom Bosco - foi possível identificar os valores culturais e significados existentes nas mesmas, além de construir uma reflexão que contrapõe a visão da sociedade e do poder público, sobre as feiras de Goiânia,

Consideramos este capítulo como o relato dos resultados da pesquisa. Nele apresentamos algumas características das feiras onde foi realizada a pesquisa de campo e os valores culturais existentes nelas e que foram apresentados pelos próprios feirantes, frequentadores e moradores da cidade. O resultado obtido nas entrevistas realizadas com os representantes do poder público, ligados a cultura e a administração e fiscalização das feiras, encontram-se no decorrer capítulo. Essas explanações possibilitam a compreensão se as feiras são ou não uma referência cultural da cidade de Goiânia.

Nas páginas adiante, o feirante fica mais próximo, esse sujeito que além de trabalhar na feira, pertence e vive nela. Suas narrativas dão voz a estes indivíduos que são responsáveis por construir os lugares das feiras. São eles que expressam também, os diversos conflitos vivenciados pelos grupos de feirantes; conflitos com o poder público, conflitos internos, o enfrentamento das precariedades e dificuldades que existem diariamente nas feiras.

1. AS FEIRAS PESQUISADAS

1.1. FEIRAS ESPECIAIS

A Feira Hippie

A Feira Hippie de Goiânia acontece todo domingo na Praça do Trabalhador; sua história iniciou-se no inicio dos anos 1970, quando artesãos e artistas plásticos, alguns seguiam os princípios do movimento hippie, começaram expor seus trabalhos onde hoje é o Parque Mutirama.

Atualmente, é uma das maiores feiras do Brasil com aproximadamente 10.000 bancas que comercializam vários produtos como: artesanato[36] (crochê, bordados, porcelanas, cerâmicas, tachos feitos de cobre e peças de tear), calçados, vestuário, artigos regionais, comidas típicas de Goiás, outros estados brasileiros e países, além de produtos importados.

Uma referência de valor cultural para Goiânia, pois de um total de 125 pessoas questionadas sobre qual feira da capital goiana possui maior valor histórico para a cidade e pode ser considerado um patrimônio cultural, cento e dezoito moradores de Goiânia responderam a Feira Hippie. Nesse sentido, concordamos que:

> A cidade de Goiânia guarda, nas suas feiras, um grande fator de atratividade turística. Entre elas está a Feira Hippie de Goiânia que pode ser citada como um patrimônio histórico-cultural e sócio-econômico em virtude do seu valor para a sociedade goianiense. Esta feira gera transformações sócio-espaciais que atingem, de forma significativa, a região norte do centro de Goiânia e motiva um fluxo contínuo de pessoas em diversas escalas (regional, estadual e interestadual). (CARVALHO, MOTA, WENDLAND, 2007, p. 31)

A Feira Hippie não é grandiosa somente pela sua dimensão espacial ou pelo seu valor econômico, seu espaço transforma-se em festa. São os mesmos feirantes que por ali estão todos os domingos. Muitos possuem outras profissões durante a semana, como o policial que

[36] Segundo dados da SEDEM, o artesanato representa, atualmente, apenas 2% dos produtos comercializados na feira. O foco do comércio passou a atender o mercado varejista e atacadista de vestuário.

vende pão com pernil na Feira Hippie há mais de 20 anos, e afirma que além de ganhar mais dinheiro com a banca na feira, ele gosta de estar ali. Gosta do barulho, da confusão, das brincadeiras e piadas que rolam entre os amigos feirantes e clientes.

A Feira Hippie, assim como as outras feiras da cidade, possui valores culturais que possibilitam trocas sociais diversas, e traz para o seu presente, por meio das suas tradições, tempos passados, outras histórias e memórias. Sua história marcou a vida de muitas pessoas que vivem ou já viveram na cidade. Algumas delas contam com saudosismo como era a feira quando ela ainda estava no seu início e era conhecia como Feira da Arte e do Artesanato.

Artistas e artesãos, atualmente, famosos e respeitados no estado de Goiás, no Brasil e em outros países, começaram expondo seus trabalhos na Feira Hippie, tais como: Antônio Poteiro, D.J Oliveira, Cléber Gouveia, Angelos Ktenas, Amaury Menezes, Carlos Sena, Beth Goés etc. As imagens abaixo (37 e 38) mostram a artista plástica Beth Goés, que hoje vive em São Paulo, expondo seu trabalho na Feira Hippie na década de 1970.

A imagem 39 revela um dos momentos em que o admirado artista Antônio Poteiro[37], principiou sua carreira expondo seus trabalhos como escultor, aos domingos, na Feira do Artesanato na Praça Cívica, hoje Feira Hippie. Muitas pessoas lembram de vê-lo lá, o próprio Bariani Ortêncio (já citado neste trabalho) recorda-se de ver e encontrar com Poteiro sentado na feira expondo seus vasos (potes): "Nossa! Lembro de mais de ver o Poteiro lá. Tinha muita gente boa ai das artes de Goiás que ficava lá na feira. Essa feira era uma coisa maravilhosa, pequenininha, todo mundo se encontrava lá".

[37] Antônio Poteiro foi escultor, pintor e ceramista. Nasceu em Portugal, no ano de 1925 sendo radicado no Brasil. Era considerado um dos mestres da pintura primitiva no Brasil. Iniciou sua vida artística como artesão, produzindo cerâmicas para o uso doméstico, máscaras e bonecos, de onde adveio o "Poteiro" de seu nome artístico. Mudou-se para Goiânia no início dos anos 1970, onde começou a expor seu trabalho na Feira Hippie. Incentivado por Siron Franco, Cléber Gouvea (artistas plásticos regionais), começou a pintar em 1972. Em 1978 lecionou cerâmica no Centro de Atividades do SESC, no Rio de Janeiro. Dois anos depois, lecionou cerâmica nas Feiras Internacionais de Hannover e Düsseldorf na Alemanha. É considerado, por especialistas, um dos melhores artistas plásticos do país. Poteiro faleceu em 08 de junho de 2010 em Goiânia.



Imagem 37. Os primeiros anos da Feira Hippie. Artista plástica Beth Goés (sentada ao centro), com 19 anos, expondo artesanato em 1972. Fonte: site Beth Goés.



Imagem 38. Os primeiros anos da Feira Hippie. Artista plástica Beth Goés (sentada ao centro), com 19 anos, expondo artesanato em 1972. Fonte: site Beth Goés.



Imagem 39. Os primeiros anos da Feira Hippie. Antônio Poteiro na Feira Hippie quando era Feira do Artesanato. Fonte: Foto cedida pelo Prof. Carlos Sena.

Essas imagens ilustram parte da história da Feira Hippie. Quem a conhece hoje, com suas mais de dez mil bancas, pode não conseguir acreditar que em seu princípio os feirantes fizeram surgir uma feira na sua forma mais simples e elementar, com produtos expostos ao chão, fruto do trabalho de artesãos, artistas e profissionais, donos de saberes e técnicas tradicionais. As experiências existentes nesta feira e que já passaram por ela, nos revelam relatos que são capazes de construir a história não só da própria Feira Hippie, mas de Goiânia, e também nos dão elementos que comprovam mais uma vez que o hábito de frequentar feiras é algo fortemente presente do costume do goianiense. Adiante, imagens (27 e 28) mostram a Feira Hippie que ficou na memória de muitas pessoas e um momento muito especial da história da feira é retrato nas imagens 29 e 30, o primeiro autor goiano a entrar na Academia Brasileira de Letras, Bernardo Élis, autografando um de seus livros na Feira do Artesanato.



Imagem 40. Feira de Arte e Artesanato, Alois Feichtenberger, década de 1970, Goiânia - GO. Acervo MIS|GO.

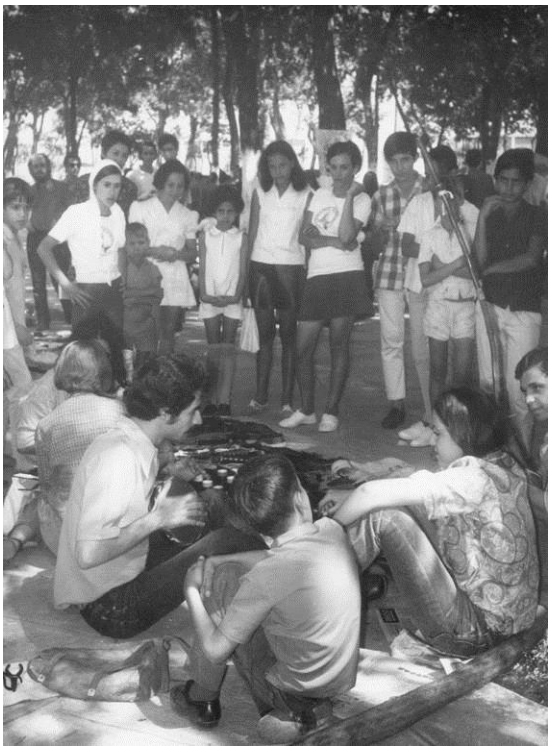


Imagem 41. Feira de Arte e Artesanato, Alois Feichtenberger, década de 1970, Goiânia - GO. Acervo MIS|GO.

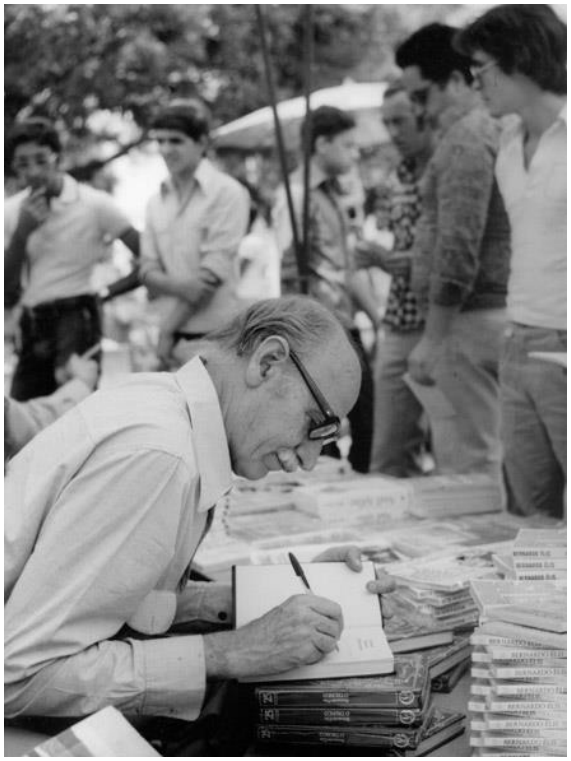


Imagem 42. Bernardo Élis autografa na Feira de Arte e Artesanato, Alois Feichtenberger, década de 1970, Goiânia - GO. Acervo MIS|GO.

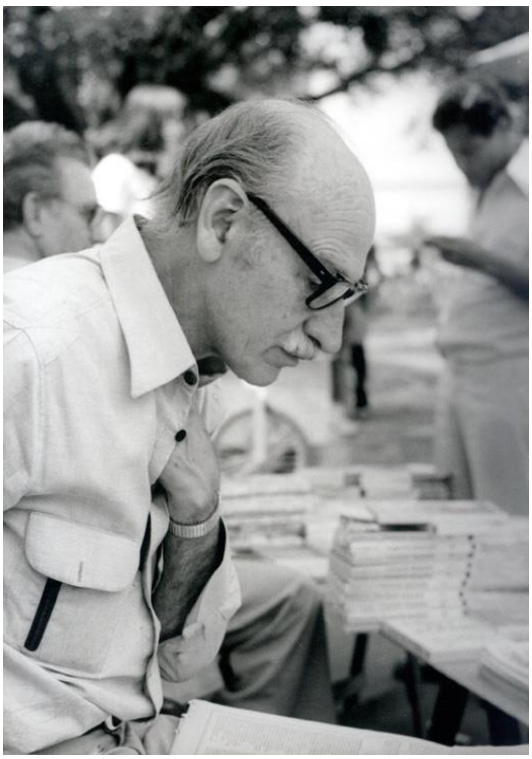


Imagem 43. Bernardo Élis autografa na Feira de Arte e Artesanato, Alois Feichtenberger, década de 1970, Goiânia - GO. Acervo MIS|GO.

Alguns entrevistados foram bem claros ao afirmar que a Feira Hippie é um patrimônio cultural de Goiânia, porém o rápido aumento das suas dimensões, a invasão da venda atacadista, de produtos importados e a falta de organização fizeram com que o próprio goianiense perdesse o interesse pela feira, o que pode ser observado na fala de um dos moradores da cidade: "A Feira Hippie poderia ser considerada um patrimônio cultural, mas creio que foi bastante descaracterizada ao longo do tempo, parecendo hoje um verdadeiro encontro de muambas, com pouca segurança" (BRUNO GAMBINI, morador de Goiânia, administrador, em entrevista realizada no dia 05 de março de 2012).

A Feira Hippie, em seus anos iniciais era uma feira com caráter extremamente popular e artesanal que, devido às mudanças do espaço urbano, interesses de mercado e o rápido crescimento da feira, foi transferida de lugar em quatro momentos no decorrer da sua história. As mudanças de locais da feira, sempre foram organizadas por ações do poder público. O discurso para as mudanças de espaço pautaram-se na importância da feira para a cidade, em facilitar a movimentação nos seus corredores e do trânsito no entorno da feira.

O comércio de produtos artesanais era predominante até a década de 1980, entretanto com a entrada de produtos industrializados e importados, a Feira Hippie se expandiu, passando a ocupar toda extensão da Avenida Goiás. Em 1995 houve uma última mudança, para a Praça do Trabalhador, transferência necessária porque a Avenida Goiás já não comportava mais o grande número de feirantes e frequentadores que circulavam pelo local.

A iniciativa de levar a feira para a Praça do Trabalhador possibilitou que ela se configurasse da maneira que está hoje; transformando-se em importante centro de compras que atrai, aproximadamente, 30 mil visitantes por domingo, a maioria oriundos de vários estados do Brasil, que buscam no local, mercadorias com qualidade e preços mais acessíveis. Segundo informações coletadas na SEDEM, pessoas de toda parte do país, notadamente das regiões norte e nordeste lotam em média quarenta ônibus por domingo para fazer compras no atacado e revendê-las em suas regiões.

As estimativas feitas pela SEDEM mostram que no final do ano, a feira recebe até 100 mil visitantes. Fonte de sustento para mais de oito mil feirantes e suas famílias, além de montadores de barracas, carregadores e ambulantes. Segundo o presidente da Associação dos feirantes da Feira Hippie, Manoel Abadia, a feira gera cerca de 60 mil empregos diretos e 80 mil indiretos. Nesse cenário, a atividade inicial e tradicional da feira, o artesanato, foi se reduzindo. Atualmente, o maior destaque é o setor de vestuário.

O crescimento da Feira Hippie transformou boa parte do comércio e o setor hoteleiro

próximo à região[38]. Ruas inteiras de lojas (principalmente vestuário) se espalharam perto da feira, como a Rua 44. A rede hoteleira, transporte rodoviário e alimentício se adaptaram as necessidades dos frequentadores da feira. O Secretário Municipal de Desenvolvimento econômico José Sebba Junior nos informou que atualmente a maior parte dos frequentadores da Feira Hippie não é de goianienses e que até mesmo um número considerável de feirantes não vivem na capital goiana, assim ele nos relata:

> O número de pessoas de outras cidades é muito grande mesmo, tanto na compra quanto dos feirantes. Muito grande! Da compra então é muito maior do que de quem vende. Vem gente de todos os lugares. Isso só a título de acrescentar ai, não é questão da feira, mas da região, existe um estudo da Polícia Militar que estava vindo um ônibus de Jataí-GO, pra região da 44, que vinha só com pedintes, as pessoas pagavam o ônibus, ficavam aqui duas noites pedindo esmola e voltavam pra sua cidade. Quer dizer tamanho é ai o fluxo de pessoas de Goiânia e de fora que estão freqüentando. Agora ali o número de pessoas que vem de fora pra fazer compra em maior escala pra revender também é muito grande. (JOSÉ SEBBA JR, em entrevista realizada no dia 18 de junho).

Essa situação colocada acima revela apenas um dos problemas que existem hoje na Feira Hippie. As proporções da mesma parecem ter saído do controle do poder público. Muitos entraves existentes na feira já são caso de segurança pública. O caos provocado e deixado pela feira, o qual se inicia no dia anterior com a montagem das bancas e fechamento das ruas tem levado várias pessoas a questionarem e negarem a importância da mesma para a cidade. Tudo isso acaba escondendo os valores e a diversidade cultural que nela existe. As imagens a seguir ilustram um pouco de como a Feira Hippie está hoje.

---

[38] A pesquisa "O impacto da Feira Hippie no setor turístico-hoteleiro de Goiânia", que faz parte do projeto "Turismo e Desenvolvimento Socioespacial", iniciado em 2006 no Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás – CEFET/GO (atual IFG), procurou compreender a dinâmica da Feira Hippie de Goiânia e o seu impacto gerado no setor turístico-hoteleiro da cidade de Goiânia.

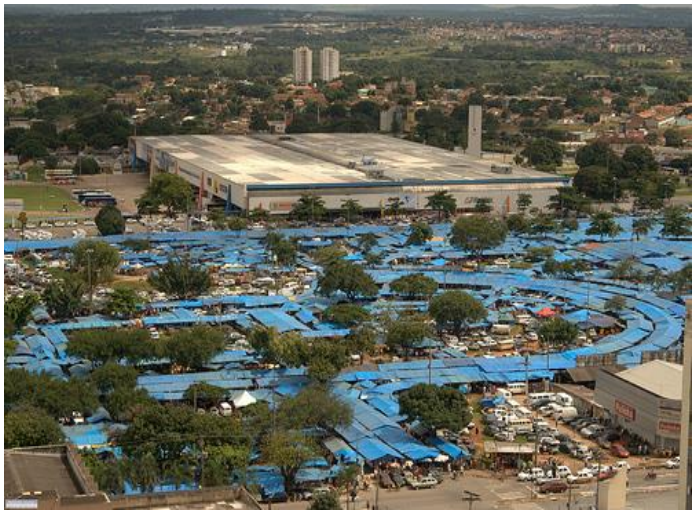


Imagem 44. Vista aérea da Feira Hippie. Goiânia-GO. 2006. Foto: http://www.goianiabr.com.br/2009/12/feira-hippie-de. Acesso: out.2011.



Imagem 46. Vista aérea da Feira Hippie. Goiânia-GO. 2006. Foto: http://www.goianiabr.com.br/2009/12/feira-hippie-de. Acesso: out.2011.



Imagem 45. Feira Hippie. Goiânia-GO. 2006. Foto: http://www.goianiabr.com.br/2009/12/feira-hippie-de. Acesso: out.2011.



Imagem 47. Trânsito na Feira Hippie. Goiânia-GO. Mar.2012. Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 48. A permanência de artistas plásticos na Feira Hippie. Goiânia-GO. Mar./2012. Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 49. Feira Hippie. Goiânia-GO. 2006. Foto: http://www.goianiabr.com.br/2009/12/feira-hippie-de. Acesso: out.2011.



Imagem 50. Feira Hippie. Goiânia-GO. 2006. Foto: http://www.goianiabr.com.br/2009/12/feira-hippie-de. Acesso: out.2011.

A Feira da Lua

A Feira da Lua acontece todos os sábados das 15h às 21h na Praça Tamandaré, no Setor Oeste. Criada em 1993, com de 250 feirantes. A Feira da Lua ganhou uma rápida aceitação por parte da população e foi crescendo até tomar as duas partes da Praça Tamandaré. Hoje, segundo a relação de feiras especiais regularizadas pela SEDEM, concluída em 21 de janeiro de 2011, esta feira possui mais de 1.223 pontos autorizados, tendo em torno de 2.500 pessoas que trabalham diretamente na feira, dentre elas estão feirantes, montadores de bancas e ajudantes.

Segundo informações de alguns feirantes mais antigos, e do Secretário Municipal de Cultura Joaquim Jayme, a Feira da Lua foi organizada por um grupo de pessoas que desejavam formar em Goiânia uma feira que expusesse o artesanato e a culinária local. Joaquim Jayme nos relatou que ele participou da comissão para selecionar os feirantes que iriam montar banca e comercializar seus produtos na Feira da Lua, de acordo com ele:

> O que aconteceu foi o seguinte, é, inclusive eu ajudei a organizar a Feira da Lua na época. Provando as comidas, aprovando um feirante, desaprovando outro, era uma equipe né? E ajudei a montar essa Feira da Lua que hoje é uma coisa enorme, tá certo? No início a intenção era que fosse só artesanato e comidas regionais, mas já no começo foi tanta procura que não teve como controlar. Hoje tem de tudo lá né? Até cachorro! (JOAQUIM JAYME em entrevista realizada no dia 19 de junho de 2012).

Para SEDEM, a Feira da Lua recebe frequentadores com boas condições financeiras, o que é coerente ao fato da feira estar localizada em um dos bairros mais centrais e nobres da cidade, o Setor Oeste. Porém, mesmo ocorrendo em um bairro central, com alta movimentação e tendo como vizinhos moradores de classe média e alta, a Feira da Lua não sofre pressões para ser transferida de lugar ou acabar, pelo contrário, a cada sábado parece estar mais cheia.

O Diretor de Fiscalização das feiras especiais da SEDEM, Vinícius Santana de Alencar, afirma em entrevista que "As pessoas já aceitaram bem com a Feira da Lua. A gente não recebe reclamação de morador não, aliás, é muito raro aparecer reclamação de que a Feira da Lua atrapalha, mas temos muita reclamação do lixo que fica depois que a feira acaba, mas isso são todas as feiras."

As mais de 1200 (mil e duzentas) bancas da Feira da Lua dividem-se em: alimentação, artesanato, vestuário, calçados, acessórios, produtos de enxoval para bebês, cama, mesa e banho, obras de arte e produtos importados. O público estimado é de 10 mil pessoas por sábado, e de acordo com pesquisa realizada pela SEDEM, em agosto de 2008, a maioria dos frequentadores - cerca de 70% - são do sexo feminino. Conforme pudemos observar, durante a pesquisa, os homens preferem ficar nas áreas de alimentação enquanto aguardam as mulheres que vão as compras.

A feira é setorizada, havendo duas áreas de alimentação, uma em cada parte da feira, uma área para produtos de bebês, uma área de exposição e venda de animais domésticos,

principalmente filhotes de cachorros, na parte interna da praça localiza-se a parte de exposição de quadros e peças de artes, e espalhadas por toda feira estão às bancas de vestuário, calçados, bolsas, bijuterias e outros acessórios; observando que boa parte desses produtos é destinada ao público feminino.

Consideramos que a Feira da Lua mantém os aspectos tradicionais e populares de uma feira, entretanto, a modernidade fez com que ela já nascesse para atender as demandas de uma sociedade consumista, por isso a "hibridação cultural" entre o moderno e o tradicional circulam juntos com os frequentadores entre as bancas desta feira, sendo um exemplo bem sucedido de adaptação de uma prática tradicional e contexto moderno.

A Feira da Lua virou referência e adquiriu posição de destaque na cidade, seus produtos e o rico acervo culinário, atrai cada vez mais frequentadores e turistas que vão em busca de bons produtos, a preço baixo, e de sabores diversos. O que chama a atenção na Feira da Lua é a sua variedade de seus produtos, o convívio de produtos artesanais e industrializados evidencia a capacidade de reinvenção que as feiras têm, o que comprova o fato destas serem espaços em que os elementos de diferentes tradições são absorvidos e ganham novas características e formas de composição. Segue abaixo algumas imagens da Feira da Lua que mostram parte do que foi colocado aqui sobre ela.



Imagem 51. Feira da Lua. Goiânia-GO, Mai./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 52. Artista Plástico na Feira da Lua. Goiânia-GO, Mai./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 53. Feira da Lua. Goiânia-GO, Mai./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 54. Setor de animais domésticos na Feira da Lua. Goiânia-GO, Mai./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 55. Área de alimentação na Feira da Lua. Goiânia-GO, Mai./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.

Feira do Cerrado

A Feira do Cerrado se constitui em uma feira mais do que especial. Como já foi dito na introdução deste trabalho, a escolha dela para pesquisa de campo deu-se pelo fato de tratar-se de uma feira que se preocupa em valorizar o trabalho artesanal, sendo a única em Goiânia com essa característica.

Esta feira acontece em todos os domingos das 09:00 às 13:00 horas, no Parque da Criança, atrás do estádio Serra Dourada. Foi criada em 2004, por alguns artesões, sendo hoje, uma feira particular, que não passa por fiscalização e acompanhamento da Prefeitura através da SEDEM. A Feira do Cerrado possui um Conselho Administrativo próprio de organização e fiscalização; seu funcionamento ocorre através de um regulamento interno, o qual determina que somente produtos artesanais possam ser comercializados na feira, de preferência com matéria-prima oriunda do cerrado. Por retirar a matéria-prima do cerrado, o artesanato existente na Feira do Cerrado exige conhecimentos precisos sobre colheita e o tratamento de sementes, flores, fibras e pedras.

O regulamento interno aponta como princípios da feira:

Missão - "Contribuir para o desenvolvimento sustentável do artesanato, culinária saudável, fazendo a inclusão social dos artesãos na economia formal, trazendo lazer diferenciado à população".

*Visão: "*Ser reconhecidamente a maior e melhor feira de artesanato do Centro Oeste, agregando valores culturais e sócios econômicos ao país".

*Valores: "*Artesanato, Culinária, Folclore e Cultura."

A partir disso, a administração da feira promove vários eventos culturais a cada domingo, com apresentações de danças, peças de teatro, shows de cantores regionais, oficinas de artesanato etc. Atualmente, a Feira do Cerrado está com 160 feirantes e um público por domingo que varia de 3.000 a 3.500 pessoas. Não é a feira mais conhecida e frequentada da cidade, mas observamos que a maior parte dos frequentadores são pessoas que reconhecem o valor de um produto artesanal.

A quantidade de produtos expostos na feira demonstra a variedade do artesanato urbano de Goiânia. A prática e conhecimento popular de reaproveitamento de materiais usados - madeira, vários tipos de metais (ferro, cobre, alumínio etc), vidro, tecidos, etc. -, atrelada a arte de combinar, localiza na reciclagem uma maneira de garantir, concomitantemente, a subsistência e a possibilidade de expressão artística. Com isso, a Feira do Cerrado consegue colocar em prática ações que condizem a uma tentativa de promover o desenvolvimento sustentável.

Analisamos que na Feira do Cerrado, o feirante é o próprio artista, portanto, aquele que é detentor do saber de artesão se transforma em feirante para expor e comercializar seus produtos na feira; e esta se configura em uma vitrine para o artista. Além de colchas de retalhos e trabalhadas em patchwork, toalhas de crochê, tapetes, esculturas, mobiliário, telas, quadros, bijuterias, sabonetes, brinquedos, portas retratos etc., a feira valoriza a culinária goiana. As bancas de alimento centram-se na venda de produtos típicos da culinária regional, como: pamonha, bolinho de arroz, empadão, quitandas, doces, picolés e sorvetes de frutas do cerrado, etc.

Podemos avaliar a Feira do Cerrado como outra forma de reinvenção da feira. Ela não se configura apenas como uma feira "hibridada", na qual o tradicional e o moderno se entrelaçaram; ela é outro elemento deste fenômeno cultural e social. A Feira do Cerrado representa a tentativa de "resgate" do tradicional, prática esta também comum a modernidade, pois segundo as análises de David Harvey, em "Condição pós-moderna" (2006, p. 69-96), temendo perder suas referências identitárias, os sujeitos pós-modernos caminham para o tentame de recuperação do seu passado. Ao valorizar, tentar manter e resgatar aspectos da cultura goiana, a Feira do Cerrado demonstra a capacidade de incorporação e de flexibilidade que as feiras possuem. Abaixo, trazemos algumas imagens para ilustrar um pouco desta feira.



Imagem 56. Trabalho artesanal (esculturas) na Feira do Cerrado. Goiânia-GO, Jun./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 57. Trabalho artesanal com sementes do cerrado na Feira do Cerrado. Goiânia-GO, Jun./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 58. Trabalho artesanal na Feira do Cerrado. Goiânia-GO, Jun./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 59. Trabalho artesanal (brinquedos de madeira) na Feira do Cerrado. Goiânia-GO, Jun./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 60. Feira do Cerrado. Goiânia-GO, Jun./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 61. Trabalho artesanal (sabonetes) na Feira do Cerrado. Goiânia-GO, Jun./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.

1.2. FEIRAS LIVRES

<u>Feira Dom Bosco e a Feira do Setor Centro Oeste (Feira do Setor dos Funcionários)</u>

O aconchego existente em algumas feiras livres fica evidente logo que se chega na Feira Dom Bosco e Feira do Setor dos Funcionários. Duas feiras pequenas, mas grandiosas no que concerne a diversidade da cultura popular e a permanência de aspectos tradicionais. A Feira Dom Bosco acontece toda manhã de terça e sexta-feira das 07:00 às 12:00 horas. Localizada há mais de cinquenta anos na Rua 29, esquina com as Ruas 1 e 4, Setor Oeste, em frente ao Colégio Ateneu Dom Bosco (um dos primeiro colégio da cidade, fundado em janeiro de 1941) e atrás da Assembléia Legislativa de Goiás.

A Feira do Setor dos Funcionários é registrada pela SEDEM como Feira do Setor Centro-Oeste. Devido à proximidade dos dois bairros, os moradores, frequentadores e feirantes acabaram popularizando-a de Feira do Setor dos Funcionários, alguns a chamam até de Feira de Campinas. A feira ocorre toda quinta-feira e aos domingos das 07:00 às 12:00 horas e possui cadastrada na SEDEM 113 feirantes.

O fato de essas feiras estarem localizadas em regiões que possuem grande movimentação, a Dom Bosco próxima ao Setor Central e a dos Funcionários em Campinas,

faz com que elas sofram e sintam de maneira mais forte as pressões urbanas e atuais. Todavia, as duas feiras, atualmente, aparentam forte estabilidade, o que faz com que elas sejam uma das reminiscentes das primeiras feiras surgidas em Goiânia.

Segundo relatos dos feirantes, calcula-se que o surgimento da Feira Dom Bosco tenha ocorrido por volta dos anos 50, pois a maioria dos feirantes mais antigos que foram entrevistados relatou ter mais de 40 anos de trabalho na Feira Dom Bosco. O comércio da feira centra-se em produtos hortifrutigranjeiros. Possuindo 106 feirantes cadastrados. Seu público estimado é de 800 pessoas por dia de feira.

Tanto na Feira Dom Bosco quanto na Feira do Setor dos Funcionários notamos que a maior parte dos frequentadores é de moradores que vivem próximo as feiras e as frequentam há mais de trinta ou quarenta anos. Foi possível reparar, durante a pesquisa, que o número de frequentadores das duas feiras é maior de pessoas adultas e idosas. Essas duas feiras representam a similaridade entre as feiras livres de Goiânia, as quais ainda não passaram totalmente por processos de "reinvenções", guardando assim, valores culturais e aspectos tradicionais das primeiras feiras de Goiânia. As frutas, verduras, legumes, carnes, doces, derivados de leite, ovos e a modo tradicional de se fazer feira, preservam os elementos que existem nas clássicas feiras livres. No próximo tópico descrevemos melhor sobre isso. Abaixo, trazemos algumas imagens que elucidam um pouco das duas feiras.



Imagem 62. Feira Dom Bosco. Goiânia-GO. Set./2011. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 63. Feira Dom Bosco. Goiânia-GO. Set./2011. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 64. Feira Dom Bosco. Goiânia-GO. Set./2011. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 65. Feira Dom Bosco. Goiânia-GO. Set./2011. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 66. Feira Dom Bosco. Goiânia-GO. Set./2011. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 67. Feira Dom Bosco. Goiânia-GO. Set./2011. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 68. Feira do Setor dos Funcionários. Goiânia-GO, Mai./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora



Imagem 69 Feira do Setor dos Funcionários. Goiânia-GO, Mai./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora



Imagem 70. Feira do Setor dos Funcionários. Goiânia-GO, Mai./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora



Imagem 71. Feira do Setor dos Funcionários. Goiânia-GO, Mai./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora



Imagem 72. Feira do Setor dos Funcionários. Goiânia-GO, Mai./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora



Imagem 73. Feira do Setor dos Funcionários. Goiânia-GO, Mai./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora

2. AS FEIRAS DE GOIÂNIA: REFERÊNCIA CULTURAL DOS GOIANIENSES

O trabalho com a preservação patrimonial deve ser crítico e analítico, pois ao buscar pelo contexto que inseriu determinado bem, monumento, obra de arte, modo de saber, modo de fazer, lugar, celebração, etc. como patrimônio cultural de determinada sociedade, é importante que se perceba o que esteve por trás da decisão de dar-lhe relevância como um símbolo da história ou testemunho que guarda a memória e as tradições de determinado grupo

social.

Essa iniciativa deve vir unida à participação dos indivíduos, para assim constituírem-se em processos de patrimonialização mais coerentes com a realidade coletiva e não transformarem-se em cenários falsos, em fetiches, que muitas vezes acabam forjando um patrimônio que a sociedade não valoriza e não se identifica. Devemos sempre considerar, que os valores atribuídos a um patrimônio - processo de patrimonialização - são transmitidos por quem os vivem em suas experiências quotidianas. Quando se trata de patrimônio cultural, seja material ou imaterial, fala-se também de valores e de interesses coletivos.

Com isso, percebemos que é essencial vincular, sempre, as ações de proteção e preservação do patrimônio cultural à dinâmica da experiência coletiva. Não podemos deixar de relacioná-las, também, aos conflitos sociais e políticos presentes em cada paisagem social. O simples ato de ouvir os indivíduos seria um caminho para atingir a dialética necessária para que não ocorra a espetacularização[39] do patrimônio cultural.

São os indivíduos que podem apontar o que os representa, ou em quais práticas sociais eles se "reconhecem" e, principalmente, dar as pistas do que precisa ser feito e como o poder público deve agir para patrimonializar determinado bem cultural. Portanto, é necessário não perder de vista o sentido que determinada manifestação cultural tem para o grupo que a produz.

Nesse sentido, consideramos que a história da valorização do patrimônio está relacionada às intervenções do poder público. Os grupos sociais criam e recriam suas expressões culturais a partir ou apesar das políticas de Estado. Sabemos que "O Estado tradicionalmente delega aos intelectuais essa função. São eles os encarregados de criar museus, arquivos, tombar bens, etc. Esses espaços - e os bens neles preservados - tornam-se assim públicos, mas cabe perguntar quão públicos na realidade são." (FONSECA, s/d, p. 114)

O patrimônio cultural, apresentado pelos indivíduos, estará associado à história e à tradição, podendo ser um importante soluto, neste momento de modernidade e globalização, para não deixar perder, completamente, as referências culturais de cada grupo, além de não permitir que a mercantilização da cultura continue prevalecendo nas ações de patrimonialização. Nesse sentido, seria incoerente afirmar que as feiras de Goiânia são uma

---

[39] O trabalho se apóia na noção de que a espetacularização "seria a acentuação ou criação de traços culturais que objetivam caracterizar a singularidade de um espaço urbano por um forte apelo visual e práticas sociais momentâneas, com vistas à apreensão consumível da história e da cultura na forma de uma mercadoria" (LEITE, 2010, p. 78).

das referências culturais para os goianienses sem que estes mesmos não nos mostrassem os valores que elas possuem para eles. A observação das feiras, a conversa com os feirantes e os moradores nos possibilita entender que:

> Quando se fala em referências culturais, se pressupõem sujeitos para os quais essas referências façam sentido (referências para quem?). Essa perspectiva veio deslocar o foco dos bens - que em geral se impõem por sua monumentalidade, por sua riqueza, por seu peso material e simbólico - para a dinâmica de atribuição de sentidos e valores. Ou seja, para o fato de que os bens culturais não valem por si mesmos, não têm um valor intrínseco. O valor lhes é sempre atribuído por sujeitos particulares e em função de determinados critérios e interesses historicamente condicionados. Levada às últimas consequências, essa perspectiva afirma a relatividade de qualquer processo de atribuição de valor - seja valor histórico, artístico, nacional etc. - a bens, e põe em questão os critérios até então adotados para a constituição de patrimônios culturais, legitimados por disciplinas como a história, a história da arte, a arqueologia, a etnografia, etc. Relativizando o critério do saber, chamava-se atenção para o papel do poder. (FONSECA, s/d, p. 112)

As feiras configuram-se como patrimônio cultural imaterial e para identificá-lo como tal, após vários questionamentos e análises acadêmicas, percebe-se maior coerência em ir pelo caminho dos elementos que as configuram como "referência cultural", pois segundo (VELOSO, 2006, p. 443) "é ele que informa a prática do registro patrimonial, uma vez que ainda remete ao processo de produção, às relações sociais entre os produtores e igualmente ao repertório simbólico de um determinado grupo social".

Assim sendo, fomos buscar nos "produtores" os valores simbólicos que eles produzem nos lugares das feiras. No primeiro capítulo, tópico *Goiânia convivendo com as feiras,* foi explanado que o goianiense gosta de frequentar as feiras e que são poucas as reclamações das inconveniências que as mesmas podem trazer para o dia a dia da cidade, porém isso não é suficiente para mostrar os valores que fazem das feiras uma referência cultural dos goianienses. Aqueles que vivenciam as feiras carregam em suas práticas e representações sociais valores e interpretações que fazem desses lugares importantes, culturalmente, para a cidade. Quando identificamos essas práticas culturais e os símbolos presentes nelas, conseguimos apreender as referências culturais, neste caso,

> O ato de apreender referências culturais pressupõe não apenas a captação de determinadas representações simbólicas, como também a elaboração de relações entre elas e a construção de sistemas que falem daquele contexto cultural, no sentido

> de representá-lo. Nessa perspectiva, os sujeitos dos diferentes contextos culturais têm um papel não apenas de *informantes* como também de *intérpretes* de seu patrimônio cultural (FONSECA, s/d, p. 113).

Em verdade, estamos produzindo conhecimento a respeito do que as feiras representam para os goianienses. Neste processo de ouvir para construir e atribuir os valores existentes nas referências culturais o mais importante é a formação de conhecimento, pois conforme Maria Cecília L. Fonseca afirma:

> O conhecer é o primeiro passo para proteger essas referências, pois é preciso, antes de mais nada, identificá-las, enunciá-las. Entretanto, como a dimensão simbólica do espaço costuma ser mais vivida que conhecida, e também porque sua consideração pode limitar a realização de interesses outros (como a valorização do solo como mercadoria, para construção de novas edificações), essa dimensão raramente é levada em conta no planejamento urbano (FONSECA, s/d, p. 113).

A noção de referência cultural se encaixa no que concerne à análise das feiras, pois em toda e qualquer feira é possível encontrar uma dimensão simbólica plural e diversificada. A diversidade cultural existente nas feiras não implica apenas produção material, mas também os sentidos e valores atribuídos pelos diferentes sujeitos a bens e práticas sociais que ocorrem em seus espaços e que as caracterizam como referência cultural dos mesmos, o que in locus "só se constituem como referências culturais quando são consideradas e valorizadas enquanto marcas distintivas por sujeitos definidos" (FONSECA, s/d, p. 113).

A ação de perceber referências culturais implica não somente a compreensão de algumas representações simbólicas, mas também a formação de relações entre elas e a constituição de sistemas ligados a este contexto cultural. Nesse sentido, os indivíduos possuem a função de informar e também de interpretar o seu patrimônio cultural, além de indicar o que precisa ser feito para protegê-lo. Conforme citação abaixo, entendemos que:

> trata-se de identificar, na dinâmica social em que se inserem bens e práticas culturais, sentidos e valores vivos, marcos de vivências e experiências que conformam uma cultura para os sujeitos que com ela se identificam. Valores e sentidos esses que estão sendo constantemente produzidos e reelaborados, e que evidenciam a inserção da atividade de preservação de bens culturais no campo das práticas simbólicas (FONSECA, s/d, p. 119).

As relações sociais criaram nas feiras um sistema e um contexto cultural que ocorre em quase todas elas. Nelas se produzem práticas coletivas que permitem aos participantes, feirantes, fregueses, visitantes, turistas, passantes se reconhecer, compartilhar, trocar e reproduzir valores culturais. A partir do momento que alguém se reconhece na feira e confirma a importância dela para a sua gênese como indivíduo, a mesma torna-se uma das referências culturais responsáveis pela sua formação. Assim sendo, através do que esta pesquisa buscou e encontrou compreende-se que as feiras, presentes no espaço público de Goiânia, tornaram-se pontos de referência que demarcam várias identidades existentes na cidade.

Os valores culturais existentes nas feiras de Goiânia são vários, vale ressaltar, que por mais que elas sejam bem parecidas, e transmitem rapidamente à imagem e as representações de feira que todos conhecemos e que existe por muitos anos em várias cidades, cada feira em si possui sua disposição regional, suas particularidades, seus próprios aspectos, seu "estilo". Cada feira da cidade, por mais parecida que seja da outra, também se distinguem. No interior das duas categorias oficiais de feiras utilizadas pela administração municipal e também por esta pesquisa (especial e livre), existem várias feiras, cada qual com seu jeito, com seus atores e figurantes, sendo que cada uma promove um espetáculo distinto da outra. A partir disso, no próximo capítulo analisamos os valores culturais existentes nas feiras de Goiânia, e que fazem delas uma referência cultural dos goianienses e da cidade.

3. AS FEIRAS: IDENTIFICANDO REFERÊNCIAS CULTURAIS

3.1. Os valores culturais existentes nas feiras, segundo os goianienses.

Aos poucos, as feiras de Goiânia foram se tornando lugares de expressão, de difusão e de reprodução de valores culturais específicos, paralelamente ao crescimento da importância social e econômica que elas possuem para a cidade. Algumas feiras cresceram, outras diminuíram várias surgiram, enquanto algumas desapareceram, e com elas a cidade foi estabelecendo uma relação de reciprocidade, resultado dos diversos sentidos que a população

lhes conferiu. Ao mesmo tempo, os espaços das feiras foram se tornando lugares que acarretaram e motivaram o desenvolvimento da vida cultural, a permanência de saberes, costumes e conhecimentos tradicionais e a mistura desses com práticas contemporâneas, além de manter a memória e preservar uma referência de grande valor cultural e histórico para a cidade de Goiânia.

Não são apenas os patrimônios vivos existentes nas feiras de Goiânia, feirantes artesãos, raizeiros, pequenos agricultores, cozinheiros, artistas plásticos, que transformam as feiras em referência cultural, mas sim a relação de todos eles com o espaço ocupado por elas e seus frequentadores. São essas relações que marcam a formação e permanência de elementos da cultura tradicional do goianiense que o tempo e a modernidade não apagaram, pelo contrário, elas apresentam à continuidade e a mistura de vários aspectos culturais.

Reconhecer os valores culturais expressos nas feiras de Goiânia nos leva a conservar a memória viva de práticas socioeconômicas e culturais que fazem parte da formação do povo e da sociedade residente na capital goiana; sejam as redes de sociabilidade ensejadas por estas práticas, vivenciadas nas feiras e através das feiras. Esta pesquisa nos possibilitou encontrar, reconhecer e aqui descrever os valores que fazem das feiras uma referência cultural para os goianienses.

Contudo, a partir dessa pesquisa, identificamos que as feiras de Goiânia se configuram como lugares de memória e de continuidade de saberes, fazeres, produtos e expressões artísticas tradicionais que continuam vivas no costume do goianiense. Nelas existem aspectos que as configuram como importantes espaços de humanização e construção das referências culturais da capital goiana; e são esses aspectos e características que trazemos agora como os valores culturais encontrados nas feiras pesquisadas e que nos foi apresentado por moradores, frequentadores e feirantes de Goiânia.

a) A parceria e a proximidade entre fregueses e feirantes

Nas feiras visitadas para pesquisa de campo, tanto as especiais e, principalmente, as livres, foi possível encontrar um clima amistoso entre os feirantes e os “fregueses”. O clima das feiras é contagiante, pois raramente nos deparamos com feirantes que atendem os clientes com furor, sem afabilidade ou vontade. Dona Goianita que é feirante a mais de 37 anos na Feira Dom Bosco e em mais cinco feiras em Goiânia, nos fala sobre isso:

> Aqui todo mundo é amigo. É disso que gosto. Sempre tem alguém ajudando o outro. Eu tenho muitos amigos da vida que foram feitos aqui na feira. Tem freguês que vai na minha casa eu vou na casa deles. Aqui a gente conversa, bate papo, trabalha. A convivência com a maioria dos feirantes é muito boa e próxima. Já aprendi muita coisa aqui. Gosto muito das outras feiras que trabalho, mas a Dom Bosco é onde tenho amigos mais antigos. Tudo que tenho na vida consegui com o trabalho na feira. A feira é uma benção. Traz muita fartura e trabalho pra muita gente. Isso aqui não pode acabar nunca. Ganhei a banca dos meus antigos patrões, os Makishi. Eles vendiam aqui o que plantavam na chácara deles e depois fui eu, e até hoje to aqui. (GOIANITA SAMPAIO, Feirante, vendedora de ovos, em entrevista realizada na Feira Dom Bosco no dia 09 de setembro de 2011).



Imagem 74. Dona Goianita em sua banca na Feira Dom Bosco no Centro de Goiânia. Goiânia-GO. Set./2011. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.

Moradora de Goiânia, Maria Ferreira Barbosa, 72 anos, aposentada, nasceu em Pires do Rio-GO, veio para Goiânia com 14 anos, também nos revela sua afeição com a proximidade que se constrói e existe entre alguns feirantes e os clientes:

> Acho que as feiras aqui de Goiânia são muito boas. Naquelas feiras grandes lá, igual Feira da Lua, Feira Hippie, eu não vou não. Não dou conta de andar, tem muita gente, mas na Feira Hippie eu já fui muito quando era mais nova. Hoje em dia eu só vou nas feiras de verdura e fruta mesmo. Acho tão bom, os feirantes já conhecem a

> gente. Tratam a gente muito bem. Quando demoro a ir, sempre tem um que fala: Uai Dona Maria a Senhora sumiu. Vou muito na Feira da Fama e na do Setor dos Funcionários. Quando meu marido era vivo, ele que gostava de ir na feira. Conversava com todo mundo. Ficava um tempão lá. Pra comprar fruta e verdura eu só gosto de comprar na feira, é muito melhor do que de supermercado. (MARIA FERREIRA BARBOSA, moradora de Goiânia, em entrevista realizada na Feira do Setor dos Funcionários no dia 27 de maio de 2012).



Imagem 75. Dona Maria Ferreira (de chapéu, à direita). Moradora de Goiânia na Feira do Setor dos Funcionários. Goiânia-GO, Mai./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.

Foi possível observar que a assiduidade dos moradores idosos ocorre mais nas feiras livres, que não as procuram apenas com a intenção de comprar verduras, frutas ou outro produto alimentício; o que pode ser justificado pelo fato de que na época em que eles eram jovens e viviam em Goiânia, as opções de passeio e lazer existentes na cidade eram poucas[40], sendo que uma delas era o hábito de frequentar as feiras, portanto eles adquiriram o costume de frequentá-las para encontrar amigos, fazer novas amizades, conversar e distrair. Segundo Bariani Ortêncio:

---

[40] O livro *História Cultural de Goiânia* do historiador Eliézer Cardoso de Oliveira, Goiânia, GO: AGEPEL/UEG, 2002 analisa e apresenta as formas de lazer existentes em Goiânia desde sua fundação até a década de 1990.

> Hoje, as feiras ficaram tão importantes, nas feiras a gente encontra as pessoas, faz amizade, sabe. Então, eu tenho umas amizades grande que eu encontro toda vez que eu vou na feira. Eu vou aqui na feira do Feira do Dom Bosco, segunda e sexta, e vou na de Campinas (Setor dos Funcionários) no domingo. Então eu vejo aquele povo antigo lá, então vira uma confraternização, encontros de amizade. Não é só pelas coisas de comprar. Comer pastel. (...) As melhores feiras de Goiânia são essas, a da Vila Nova, Dom Bosco e lá em Campinas. (BARIANI ORTÊNCIO em entrevista realizada no dia 16 de agosto de 2012).

Nas feiras especiais, principalmente as maiores, como Feira Hippie, Feira da Lua e do Sol, a relação de amizade entre feirantes e frequentadores, e até mesmo entre os próprios frequentadores não ocorre muito, pois muitos vão a essas feiras com um objetivo certo, comprar um determinado produto, comer algo específico, todavia nesses locais sempre ocorre o encontro com pessoas conhecidas, o que não deixa de existir e manter os laços de amizades, coleguismo e trocas de sociabilidade nos espaços das feiras especiais. Nas feiras especiais localizadas em bairros menos centrais, os moradores afirmam utilizá-las como "ponto de encontro" e lugar de lazer. Algumas pessoas vão às feiras especiais para passear, porém, caso encontre ou tenha interesse por algum produto e o preço estiver satisfatório, acabam comprando. Podemos observar isso através da fala de uma moradora de Goiânia, Evelyn Barbosa de Miranda nasceu e vive em Goiânia, 26 anos, enfermeira:

> Vou muito à feira aos domingos. Na feirinha da Praça Universitária (feira especial). É um lugar perto da minha casa, então dá pra passear sem ir muito longe. Sempre encontro amigos e vizinhos por lá. Gosto muito de comer as tortas de sal e de doce que tem lá. Sabe aquelas cheias de chocolate? Mas sempre procuro roupa, bolsa e sapato, se gostar de alguma e o preço tiver bom, eu compro. De vez enquanto, venho na feira da Lua também, principalmente quando tem algum parente de fora lá em casa. O povo que não mora aqui em Goiânia fica doido pra ir na Feira da Lua e na Hippie, né? (EVELYN BARBOSA DE MIRANDA, em entrevista realizada ma Feira da Lua, no dia 19 de maio de 2012).

As imagens a seguir, ilustram um pouco do uso "amistoso" dado pelos goianienses as feiras, a primeira (76), um grupo de senhoras que se encontraram na feira do Setor dos Funcionários e ali ficaram conversando por alguns minutos, a segunda imagem (77) ilustra as áreas de lazer e alimentação utilizadas como espaço de diversão, confraternização e socialização.



Imagem 76. A feira como lugar que mantêm laços de amizade. Moradoras de Goiânia encontram-se e conversam na Feira do Setor dos Funcionários. Goiânia-GO, Set./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 77. A feira como lugar que mantêm laços de amizades. Área de alimentação na Feira do Cerrado. Goiânia-GO, Jun./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.

b) A transmissão do ofício de feirante

Trabalhar nas feiras, ser feirante faz parte da vida de várias famílias em Goiânia. Algo que intencionalmente se procura como forma de trabalho, para conseguir renda, acaba

transformando-se em costume. Em um total de 15 feirantes entrevistados em cada uma das feiras livres e 25 nas feiras especiais pesquisadas, encontramos uma média de quatro a cinco feirantes em cada feira que recebeu o ofício de trabalhar atrás de uma banca de feira dos pais. Identificamos facilmente a satisfação desses feirantes em ter herdado a banca e os conhecimentos necessários para o trabalho nas feiras do pai ou da mãe.

Feirante por mais de 35 anos, Maria Aparecida, conhecida como Cida, vendedora de queijo, ovos e linguiça, trabalha em três feiras livres de Goiânia, foi entrevistada na Feira do Setor dos Funcionários e nos revela que ela e os irmãos são feirantes e herdaram esse ofício do pai. Bastante receptiva e com boa vontade, Cida nos conta:

> Trabalhar na feira é uma tradição que meu pai deixou pra gente. Ele veio de Minas Gerais pra cá no início da cidade e se fixou como feirante na Feira do Palácio (antiga feira livre que existia na Praça Cívica, mostrada na imagem 19 – observação da pesquisadora). Você sabia que tinha uma feira no Palácio? Quando a feira lá foi transferida, ele foi mudando de feira até chegar nesta daqui, quando ela acontecia ainda na Praça A. Eu era garota e vinha pra cá trabalhar com ele. Hoje, eu e meus irmãos trabalhamos em feira. Sempre fiz isso e gosto de ser feirante. Gosto porque é o que eu sei fazer. Gosto de conversar com as pessoas (MARIA APARECIDA, feirante, em entrevista realizada na Feira do Setor dos Funcionários no dia 27 de maio de 2012).

A feirante Márcia Rodrigues, de 40 anos, nasceu em Goiânia. Trabalha em sete feiras livres na cidade. Atualmente, vende doces cristalizados, alguns muito presentes e apreciados na culinária goiana, como o doce de abóbora, mamão, figo, cidra, jatobá. Conversamos com Márcia na Feira Dom Bosco, onde ela revela que tanto o pai quanto a mãe criaram os filhos com a renda do trabalho na feira, e que todos em sua casa, pais e irmãos são feirantes. Márcia diz sentir-se satisfeita por trabalhar nas feiras, que mesmo não havendo retorno financeiro muito alto, como já foi há alguns anos atrás, ela gosta de estar nas feiras todos os dias, segundo a feirante:

> Segui o trabalho de feirante dos meus pais. Tenho 20 anos de feira. Todos meus irmãos também são feirantes.Trabalho em sete feiras de Goiânia, cada dia da semana estou em uma feira. O dinheiro não é muito, mas dá pra viver. Gosto muito de estar aqui na feira. Nenhum trabalho tem isso aqui não. Todo mundo conversa com todo mundo, todos os feirantes se conhecem. Não é só pelo dinheiro não, a gente tem que fazer o que gosta, e eu gosto é disso aqui. (MÁRCIA RODRIGUES, feirante, em entrevista realizada na Feira Dom Bosco no dia 09 de setembro de 2011.

Sr. Eroutildes, conhecido nas feiras como Seu Doró, é baiano, veio para Goiânia em 1953, e em 1962 já trabalhava como feirante na Feira Dom Bosco, desde então nunca mais parou e hoje, trabalha em mais seis feiras livres na cidade. Segundo ele já vendeu vários tipos de produtos, atualmente vende milho e massa para pamonha. Criou os três filhos, que também são feirantes, com renda oriunda do ofício de atuar nas feiras e por fim influenciou os filhos a seguirem seus passos. Seu Doró fala do orgulho em ser feirante e que nunca pensou em atuar em outra coisa desde que se mudou para Goiânia. Ele afirma que feira é tradição e possui muita importância na vida de muitas pessoas e para a cidade, isso pode ser observado abaixo:

> Sai da Bahia e vim para Goiânia em 1953. Aqui não tinha nada, Goiânia não nem chegava perto do tamanho que tem hoje. Comecei a trabalhar na feira que tinha na Praça Cívica, era uma feira boa de mais. Depois vim para a Feira Dom Bosco. Estou aqui na Feira Dom Bosco desde que ela começou. A feira era muito maior, ia até o final dessa rua. Agora eles (Prefeitura) só deixam ficar aqui na Rua do Colégio (Colégio Ateneu Dom Bosco) mesmo. Tenho três filhos e criei os três trabalhando na feira, e hoje os três também são feirantes, cada um trabalha numa feira. Além dessa eu faço mais seis feiras. É engraçado, tem dia que uma feira está melhor que outra, no outro dia essa vende mais (risos). Isso aqui é bom de mais. Feira é tradição. Muita gente vive da feira. Goiânia tem muita feira. Já fui em muitas cidade e nunca vi tanta feira assim não. (EROUTILDES, feirante, em entrevista realizada na Feira Dom Bosco no dia 09 de setembro de 2011).



Imagem 78. Feirante Cida em sua banca. Feira do Setor dos Funcionários. Goiânia-GO, Mai./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 79. Feirante Mácia em sua banca. Feira Dom Bosco. Goiânia-GO, Set./2011. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 80. Feirante Seu Doró em sua banca. Feira Dom Bosco. Goiânia-GO, Set./2011. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.

A transmissão de pai para filho é de fundamental importância para a preservação e conservação do ofício, pois nesse processo ocorre a aprendizagem entre as novas gerações, perpetuando os saberes e os fazeres que envolvem o trabalho de feirante. Alguns feirantes, principalmente aqueles que atuam nas feiras livres, demonstram preocupação em transmitir os saberes do ofício para as novas gerações. Aliado às necessidades e motivações financeiras, encontramos também o interesse com a manutenção não apenas do ofício, mas também do que ele representa, como esclarece um dos entrevistados, Senhor Otto, feirante por mais de 30 anos, vendedor de grãos e café em cinco feiras de Goiânia:

> A feira só existe por causa do feirante. Somos nós que fazemos isso aqui acontecer. Ando de cabeça erguida por ser feirante, é um trabalho digno. A maioria de nós estudou muito pouco, mas pra ser feirante precisa saber de muita coisa, não é? A gente tem que entender da terra, de verdura, fruta, do clima, de economia e até de política. Por isso é importante repassar o que sabemos pra frente, porque isso aqui faz parte da vida de muita gente e só assim pra não acabar. (OTTO, feirante, em entrevista realizada na Feira do Setor dos Funcionários no dia 10 de junho de 2012).

A transmissão de conhecimentos e saberes que ocorre nas feiras lhes confere importante valor cultural. Incorporado ao ofício do feirante existe outros ofícios, como o de produtor rural, vendedor, artesão e artista plástico; isto permite que alguns aspectos

tradicionais permaneçam nas feiras, assim sendo, mesmo com a força adquirida pela venda dos produtos importados e de baixo preço, o artesanato permanece nos corredores das feiras de Goiânia, sendo encontrado tanto nas livres quanto nas especiais.

Nas feiras livres de Goiânia, ainda ocorre à montagem de bancas de madeira cobertas com lonas, as quais são erguidas pelos próprios feirantes e não por cooperativas de montagem como ocorre com as feiras especiais. O clima informal presente nas feiras livres nos permite experimentar/degustar o sabor de alguns produtos antes de decidir levá-los e de tocá-los sem estes estarem embalados. Sobre isso Bariani Ortêncio comenta:

> Então hoje, a feira é uma coisa muito importante mesmo, porque faz parte da vida das pessoas. Depois, se você chegar em São Paulo, se você pegar numa verdura lá, eles não deixam. Mas como goiano vê com as mãos. Aqui eu fico vendo as mulheres, eu fico horrorizado de ver, elas vão comprar tomate pega o tomate, pega o tomate, pega pega, olha, olha, olha, ai pega daqui e volta pra lá, vai no quiabo,quebra a pontinha do quiabo, vai na vagem tira a linha da vagem pra ver se tá bom, põe a mão. (...) Aqui se não pegar com a mão não vale. (risos). Então a feira também é cultural. . (BARIANI ORTÊNCIO em entrevista realizada no dia 16 de agosto de 2012).

O ato de tocar os alimentos como forma de perceber se está bom e escolher os melhores, também é uma forma de transmissão de saberes que acontece nos lugares das feiras livres. Muitos aprendem com os mais experientes, mãe ou avó, a escolher as diferentes frutas, a identificar as que estão em ótimo estado, boas para comer, as que ainda estão "de vez" [41]. Essa prática social aponta mais um aspecto da transmissão oral de conhecimentos através das relações de sociabilidade e também de familiaridade que ocorrem nas feiras. Nesse sentido, a feira aparece como lugar de troca, transmissão e aprendizado, as quais ocorrem do feirante para as novas gerações de feirantes, e dos frequentadores com seus filhos.

Encontramos feirantes, que herdaram o ofício dos pais, mas que nos revelaram certa insatisfação de que seus filhos continuem realizando o mesmo trabalho. A justificativa está no fato da sociedade não valorizar a profissão, por ser um trabalho de grande esforço físico e do retorno financeiro não ser contínuo. Alguns dos feirantes, entrevistados, orgulham-se ao afirmarem que conseguiram pagar os estudos universitários dos filhos através do trabalho nas

[41] Expressão popular muito utilizada nas feiras livres para se referir a uma fruta ou verdura que ainda não está madura ou pronta para ser consumida.

feiras, sendo uma forma de possibilitar outros caminhos profissionais aos filhos que não o árduo ofício de feirante. Sobre isso o Sr. Lázaro, feirante há mais de 20 anos na Feira do Setor dos Funcionários, vendedor de grãos, nos aponta que gosta de trabalhar nas feiras, que sempre gostou, mas que mesmo assim ele deu preferência para que seus filhos seguissem outra profissão, o que pode ser observado no trecho a seguir:

> É o seguinte, a gente precisa começar a trabalhar. Meu pai era feirante. Quando eu comecei a trabalhar eu estudava, a minha intenção não era feira. Era só pra manter os estudos. Depois eu não consegui formar para o que eu queria, ai hoje eu trabalho na feira porque gosto. A renda da família é toda da feira. Meus filhos estudam. Só eu mesmo que sempre trabalhei com feira, e é assim que vou ajudando eles estudar. Prefiro que eles formem pra outra coisa, porque o trabalho na feira é muito complicado, muito cansativo e tem época que a gente ganha muito pouco. (LÁZARO, feirante, em entrevista realizada na Feira do Setor dos Funcionários no dia 10 de junho de 2012).

O Sr. Sebastião Rosa, morador de Goiânia há mais de 40 anos, conta-nos que seu pai sempre foi feirante na Feira do Setor dos Funcionários, e que ele sempre admirou a profissão do pai, mas que acabou seguindo por outro ramo comercial, para tentar alcançar com mais facilidade as suas perspectivas, o que através do trabalho nas feiras seria mais complicado, sobre isso ele relata que:

> Meu pai foi feirante por quase cinquenta anos. E olha que ele vendia algo que hoje é muito difícil de encontrar. Aqueles fumos enrolados, você já viu? Acho que hoje em dia a gente só acha no Mercado. Era meu pai que preparava os fumos. Sabia fazer fumos de várias formas. Eu fui muito pra feira com ele quando era menino. Sempre gostei. Por isso até hoje eu venho aqui todos os domingos. Ele falava que era pra gente mexer com outra coisa, que ninguém dá valor em feirante, por isso a gente foi estudar até terminar a faculdade. Acho a profissão de feirante muito bonita, e você pode reparar, parece que a maioria gosta, eles estão sempre brincando um com o outro, o clima é de muita alegria. (SEBASTIÃO ROSA, comerciante, frequentador de feira em entrevista em entrevista realizada na Feira do Setor dos Funcionários no dia 10 de junho de 2012)

Pelo que podemos observar, a transmissão do ofício de feirante é algo que depende do reconhecimento e da contínua procura da população pelas feiras. Parte da geração que, atualmente, trabalha nas feiras pesquisadas, aprendeu a ser feirante com os pais, porém essa mesma geração de feirantes já buscou traçar caminhos diferentes para seus filhos. A procura

por maiores aquisições financeira e por uma profissão que seja mais valorizada, tem levado os feirantes a estimularem os filhos seguirem com os estudos universitários. Mesmo assim, ainda foi possível encontrar feirantes que abandonaram uma profissão, como ele disse, "de escritório e ar condicionado" para trabalhar como feirante, como é o caso do vendedor de pimentas e temperos há mais de 20 anos na Feira do Setor dos Funcionários, Amarildo Constantino, o qual nos contou muito sobre seu trabalho como feirante, segundo ele:

> O trabalho de feirante é diferenciado. Eu era chefe. Trabalhava de gerente de faturamento em uma empresa grande aqui em Goiânia tinha escritório com ar condicionado e tudo mais. Larguei tudo e vim trabalhar na feira. E hoje sou muito mais feliz. Gosto da minha liberdade, e só tenho isso como feirante. Eu faço meu horário. Hoje mesmo, vou fechar a banca quando a feira acabar, vou pegar meu carro, ir para a beira no Rio, pescar, e na quarta que vem eu volto. Na quinta to aqui na feira de novo. Gosto da feira, aqui tenho muitas amizades e retorno financeiro também é bom. Eu mesmo faço meus temperos que vendo aqui. Não tenho nada a reclamar de feira. (AMARILDO CONSTANTINO, feirante, em entrevista realizada na Feira do Setor dos Funcionários no dia 27 de maio de 2012).

Mesmo com as dificuldades relatadas por alguns feirantes, principalmente aqueles que atuam nas feiras livres, como a falta de incentivo por parte do poder público, a concorrência em determinados períodos com os supermercados, a elevação nos preços dos produtos nas épocas de estiagem e seca, o descaso com a estrutura das feiras – falta de banheiro, limpeza, segurança – etc., as feiras continuam a ocupar os espaços públicos de Goiânia, e a maioria dos feirantes orgulha-se do que fazem o que já é primordial para a preservação e conservação do ofício.

c) A feira como galeria de arte e a permanência do artesanato

Muitos artistas plásticos, da capital goiana, iniciam ou iniciaram a exposição de seus trabalhos nas feiras da cidade, porém ficando mais evidente em algumas feiras especiais, principalmente, Feira da Lua, Feira do Sol e Feira Hippie. São múltiplas as relações estabelecidas entre os artesãos e artistas plásticos com as feiras, estas se tornam mediadoras e permitem o acesso das pessoas, que as frequentam, com a arte que eles produzem. Nesse sentido, podemos fazer uma analogia, um quanto simplista, de que a feira funciona como

mediadora cultural. Observamos que a produção artesanal existente nas feiras de Goiânia e, por mais que possua em sua base um caráter de saber tradicional, também não está paralisada no tempo, pelo contrário, encontra-se em constante movimento, uma mistura entre a tradição e a inovação, se adaptando ao que o mercado consumidor atualmente exige.

Nas feiras de Goiânia encontramos a produção artesanal em produtos de cama, mesa e banho, os quais prevalecem à beleza e sutileza dos bordados e crochês feitos manualmente, produtos de decoração, tapetes, imã de geladeira, ornamentos e arranjos feitos com flores artificiais, caixas para organização, porta retratos, trabalhos com patchwork[42], bijuterias montadas e criadas pelas próprias feirantes, bolsas de tecido e de palha trançada e outros produtos semelhantes aos citados aqui. Nas feiras livres a exposição desse tipo de artesanato ocorre em uma ou duas bancas, como pode ser vislumbrado no caso da Feira Dom Bosco e na Feira do Setor dos Funcionários, somando, respectivamente, um percentual de 1,06% e 0,7%.

Dentre as feiras pesquisadas, encontramos, na Feira da Lua, uma quantidade maior de feirantes que se dedicam ao artesanato, calcula-se que dos 1.223 pontos regulares da feira, em torno de 60 (sessenta) expõem, em suas bancas, produtos oriundos das atividades artesanais citadas no parágrafo anterior, chegando a um percentual aproximado de 5%. Segundo a relação de feiras especiais regularizadas pela SEDEM feita em 21 de janeiro de 2011, a Feira Hippie possui, atualmente, 2% de suas bancas voltadas para a produção artesanal, o que chega a um total de 120 bancas das 6 mil existentes na feira. Um percentual bastante diminuto para uma feira que iniciou suas atividades voltadas para o artesanato.

Já a Feira do Cerrado vai de encontro com toda essa realidade de diminuição do artesanato nas feiras de Goiânia, pois aos seus 160 feirantes é permitida somente a exposição de produtos artesanais. A missão da feira, descrita em seu regulamento interno, deixa claro que o objetivo da mesma é "Contribuir para o desenvolvimento sustentável do artesanato, culinária saudável, fazendo a inclusão social dos artesãos na economia formal, trazendo lazer diferenciado à população". Esta feira valoriza o artesão, dando-lhe um espaço para expor o seu trabalho, transformando-o também em feirante.

Assim, as feiras vão se configurando como espaços fundamentais para o processo de transmissão, divulgação e até mesmo transformação do fazer artesanal. As imagens abaixo ilustram parte do artesanato encontrado nas feiras onde foi feita pesquisa de campo.

---

[42] A tradução literal é "trabalho com retalho". É uma técnica que une tecidos com uma infinidade de formatos e estampas variados.



Imagem 81. Banca de artesanato. Produtos bordados. Feira Dom Bosco. Goiânia-GO, Set./2011. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 82. Banca de artesanato. Tapetes de retalhos. Feira Dom Bosco. Goiânia-GO, Set./2011. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 83. Banca de artesanato. Arranjos de flores. Feira da Lua. Goiânia-GO, Mai./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 84. Banca de artesanato. Toalhas de mesa bordadas. Feira da Lua. Goiânia-GO, Mai./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.

O artesanato também está presente nas feiras de Goiânia através da culinária. Alguns feirantes expõem e comercializam produtos, os quais o processo de produção ocorre de forma "caseira", artesanal. O produtor, que na maioria das situações também é feirante, possui os meios de produção, sendo o detentor do conhecimento e da realização de todas as etapas de produção, desde o preparo da matéria-prima, até o acabamento; não havendo divisão do trabalho ou especialização para a confecção de algum produto. Podemos encontrar uma diversidade de alimentos artesanais comercializados nas feiras em Goiânia. As praças de alimentação das feiras especiais estão cheias desses produtos. A maior parte é produzida pelos feirantes e consumida na própria feira, como a pamonha, empadão, biscoitos, quitandas, pães,

pizzas caseiras, balas de coco, bombons, doces variados etc.

Nas feiras livres nos deparamos com produtos bastante valorizados e apreciados pelo goianiense e que são produzidos de forma artesanal como, o queijo fresco e curado (muito utilizado para fazer biscoitos e bolos), o queijo de trança, a linguiça caseira feita com carne de porco caipira, temperos, conservas, café, farinha de mandioca, massa para pamonha, carnes defumada, cujo processo de defumação é feito pelo feirante em sua casa, doces cristalizados e em potes, mel, geleia, quitandas etc. As próximas imagens ilustram a presença do artesanato também na culinária das feiras.



Imagem 85. Produtos artesanais nas feiras. Café caseiro moído na hora. Feira Dom Bosco. Goiânia-GO, Set./2011. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 86. Produtos artesanais nas feiras. Quitandas e doces. Feira Dom Bosco. Goiânia-GO, Set./2011. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 87. Produtos artesanais nas feiras. Temperos e conservas. Feira Dom Bosco. Goiânia-GO, Set./2011. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 88. Produtos artesanais nas feiras. Queijos e doces. Feira Dom Bosco. Goiânia-GO, Set./2011. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 89. Produtos artesanais nas feiras. Diversos tipos de farinha. Feira Dom Bosco. Goiânia-GO, Set./2011. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 90. Produtos artesanais nas feiras. Carnes defumadas. Feira Dom Bosco. Goiânia-GO, Set./2011. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 91. Produtos artesanais nas feiras. Bala de coco caseira. Feira da Lua. Goiânia-GO, Jun./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 92. Produtos artesanais nas feiras. Bombons recheados caseiros. Feira da Lua. Goiânia-GO, Jun./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 93. Produtos artesanais nas feiras. Lingüiças e pães caseiros, casquinha de laranja cristalizada e guariroba descascada. Feira Setor dos Funcionários. Goiânia-GO, Mai./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 94. Produtos artesanais nas feiras. Temperos e pimentas em conserva. Feira Setor dos Funcionários. Goiânia-GO, Mai./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 95. Produtos artesanais nas feiras. Tortas caseiras. Feira da Lua. Goiânia-GO, Jun./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.

O fato das feiras serem um lugar que permite o acesso de qualquer indivíduo, sem distinção social, faz com que muitos artistas plásticos aproveitem as possibilidades que nas feiras existem para expor seus trabalhos, eis o que podemos classificar como: feirante artista. Algumas feiras especiais de Goiânia (Feira da Lua, Feira do Sol, Feira Hippie, Feira do Cerrado, Feira das Nuvens, Feira da OVG, etc.) possuem espaços onde os artistas podem expor e comercializar sua arte, transformando-os em verdadeiras galerias a céu aberto. São telas, esculturas, pinturas, gravuras, colagem, trabalhos com metais reaproveitados e em madeira entalhada, imagens, móveis de mosaico, brinquedos de madeira etc.

A feira permite que artistas anônimos tenham espaço e o direito de mostrar sua criatividade, talento e habilidade artística. Nesse sentido, a feira adquire um valor de expressão cultural e artística. A arte da feira é aquela que se aproxima dos indivíduos, seus autores são gente do povo, pois a arte feita por eles e expostas nas feiras, possuem aspectos regionais e da cultura popular. Na maioria das vezes a produção de telas, esculturas e modelagens são feitas por homens e mulheres que jamais frequentaram uma escola de arte, e autodidaticamente criam obras de reconhecido valor estético e artístico. As imagens a seguir mostram isso:



Imagem 96. Arte na feira. Feira da Lua. Goiânia-GO, Jun./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 97. Arte na feira. Feira da Lua. Goiânia-GO, Jun./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 98. Arte na feira. Feira da Lua. Artista pintando na feira. Goiânia-GO, Jun./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 99. Arte na feira. Feira da Lua. Goiânia-GO, Jun./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.



Imagem 100. Arte na feira. Feira da Lua. Goiânia-GO, Jun./2012. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.

A capital goiana destaca-se por ser um dos polos confeccionistas do Brasil, como já foi alocado neste trabalho, no Primeiro Capítulo. A cidade contém quase três mil indústrias da categoria, mais de 60% das empresas de moda instaladas em Goiás e as feiras especiais da cidade também fazem parte dessa realidade.

O destaque de compra, venda e procura nas feiras especiais de Goiânia é vestuário. Tornou-se prática comum na vida do goianiense, e principalmente "da" goianiense comprar roupas, calçados e acessórios nas feiras. Os produtos vendidos nas feiras especiais atendem preferências e gostos variados, isso se explica pela enorme diversidade de produtos vendidos nas feiras. Os preços agradam os frequentadores e a qualidade do produto também.

É comum associar os frequentadores das feiras a pessoas de baixa renda, porém isto não é regra em Goiânia. Uma das feiras mais frequentadas da cidade, a Feira da Lua, localiza-

se em um bairro considerado, como já dissemos, de classe média alta, e a procura por ela também é de pessoas com situação financeira bem estável, que vão à feira em busca de produtos de baixo custo. Sobre isso uma moradora do Setor Oeste em Goiânia revela:

> Já morei em dois lugares próximos a Feira da Lua. Antes morava aqui na rua de baixo, mas aí mudamos para um apartamento maior. Essa feira é muito boa. Tem de tudo, roupa, sapato, comida. Em questão de preço já foi melhor, mas mesmo assim ainda é bem mais barato do que em lojas e no shopping, e tem muita coisa boa e bonita. Conheço gente, amiga minha, gente que tem dinheiro, que vem aqui todo sábado, já até sabe onde são as melhores bancas de comprar. (SORAIA MASTRELLA, moradora de Goiânia, 50 anos, professora, em entrevista realizada ma Feira da Lua, no dia 26 de maio de 2012).

Pelo que se pode observar, convivendo e vivendo em Goiânia, e após os resultados desta pesquisa, fazer compras nas feiras faz parte da cultura do goianiense. As feiras determinam até a moda na cidade, pois a cada mudança de tendência as confecções inovam e os feirantes buscam esses produtos para serem vendidos nas feiras especiais.

Assim, ocorre a preservação permanente da criatividade de costureiras e costureiros que com as mudanças de mercado continuam na tentativa de melhorar o padrão com a utilização de técnicas artesanais, bordados, pinturas, costuras à mão, aliado a técnicas industriais de reprodução dos modelos da moda, para homens e para mulheres, organizando-se em mini-empresas domésticas, as facções, que quase sempre são familiares, como ocorre na produção artesanal. Esta arte de se tirar do material precário a produção de peças com qualidade para ser comercializado na feira, é também um valor cultural que faz parte da identidade do morador de Goiânia.

A feira, em si, é um tipo de difusão informal de saberes acumulados, que se apoia em relações de parentesco, de proximidade e de vizinhança. A observação das feiras, neste caso também as especiais, nos mostrou, a ocorrência de outras formas de compartilhamento e transmissão de saberes que circundam seus espaços. São saberes populares que envolvem a forma de plantio de alguns produtos, a melhor maneira de conservação e condicionamento destes, as interferências na produção rural causadas pela mudança de tempo (clima), as artimanhas e técnicas para ser um bom feirante vendedor, etc.

Nas feiras livres ainda existe a comercialização de produtos oriundos da produção de pequenos produtores rurais. Surgindo assim, outra categoria de feirante, a qual denominamos aqui de *feirante produtor*. Esse tipo de feirante não é tão frequente, pois a maior parte adquire

os produtos de outros produtores no interior do estado ou no próprio CEASA, mas ainda existem alguns feirantes que vendem o que é produzido em suas propriedades, que é o caso do Sr. Eudes, feirante há mais de vinte anos na Feira Dom Bosco, trabalha na banca junto com a sogra, Sra. Maria das Graças Rosa. Dona Rosa como é conhecida, trabalha na Feira Dom Bosco por mais de 40 anos, começou com o marido que já faleceu. Segundo Sr. Eudes:

> Noventa por cento dos produtos comercializados aqui na banca são cultivados na nossa chácara. Meu sogro e minha sogra iniciaram o trabalho de feirante, sempre viveram com os recursos do trabalho nas feiras, e eu e minha esposa também. Todos os produtos são cultivados sem agrotóxico, apenas com adubos naturais. Você pode reparar que não são tão bonitos quanto as verduras e as frutas quem vem do CEASA e as que tem no supermercado, mas te garanto que são muito mais saudáveis. Nós temos essa banca aqui e em mais três feiras livres em Goiânia. Já rendeu muito o trabalho na feira, hoje em dia diminuiu muito por causa dos supermercados. Aqui a gente ganha o que dá pra viver, mas está bom. A gente gosta desse trabalho. (EUDES, feirante, em entrevista realizada na Feira Dom Bosco no dia 09 de setembro de 2011)

Abaixo a imagem de Sr. Eudes em sua banca na Feira Dom Bosco:



Imagem 101. Sr. Eudes em sua banca. Feira Dom Bosco. Goiânia-GO, Set./2011. Foto Arquivo pessoal da pesquisadora.

O recente aumento na procura por produtos que contenham menos agrotóxicos, os produtos classificados como orgânicos, tem levado a população a valorizar o trabalho do *feirante produtor*. Em Goiânia, funcionam, atualmente, regularizadas pela SEDEM, duas feiras orgânicas, a Feira do Mercado Popular da rua 74, que acontece nas manhãs de sábado e a Feira no Setor Universitário. A busca por alimentos considerados mais saudáveis e que mantenham preços justos tem levado o consumidor as feiras, mantendo assim, o costume de comprar produtos hortifrutigranjeiros nas feiras livres.

Identificamos também, alguns aspectos tradicionais que ainda hoje são encontrados nas feiras livres de Goiânia, como por exemplo, a venda de manteiga de leite, do "franguinho" caipira e da carne de porco de "roça", produtos esses bastante apreciados na culinária goiana e que não são comercializados nos supermercados e nas feiras especiais. A próxima imagem (102) ilustra a venda de frango caipira em uma das feiras livres de Goiânia.



Imagem 102. Venda de frango caipira na feira livre em Goiânia. Feira do Setor dos Funcionários. Jun/2012. Foto Arquivo Pessoal da pesquisadora.

Através das práticas sociais, que acontecem nas feiras, foi possível identificar os valores culturais que nelas existem. São esses valores, apresentados aqui pelos indivíduos que

trabalham, frequentam, visitam, convivem e vivem as feiras de Goiânia, que fazem com que as ruas e praças da cidade percam sua efemeridade e se transformem em lugares repletos de sentidos, símbolos, história, memória, expressões e bens culturais.

A parceria e a proximidade entre fregueses e feirantes, a transmissão do ofício de feirante, a feira como galeria de arte, a permanência do artesanato, a existência de aspectos comuns à cultura popular, dentre outros valores culturais que não foram citados aqui, mas que poderão se analisados em futuros trabalhos, como o comportamento e fala próprio dos feirantes, fazem com que as feiras, por mais parecidas que sejam as das outras cidades, possuam seus próprios elementos, nos quais tornam específicos de Goiânia e que acabam transformando-as em referências culturais da cidade.

3.2 A importância das feiras de Goiânia e o poder público

A intenção de ouvir alguns representantes do poder público local sobre a opinião de cada a respeito das feiras de Goiânia visou à tentativa de identificar se para eles, que estão à frente da gestão e administração da cidade, as feiras possuem importância e valores culturais ou são apenas espaços de trocas monetárias. No entanto, essa parte da pesquisa nos revelou, prontamente, que o poder público, através dos representantes entrevistados, em teoria, compreende o fato de que as feiras da capital do estado de Goiás são elementos que revelam parte da identidade e cultura do goianiense, mesmo sem dizer diretamente, a importância cultural das feiras aparece no discurso político e pessoal de cada um dos representantes entrevistados, porém não há nenhuma ação ou política pública que se volte para as feiras baseando-se na relevância cultural das mesmas.

Trata-se, ao realizar essas entrevistas com o poder público, de "captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações (...) captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam (...) (FOCAULT, 1979, p. 182).

Para realizarmos isso, as entrevistas seguiram a mesma linha de perguntas, e foram divididas em duas partes: a primeira com questões que tentaram alcançar a visão pessoal dos entrevistados a respeito das feiras da cidade, a segunda parte se compôs de questionamentos a respeito da visão oficial que eles possuem sobre as feiras.

Em muitos momentos as duas visões, pessoal e oficial, se misturaram, ficando em evidência que parte delas também está coerente as funções dos órgãos que cada um está à frente, pois o entendimento do valor histórico e cultural das feiras apareceu mais nas respostas dos representantes pertencentes aos órgãos e instituições ligados a administração da cultura em suas três esferas de poder: Federal com a Superintendente do IPHAN em Goiás, Salma Saddi, Estadual com o Superintendente Executivo e Gestor Cultural da Secretaria do Estado da Cultura, Decio Coutinho e Municipal com o Secretário de Cultura Joaquim Jayme.

Dentre os quatros representantes do poder público entrevistados, apenas o Secretário Municipal de Desenvolvimento Econômico, José Sebba Junior, respondeu não ter o hábito de frequentar feiras para comprar ou passear. Ele deixa claro que isso se deve ao fato de ter sido criado em uma família com hábitos "machistas", na qual a prática de fazer compras é função das mulheres e por isso ele acaba não se envolvendo com idas a feiras e supermercados. Atualmente, após assumir a SEDEM, ele tem frequentado às feiras por razões de trabalho e também políticas. Assim ele nos conta:

> Quase não vou a feiras. Fui criado em uma família um pouco machista, ai tem aquela coisa da mulher se responsabilizar pelas compras e coisas de casa. Lá em casa quem fica por conta disso é minha esposa. Vou muito pouco. Vou mais quando envolve alguma ação da SEDEM. (JOSÉ SEBBA JR., em entrevista realizada no dia 18 de junho de 2102).

Ao afirmar que não possui o hábito de frequentar as feiras e que sua ida as mesmas está mais condicionada "quando envolve alguma ação da SEDEM" José Sebba Júnior deixa transparecer que nenhum outro motivo, a não ser o trabalho, atrai a atenção do mesmo pelas feiras. Nesse sentido, entende-se que os elementos culturais existentes nas feiras não foram assimilados e não fizeram com que as mesmas estivessem presentes em seus costumes do Secretário ou que se tornassem uma das referências para a formação do seu *habitus*[43].

Logo no início da entrevista, quando foi indagado o porquê do Secretário Joaquim Jayme gostar das feiras e de frequentá-las, indiretamente ele confere importância cultural a

---

[43] A noção de *habitus* aqui utilizada se apoia nas premissas epistemológicas do texto de Pierre Bourdieu *Estrutura, habitus e prática* presente no livro "A economia das trocas simbólicas (2006)". Entendemos que o processo de construção dos *habitus* individual passa a ser mediado pela coexistência de distintas instâncias produtoras de valores culturais e referências identitárias. Sucintamente, o *habitus* pode ser entendido como uma matriz cultural que inclina os indivíduos a fazerem suas escolhas.

elas. Joaquim revela notar e admirar, em outras palavras a parceria que existe entre os feirantes e os fregueses nas feiras livres, da alegria que aqueles possuem ao desempenhar seus trabalhos e também em um dos costumes mais recorrentes nas feiras, a procura pelo famoso "pastel de feira"; podemos observar tudo isso na citação a seguir:

> Gosto de feira, porque eu acho uma coisa muito divertida, muito diversificada, as pessoas são muito alegres, os feirantes são todos muito alegres, muito educados, tratam muito bem os fregueses, não é? E adoro ver aqueles produtos maravilhosos, as frutas as verduras, etc., até as galinhas. Gosto muito de ir. Como pastel. Meu neto não perde, ele vai e come pastel. (JOAQUIM JAYME, em entrevista realizada no dia 19 de junho de 2012).

O Secretário Joaquim Jayme demonstra a percepção pela diversidade existente nas feiras, em outras palavras, ele descreve tanto a diversidade ou variedade de produtos comercializados e expostos nas bancas das feiras, como a diversidade de indivíduos e de atitudes existentes nesses espaços, descrevendo formas de sociabilidade, o jeito amistoso e parceiro dos feirantes e o clima agitado e alegre da feira.

Decio Coutinho também confirma gostar de frequentar as feiras, principalmente aquelas que possuem artesanato como a Feira do Cerrado, da Lua e do Sol. Suas palavras mostram que seu encanto pelas feiras de Goiânia está na figura do feirante, na grande movimentação e na diversidade de pessoas e produtos presentes nelas, mostrando que ele percebe a existência de elementos culturais nessas feiras; assim Decio nos conta:

> Gosto de ir em feira. Eu vou muito na Feira da Lua e na Feira do Sol. As feiras livres de comprar alimentos eu não vou, não tenho esse hábito, mas as feiras mais de artesanato, que tem esses produtos eu gosto de ir. A Feira do Cerrado também. Gosto, primeiro, pelo povo que eu acho muito interessante, tanto os feirantes quanto os que frequentam, não é? O movimento é uma coisa que me deixa curioso e que eu gosto de ver o que está acontecendo, assim, das pessoas que passam, ficar observando a postura dos feirantes e etc. E segundo, pela diversidade também que a gente encontra nessas feiras né? Que estão sempre inovando, estão sempre entrando novos produtos, saindo produtos antigos. É bem interessante você entender a diversidade de um espaço desses ai. (DECIO COUTINHO, em entrevista realizada no dia 12 de julho de 201).

Pela fala de Decio Coutinho notamos que sua preferência é pelas Feiras Especiais, comprar alimentos nas feiras livres não faz parte dos hábitos do mesmo. O que chama a

atenção do mesmo é a movimentação corriqueira das feiras, demonstrando interesse em observar as ações dos indivíduos das feiras, tanto feirantes quanto frequentadores, fazendo-o notar e procurar entender a diversidade e as várias possibilidades que a feira como "lugar" possui.

Frequentar as feiras é algo que a Superintendente do IPHAN em Goiás, Salma Saddi procura sempre fazer, ela demonstra, em suas falas, ter admiração pelas feiras e mercados, e nos conta que gosta de frequentá-los em busca de bons alimentos e artesanato. Em Goiânia, ela prefere frequentar a Feira livre da Vila Nova, Feira do Sol e Feira do Cerrado. Segundo Salma, ela gostava muito de ir a Feira da Lua, mas que, atualmente, quase não a frequenta devido ao crescimento da mesma, o que acaba provocando, uma sensação de aperto entre as pessoas que estão na feira. Um dos valores culturais que identificamos nas feiras, a questão da parceria entre o feirante e o cliente, as pessoas se socializarem nas feiras, criarem laços de afetividade, aparece na fala de Salma Saddi:

> Eu frequento várias feiras. Eu tenho paixão por feira. Aliás, eu tenho paixão por Mercado (...). Então, eu frequento tanto feira que comercializa artesanato, como feira que comercializa alimentos. Então, já tem aquelas que eu tenho o hábito de frequentar. Eu vou à Feira da Lua, raramente, porque ela era uma feira muito gostosa, mas há uns dois anos atrás lotearam novas áreas, hoje é intransitável. Então perdeu-se muito o prazer de ir até lá. Eu não tenho muito prazer em ir até lá. Eu sinto sufocada lá. Já a Feira do Sol eu tenho muito prazer em ir, sabe? Eu vou sempre que posso, já tenho algumas amigas lá, algumas senhoras que eu sento converso e tem alguns fornecedores de alimento que a gente sempre senta e acaba conversando. Você acaba mantendo contato com essas pessoas externamente e depois também. (SALMA SADDI, em entrevista realizada no dia 25 de julho de 2012).

O crescimento rápido e desordenado que ocorreu na Feira da Lua nos últimos cinco anos, que já foi descrito neste trabalho, é apontado por Salma Saddi como um dos fatores que a impede de frequentar mais esta feira. O grande número de pessoas que circulam a cada sábado pelos corredores da feira faz com que a mesma fique intransitável em alguns locais e horários, afastando algumas pessoas que se incomodam com ambientes assim.

Salma Saddi, completa dizendo um pouco do que pensa sobre outras feiras de Goiânia. O que ela diz sobre a Feira Hippie, deixa evidente sua opinião como moradora da cidade que percebe os percalços causados pela feira, aproximando-se assim, do discurso dos moradores da cidade que foram entrevistados. Abaixo segue o que Salma fala: "A Feira Hippie, eu

conheci a Feira Hippie quando era na Av. Goiás. Essa atual Feira Hippie, eu passo, às vezes ao domingo por lá, o que eu vejo é uma multidão de gente, e uma coisa muito desordenada, eu não tenho muito conhecimento com ela".

A importância histórica das feiras no desenvolvimento da vida social nas cidades aparece nas considerações de Joaquim Jayme que também as reconhece como relevantes espaços de sociabilidade quando ele afirma que, não as considerando apenas como espaços de comércio e trocas de mercadoria, mas de "relacionamento social e cultural". O Secretário Municipal de Cultura percebe as feiras como locais de convivência e demonstra se agradar com esta característica:

> Uai eu acho que as feiras, desde o início europeu, as feiras tem desempenhado um papel muito importante na vida social das cidades, não é? Então, eu fico vendo algumas pinturas do Renascimento de praças, dos mercados, das feiras com as mulheres vendendo as coisas. É uma maravilha! E no Brasil nós temos também essas pinturas na época da escravidão. As negras vendendo as coisas e carregando os balaios, uma coisa maravilhosa. Então eu acho que a feira é uma forma não só de distribuição de renda, de mercadoria, mas de relacionamento social e cultural. A gente vai à feira, às vezes, encontra um conhecido, a gente conversa, ou então faz conhecer na hora lá, no momento lá de fazer uma compra, as pessoas, normalmente estão alegres na feira, descontraídas. Então isso me agrada muito. Então eu acho que ela tem uma visão social e cultural muito grande. (JOAQUIM JAYME, em entrevista realizada no dia 19 de junho de 2012).

Joaquim Jayme complementa, dizendo que as feiras realmente são fortes e estão consolidadas em Goiânia. Ele acha que a cidade possui uma boa convivência e relação com as elas e isso se comprova pela quantidade de feiras que existem e pela grande frequência e movimentação que ocorrem nelas. Assim, ele nos responde quando lhe foi perguntado sobre como ele considera que seja a relação da cidade de Goiânia com as feiras e se os goianienses gostam de feiras:

> Basta observar a frequência que tem as feiras e a quantidade de feiras que tem em Goiânia, não é? Então, pega o número de feiras pela frequência enorme que as feiras tem você vê que o goianiense gosta de feira. Olha, a força da feira é tão grande que na terça-feira a noite foi criada uma feirinha lá no meu bairro, do meu condomínio, ao lado do muro do SESC Faiçalville, ao lado, pregado no muro. O SESC protestou e tirou a feira, conseguiu fechar a feira. Os feirantes fizeram um abaixo-assinado, falaram com o pessoal, o povo lá da região, e também explicaram para as autoridades. E a feira voltou, está lá, de "vento em pompa". E o SESC teve que engolir a feira lá. Entendeu? Então, isso ai, eu acho que a feira tem força social em Goiânia. (JOAQUIM JAYME, em entrevista realizada no dia 19 de junho de 2012).

Nessa mesma lógica de pensamento, aproximando do que os moradores da cidade e frequentadores das feiras entrevistados apresentaram, os quatro representantes do poder público também admitem perceber que os goianienses mantêm uma boa relação com as feiras e que por isso os transtornos trazidos por elas, para a rotina da cidade, são contornáveis. Decio Coutinho afirma que as feiras dão alegria à cidade e configuram-se como opções de entretenimento e lazer. O representante da Secretaria de Cultura do Estado de Goiás (SECULT GOIÁS) considera que as feiras possuem valor cultural para a cidade de Goiânia. A citação a seguir, mostra o que Decio penso sobre a relação estabelecida pelos goianienses com as feiras:

> Eu acho que é boa! Eu acho que as feiras, elas alegram a cidade, dão um movimento importante, são uma opção de lazer, entretenimento, não deixa de ser uma opção cultural, principalmente as feiras que tratam de valorizar os produtos goianos, como a Feira lá do Cerrado. Eu acho que são importantes sim, eu acho que elas são positivas e trazem um charme para Goiânia. (DECIO COUTINHO, em entrevista realizada no dia 12 de julho de 2012).

Ao considerar que a feira "não deixa de ser uma opção cultural", Decio Coutinho mostra a possibilidade de utilização da feira como produto do mercado. A expressão "opção cultural" tornou-se usual como forma de atrativo turístico, o turismo cultural. Por ser um patrimônio cultural poderíamos discordar do uso da feira pelo turismo como opção cultural, se pautando no discurso de ser mais uma forma de mercantilização, ou da transformação pelo mercado de um bem cultural em produto[44]. Todavia, o mercado pode ser utilizado como aliado no que concerne ao patrimônio cultural e não um vilão capaz de descaracterizá-lo, de criar apenas fetiches e trazer novos elementos. Segundo José Reginaldo Santos Gonçalves, em "Os limites do Patrimônio" (2007):

[44] Durante décadas os discursos do patrimônio cultural no Brasil, pautaram-se por uma assumida recusa do mercado, uma vez que este era necessariamente associado ao "inautêntico" (GONÇALVES, 2003, p. 242-243).

> Há um esforço constante e sempre precário de manter os objetos classificados como "patrimônio" fora do alcance da contaminação que o mercado possa desencadear. Mas, paradoxalmente, esses objetos são, enquanto patrimônio, um efeito mesmo do mercado. O fascínio que exercem provém, em parte, da possibilidade (mesmo que remota) de serem, de alguma forma, adquiridos pelos indivíduos. Ao mesmo tempo, paradoxalmente, é essa mesma possibilidade de serem adquiridos no mercado que faz com que eles tendam a se tornar objetos como outros quaisquer e que percam seu caráter distinto de "bens inalienáveis" (GONÇALVES, 2007, p. 243).

Um patrimônio cultural como atração turística, não significa colocá-lo na condição de mercadoria, tornando-o alienável, mas na condição de objeto de consumo turístico capaz de possibilitar a formação de experiências e assim a transmissão de novos valores, constituindo outras referências culturais, dessa forma:

> Compramos essa imagem, ou essa "experiência", quando visitamos um prédio, uma cidade, ou quando adquirimos suas reproduções. Os patrimônios sempre prometem algo mais do que eles mesmos: prometem a experiência de realidade ausente, distante, e que nos acena por meio de seus fragmentos – em outras palavras, trazem sempre uma promessa não cumprida de totalização (idem, p. 244).

As feiras de Goiânia têm sido utilizadas pelo poder público como importante atrativo turístico. Com a pesquisa, foi possível perceber que o poder público, através dos representantes entrevistados, identifica o potencial turístico que as feiras possuem para a cidade. Essa situação nos mostra que muitas pessoas procuram a cidade por causa de suas feiras. Alguns querem conhecê-las, outras pessoas que já conhecem querem voltar à cidade, justamente por causa das feiras. Decio Coutinho confirma esse interesse dos turistas por Goiânia por causa de suas feiras.

> Olha, é interessante quando a gente sai de Goiânia, né? Eu morei um tempo em Brasília e o pessoal de Brasília quando fala Goiânia, fala assim: Ah, a gente vai pra Goiânia pras feiras. Quando a gente ta aqui em Goiânia, a gente acha normal, como faz parte do cotidiano, né, da nossa rotina, a gente nem percebe tanto isso, mas o que a gente perceber é no interior do estado e principalmente em Brasília, Minas e outros estados vizinhos, as pessoas tem as feiras em Goiânia como uma referência. Então, é interessante a gente ver isso. Eu recebo muitos amigos de Brasília que pedem pra eu fazer como se fosse uma guiagem: Ah você leva a gente? Pessoal que vem comprar enxoval de bebê. Então assim, é bem interessante. Assim, eu acho que eles vem um pouco pela questão do preço, né, porque o pessoal fala que o preço aqui é menor do que de Brasília e acaba curtindo também a feira. Então, eu acho que a feira hoje é uma referência. Goiânia é uma cidade que é conhecida como a cidade de eventos,

> né, e dentro desses eventos, as feiras tem sido muito importantes. (DECIO COUTINHO, em entrevista realizada no dia 12 de julho de 2012).

Salma Saddi, também destaca o fato das feiras terem se transformado em referência da capital goiana, ela nos conta que: "Sempre que chego a Brasília, que faço pra uma colega um convite: Gente vamos pra Goiânia, vai lá visitar a gente? Ai um colega responde: Ah, vamos no fim de semana por causa da feira". Portanto, podemos analisar que as expectativas em relação às feiras de Goiânia não são apenas dos moradores da cidade, os visitantes também as procuram devido às feiras e isso é algo que o poder público local já notou, porém não planejou nenhuma ação que procure reforçar isso.

Fica claro pela fala dos quatro entrevistados que, atualmente, são praticamente nulos os projetos políticos que se preocupem em estabelecer planos que possam melhorar cada vez a convivência das feiras na cidade. A realidade, atualmente, em Goiânia, com as feiras especiais, principalmente as Feiras da Lua, Sol e Hippie, as quais recebem uma quantidade enorme de turistas, ocorre pelo próprio potencial que essas feiras adquiriram em atraí-los. Não identificamos nenhuma política interna e ou que visasse o público externo, no qual o foco fosse às feiras como referência da cidade. Não há iniciativas que assumindo a importância cultural, social e econômica dessas feiras, propendessem à valorização das mesmas.

Muitos feirantes reclamam da falta de apoio para que estes possam continuar realizando suas atividades. A feirante da Feira da Lua, há mais de 15 anos, Rosemeire Vieira de Carneiro relata, que já juntou o lixo de um dia de feira em sua banca, e deixou preso no canto da árvore a qual monta sua banca, ainda no sábado seguinte, o lixo se encontrava no mesmo local. A feirante também revela a dificuldade que eles possuem para encontrar locais de uso sanitário, quando a Prefeitura disponibiliza banheiros químicos, a quantidade é muito pequena, e mesmo assim não ocorre, com frequência, a colocação desses aparelhos.

Dentre os entrevistados, somente Decio Coutinho nos explicou existir um rascunho de projeto na SECULT GOIÁS, que reconhecendo as feiras como espaços culturais, tem por objetivo mapear as feiras que existem nos municípios do estado. A intenção com esse mapeamento, além de localizá-las será de conhecê-las e assim pensar em políticas voltadas para essas feiras.

> A gente tem um projeto de mapeamento né? A ideia não só em Goiânia, mas no estado inteiro, da gente mapear todas essas feiras, mercados, espaços culturais de uma forma geral. Então, a ideia é que, vamos supor, como tem o mercado da cidade de Goiás, o mercado central em Goiânia e outros mercados no estado inteiro, a gente também ter as feiras como esses espaços de troca, espaços culturais. Então, a ideia, a principio é um projeto de mapeamento pra gente entender o que existe e ai encima, por exemplo a Feira do Troca de Olhos D'Agua, é uma feira que acontece duas três vezes por ano. Então, é importante a gente saber que ela acontece, quando ela acontece e de que forma a gente pode pensar políticas publicas pra esses espaços. (DECIO COUTINHO, em entrevista realizada no dia 12 de julho de 2012).

O Secretário José Sebba Jr. cita que a SEDEM está com um projeto voltado para a organização das feiras de Goiânia, através da confecção de crachás para evitar o aluguel de bancas, algo que acontece com constância nas principais feiras especiais da cidade. Todavia, as ações dessa Secretaria Municipal, que é responsável pelo controle e fiscalização das feiras, são voltadas para solucionar problemas de ordens estruturais e econômicas, estando isso ligado às funções atribuídas, especificamente, a este órgão público. Assim José Sebba Jr. nos fala sobre este projeto:

> Bom, temos em parceria com a ANTEC um projeto. Nós temos um estudo pra fazer uma padronização de conferência nas feiras, que seria a confecção de crachás com que o fiscal de feira iria com o leitor de código de barra pra poder fazer sua leitura, isso ai você manteria o endereço da pessoa e evitaria o que eles chamam de "pinga" né. Que é aquele feirante que instala um ou dois períodos, aquele que eventualmente, algum armador de feira vê que aquele dono da barraca não foi naquele dia e vai, ele aluga ela pra alguém eventualmente. Então nós vamos tentar coibir esse tipo de prática que não é uma prática que existe em todos os lugares, mas que a gente sabe que existe em alguns lugares, alguns montadores e alguns feirantes fazem isso. (JOSÉ SEBBA JR., em entrevista realizada no dia 18 de junho de 2102).

A Feira Hippie apareceu nas respostas, dos quatro representantes, como a feira mais importante, historicamente, para a cidade de Goiânia, porém, assim como vários moradores da cidade, que também reconhecem nesta feira a presença de grande valor histórico, cultural e econômico, eles são bem claros ao dizer que o crescimento e a falta de organização na feira atrapalham para que as pessoas a frequentem mais. Muitos não concordam com a maneira que a Feira Hippie hoje se mantêm. Quando perguntamos qual feira é mais importante historicamente para a cidade de Goiânia, as quatro respostas citaram a Feira Hippie, mas todas

seguidas por ressalvas, principalmente pelo local onde ela está instalada e pela perda do conceito que envolveu o seu surgimento.

Joaquim Jayme relembra com saudosismo como era a Feira Hippie quando acontecia no início da Av.Goiás e que considera que foi o local onde instalaram a feira a grande razão para que ela atingisse as dimensões atuais.

> A Feira Hippie com certeza! Olha a Feira Hippie quando era aqui na Goiás (Av. Goiás), eu ia lá, e tinha uma banca, atrás do coreto ou em frente do coreto, tinha uma banca de livros, e eu encontrava lá vários autores Cora Coralina, os escritores de Goiânia, Bernardo Elis, Bariani Ortêncio, Carmo Bernardes, ficavam conversando lá na feira quando era na Av. Goiás. Lá embaixo não. Lá embaixo ficou uma coisa muito grande, muito confusa, mas pra festa de Trindade do que pra feira. (risos). (JOAQUIM JAYME, em entrevista realizada no dia 19 de junho de 2012).

O Secretário da SEDEM, José Sebba Jr., afirma que a Feira Hippie, independente de onde ela aconteça, jamais irá acabar. Para ele, esta é uma feira bem consolidada em Goiânia, que uma mudança de local não iria prejudicar a sua importância econômica e social para a cidade, mesmo assim, ele assume que o conceito de "Feira Hippie" não existe mais, pois o artesanato é bastante escasso entre as bancas da feira.

> Importante? Acho que indiscutivelmente a Feira Hippie. Na minha opinião existem outras feiras importantes, mas não tem assim, ainda a tradição da Feira Hippie, aquela coisa, e nem o tamanho que a Feira Hippie tem hoje né. Que isso gira ai em 10 mil barracas mais ou menos né? Um pouquinho mais. É um pólo muito grande. Independente do local onde ela funciona é a Feira Hippie. Eu digo, mesmo que ela saia de onde ela está hoje, mesmo que ela vá pra outro lugar, ela vai continuar sendo a Feira Hippie. Super forte! Esse conceito de Feira Hippie já não existe mais. Não é mais a feira como já foi. O artesanato mesmo é pouquíssimo. (JOSÉ SEBBA JR., em entrevista realizada no dia 18 de junho de 2102).

Decio Coutinho reconhece o valor e a importância da Feira Hippie para a história de Goiânia, mas também cita outras feiras. Observamos na fala de Decio a inclusão da Feira do Cerrado como uma das feiras mais importantes culturalmente. Isso se torna interessante, pois se considerarmos a questão do tempo ela ainda é uma feira recente, mas o que fica claro, pela fala do Superintendente, é que a Feira do Cerrado se propõe a fazer, justamente o que a Feira Hippie fez em seu principio, a valorização da criatividade e do trabalho artesanal ocorrendo assim, uma tentativa de recuperação de valores tradicionais que se misturaram com outros

costumes da modernidade. Demonstramos isso a partir da citação abaixo:

> Eu citaria as quatro feiras, a Feira Hippie, que ela tem essa história, a mais antiga né, eu acho que foi a primeira feira especial. A Feira do Sol, a Feira da Lua e a Feira do Cerrado, que é mais nova, mas que traz um apelo cultural muito grande, muito forte que mostra muito da nossa "goianidade". (DECIO COUTINHO, em entrevista realizada no dia 12 de julho de 2012).

A Superintendente do IPHAN em Goiás, também cita primeiramente a Feira Hippie como importante para Goiânia. Na fala de Salma Saddi é possível notar a diversidade cultural que circula pela feira, que é reflexo da enorme quantidade de pessoas da cidade, de outras cidades e estados que a frequentam. Salma comenta sobre a rádio Feira Hippie que funciona apenas dentro da feira e além de tocar músicas, piadas, transmitir notícias, ela serve como forma de comunicação e informes da associação da feira com os feirantes. Em sua fala, aparece mais uma vez a valorização da Feira do Cerrado. Assim, Salma comenta:

> Embora eu não seja frequentadora da Feira Hippie, eu até disse que só tinha ida na Av. Goiás, mas eu me lembrei que fui uma vez, e fiquei perplexa, porque é tanta gambiarra, que você pensa que alguém vai morrer eletrocutado. Eu acho que em termos de busca ela é a maior. Porque eu encontro gente do Maranhão, quando eu fui, eu encontrei gente do Maranhão lá. E a pouco tempo no Maranhão, eu conversando com uma senhora lá, ela me disse que vem aqui uma vez por mês pra comprar na Feira Hippie. Lá ela tem aquela rádio, que transmite as informações. Então, eu penso que ela, é uma das feiras mais desorganizadas, que eu conheço em Goiânia, e que é a mais frequentada. Acho que a Feira do Cerrado é importantíssima para a cidade. Ela apresenta essa questão do Cerrado. (SALMA SADDI, em entrevista realizada no dia 25 de julho de 2012).

Assim, através de tudo isso, fica evidente que o poder público, principalmente aqueles que estão na instância da cultura, identificam a importância cultural que as feiras de Goiânia possuem. Além de identificar os valores culturais, mesmo que indiretamente, eles também citam os problemas e alguns transtornos que as feiras causam na cidade, principalmente no que concerne a questão da sujeira deixada por elas, dos problemas de trânsito que ocorre em torno das grandes feiras, a falta de segurança e organização em algumas. Mas, o que prevaleceu nas respostas são a admiração e boa impressão que cada um possui sobre as feiras da cidade, mas sabemos que apenas reconhecer não é essencial para que os problemas que

ocorrem nas feiras sejam solucionados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa nos proporcionou reflexão sobre as feiras de Goiânia, especialmente no que tange a permanência de aspectos tradicionais em meio aos modernos, ou como preferimos aqui analisar, a "hibridação entre o tradicional e o moderno". A presença das feiras livres e de grandes feiras especiais (Feira da Lua e Feira Hippie) em regiões centrais na cidade, convivendo de maneira estável com os entraves urbanos, e o surgimento de novas feiras, já nos mostra uma realidade que se difere das grandes capitais do país, as quais a passaram por um processo desaparecimento das feiras. Nesse, sentido, Goiânia parece ir de encontro com as mudanças comuns que ocorrem nos grandes centros urbanos.

Por conseguinte, essas feiras que vão permanecendo, mesmo estando situadas em regiões de grande circulação, como as feiras livres Dom Bosco, da Vila Nova, do Setor Universitário e do Setor dos Funcionários, tornam-se as remanescentes das primeiras feiras de Goiânia, as quais preservam em suas características muitas práticas socioculturais consideradas tradicionais. Assim, as feiras livres de Goiânia vão se configurando como um dos poucos elementos sociais que permitem a permanência de aspectos da cultura tradicional dos goianienses, as quais o tempo não apagou, enquanto que as feiras especiais promovem a coexistência desses aspectos tradicionais com aqueles que foram adaptados e modificados pela modernidade.

Mostramos aqui, que a relação das feiras com a cidade de Goiânia iniciou-se junto com a história da cidade, que por ter nascido com a contradição de ter que ser moderna e trazer progresso, porém os hábitos e costumes da população eram conservadores, isso fez com que desde o principio moderno e tradicional foram se misturando na cidade, assim, entendemos que as feiras especiais são uma das consequências desse processo.

O levantamento histórico que realizamos, é o primeiro estudo acadêmico que procurou encontrar quais foram as primeiras feiras da cidade, onde e como elas surgiram. Além de revelar parte da história das feiras de Goiânia, esta análise histórica nos permitiu identificar que a população da cidade sempre esteve envolvida na criação de novas feiras. Assim, a partir disso, da convivência que as feiras estabeleceram com a cidade de Goiânia ao longo de sua história, dos novos sentidos que elas incorporaram aos espaços públicos da cidade e se

tornaram elementos tão recorrentes na vida da população de Goiânia, concluímos que o hábito de frequentar feiras faz parte da cultura e da identidade do goianiense.

Os valores culturais encontrados nas feiras de Goiânia - feiras livres e especiais -, os quais foram descritos pelos moradores, frequentadores, feirantes e representantes do poder público, nos revelaram um conjunto de práticas e representações sociais que são capazes de compor uma das principais referências culturais da cidade, as feiras.

Com a pesquisa podemos perceber que as feiras em Goiânia funcionam como espaços de trocas, não apenas de mercadorias, mas de práticas e representações sociais, nas quais dotam os feirantes e até os frequentadores de um sentimento de pertencimento a aquele lugar. Nelas ocorre a transmissão de conhecimentos e técnicas tradicionais. Vários saberes populares encontram-se ali concentrados e valores culturais são compartilhados. A originalidade e criatividade de seus produtos, tais como: o artesanato com matéria prima do cerrado, produtos da culinária local, roupas, calçados e acessórios produzidos na cidade, etc.; fizeram com que as feiras se tornassem um dos locais mais frequentados pelos moradores da cidade e também pelos turistas. Elas se tornaram lugar de lazer, de festas e celebrações. Por isso já fazem parte do cotidiano da população e nelas vários conhecimentos, práticas sociais e tecnologias artesanais sobrevivem.

Goiânia nos mostra que suas feiras exemplificam a possibilidade de existir parceria e boa convivência dentro de sociedades que detêm a caminhar, cada vez mais, para o individualismo e competições de ascensão social. Nesse sentido, as feiras possibilitam interações mais horizontais, democráticas e menos segregadoras.

Muitos moradores nos mostraram que gostam das feiras, que as reconhecem como importantes para a cidade, porém também demonstraram aborrecimentos com alguns problemas que as feiras causam, principalmente do lixo deixado nas ruas e praças quando elas são desmontadas. Esse transtorno foi o mais recorrente na fala das pessoas. Durante a pesquisa é notório escassez de lixeiras e recipientes para jogar o lixo. Pela legislação, cabe ao feirante tomar conta do seu lixo, mas a quem cabe o recolhimento do lixo deixado pelos frequentadores? Nesse transtorno, de fácil solução, fica evidente a falta de projetos e atenção destinados a melhoria e valorização das feiras por parte do poder público.

Quando idealizamos esta pesquisa, e resolvemos ouvir a opinião daqueles que representam o poder público, nossa intenção era identificar, como já foi dito, se eles apontariam importância cultural às feiras. Como analisamos, além de relevar culturalmente as feiras da cidade, eles ainda nos mostraram a presença de valores culturais e de elementos que

compõem as identidades locais, com isso, nos mostra que essas feiras são passiveis de patrimonialização. Portanto, nossa pesquisa pode ser utilizada como justificativa para possíveis políticas que valorizem essas feiras como elas merecem, sendo isso que nós esperamos.

Este estudo é mais uma reafirmação das feiras como espaços de racionalidade econômica, mas também de densidão simbólica. Tudo parece combinar na relação estabelecida entre as feiras e a cidade, os valores culturais existentes nelas as configuram como lugares. As feiras formam e materializam laços de solidariedade, de apego, auxílio, parceria e mantem uma forte relação com grupos que ali convivem, e que em geral são responsáveis pela produção e comercialização dos produtos. As feiras reforçam essas relações, agregando todos que queiram participar das celebrações, manifestações, saberes e fazeres que nelas possam existir e ocorrer. As feiras se configuram como forma de inserção em um grupo, o qual seus indivíduos podem nelas se reconhecerem e se identificarem. Nas feiras os visitantes podem se sentir entender um pouco do que é viver em Goiânia.

Consideramos que esta pesquisa não se encerrará por aqui, ela apenas iniciou uma nova forma de olhar as feiras de Goiânia.

Anexo 01

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA – Moradores de Goiânia

Obs: No final do questionário encontram-se alguns conceitos que podem auxiliar no preenchimento do mesmo

1- NOME: PATRICIA QUIRINO GONÇALVES

2- Data de preenchimento: 01/03/2012

3- Sex:
( ) Masc.
(X) Fem.

4- Idade:

5- Estado Civil:
(X) Solteiro (a)
( ) Casado (a)
( ) Companheiro (a)
( ) Separado (a)
( ) Divorciado (a)
( ) Viúvo (a)

6- Possui filhos?
( ) SIM
(X) NÃO

7- Escolaridade:
Fundamental ( ) Completo ( ) Incompleto
Médio ( ) Completo ( ) Incompleto
Superior (X) Completo ( ) Incompleto
Pós-Graduação (X) Especialização ( ) Mestrado ( ) Doutorado

8- Profissão:

9- Faixa Salarial
( ) Até 1 salário mínimo
(X) De 1 a 3 salários mínimos
( ) De 4 a 10 salários mínimos
( ) Acima de 10 salários mínimos

10- Estado e Cidade onde nasceu: Goiânia - GO

11- Cidade onde mora: Goiânia

12- (Se reside em Goiânia) Há quanto tempo? 24 anos

13- Em sua opinião, aponte três lugares, em ordem de sua preferência, para fazer compras de produtos diversos (vestuário, calçados, utensílios domésticos, artesanato, etc.) em Goiânia:

1- Feiras Especiais (LUA)
2- Goiânia Shopping
3- Shopping Flamboyant

14- Em sua opinião, aponte três lugares, em ordem de sua preferência, para fazer compras de produtos alimentícios (*horti-frutti*) em Goiânia:

1- Feira Livre de Quarta no Urias Magalhães
2- Supermercado Marcos
3- Super Store

15- Você gosta de freqüentar as Feiras em Goiânia?
(x) SIM
( ) NÃO

16- Se sim, por que? Apesar de nos últimos tempos não estar freqüentando as feiras especiais de Goiânia, gosto muito desses ambientes pela diversificada de produtos, principalmente pele culinária regional que elas oferecem. Gosto de passear, fazer minhas compras (de coisas que realmente me chamam a atenção) e experimentar sabores.

17- Você tem costume de frequentar alguma Feira em Goiânia?
(x) SIM
( ) NÃO

18- Se sim, qual ou quais? Não tenho frequentado muito feiras de vestuários e diversos, mas sempre às quartas vou na feira livre perto de minha casa comprar verduras, folhagens e comer bolinho de milho frito.

19- Qual (is) Feira(s) você mais gosta de ir? Feira da Lua

20- Qual (is) Feira (s) você considera que não pode ser desligada da história da cidade de Goiânia? Feira Hippie

21- Qual (is) Feira (s) você considera que é um patrimônio cultural da cidade de Goiânia?
Feira Hippie

22- Você considera que as Feiras atrapalham a rotina da cidade de Goiânia?
( ) SIM
(x) NÃO

23- Quando você vai a alguma Feira, quais produtos, geralmente, procura? Ultimamente estou indo apenas à feira livres, então produtos como verduras e folhagens.

24- Você considera que as Feiras de Goiânia são uma referência da cidade estadual e nacionalmente?
(x) SIM
( ) NÃO

25- Espaço reservado caso queira deixar algum comentário sobre as Feiras em Goiânia:
Gosto muito desta cultura nossa que preserva todos os tipos de feira. É um opção para o cidadão quer consumir dos mais variados tipos de produtos, além de manter nossa tradição ajuda a divulgar nossas raízes, pois estes espaços são verdadeiros conglomerados culturais!!

*** Conceitos que podem ajudar a responder o questionário:**
1- Feira Especial: Denominação utilizada pela Prefeitura de Goiânia para classificar as feiras que comercializam diversos tipos de produtos: comidas variadas, produtos naturais, objetos artesanais, calçados, vestuário, obras de arte (telas, esculturas, imagens sacras etc.), animais domésticos, mobiliário, tapeçaria, artigos de decoração, utensílios domésticos, produtos de cama mesa e banho, produtos místicos e importados etc. Exemplo: Feira Hippie, Feira da Lua, Feira do Sol, Feira das Nuvens etc.

2- Feira Livre: Denominação utilizada pela Prefeitura de Goiânia para classificar as feiras que comercializam produtos *horti-frutti*.

3- Patrimônio Cultural:
Art. 216 da Constituição Federal de 1988 - Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:
I - as formas de expressão;
II - os modos de criar, fazer e viver;
III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Anexo 02

Transcrição - Entrevista com o Secretário da SEDEM – **José Sebba Júnior**, realizada no dia 18 de junho de 2012.

Pesquisadora – Primeiramente, vou fazer algumas perguntas para o José Sebba Jr., e não o Secretário Municipal de Desenvolvimento Econômico. O senhor tem o hábito de frequentar feiras?

José Sebba Jr. – *Pra fazer compras?*

Pesquisadora – Isso mesmo!

José Sebba Jr. – *Não, não. Quase não vou. Fui criado em uma família um pouco machista, ai tem aquela coisa da mulher se responsabilizar pelas compras e coisas de casa. Lá em casa quem fica por conta disso é minha esposa.*

Pesquisadora – Então, o senhor quase não frequenta as feiras de Goiânia?

José Sebba Jr. – *Vou muito pouco. Vou mais quando envolve alguma ação da SEDEM.*

Pesquisadora – O senhor gosta das feiras? O que o senhor acha delas?

José Sebba Jr. – *Eu gosto sim. Só não vou mais por causa disso que te falei e acho que as feiras são muito importantes.*

Pesquisadora – Agora, vou fazer perguntas para o José Sebba Jr. Secretário Municipal responder. Qual importância o senhor atribui as feiras de Goiânia?

José Sebba Jr. - *Podemos falar ai em pelo menos 50 mil empregos, 60 mil empregos, às vezes até mais que isso, porque muitos feirantes deste geram empregos diretos ou indiretos fora da barraca da feira para produzir o que eles vendem lá nas feiras né. Então tem uma importância muitos grande, e movimenta um mercado muito grande.*

Pesquisadora - Qual feira o Senhor considera de maior destaque na cidade de Goiânia?

José Sebba Jr. – *Acho que indiscutivelmente a Feira Hippie. Na minha opinião existem outras feiras importantes, mas não tem assim, ainda a tradição da Feira Hippie, aquela coisa, e nem o tamanho que a Feira Hippie tem hoje né. Que isso gira ai em 10 mil barracas mais ou menos né, um pouquinho mais. É um pólo muito grande.*

Pesquisadora – Quais pontos o senhor considera positivos e negativos nessas feiras? Já que o senhor citou a Feira Hippie, quais são os pontos positivos e negativos dela?

José Sebba Jr. – *Os pontos positivos são esse né, a geração de emprego, enfim. Ponto negativo, de feira é o importuno que ela traz, não quer dizer que ela é pequena, o que tem que haver entre o poder público e a feira de forma organizada é que a gente vá conseguindo driblar isso, de maneira, volto a dizer, organizada, para que você causa menos transtorno a população que não ta vivendo a feira naquele momento, porque é trânsito, é local, é planejamento, é horário, essas coisas talvez fossem o fator negativo, mas eu acho que não tem assim, não há nada de tão negativo não, que fosse apontado. Eu acho que as feiras são uma coisa de bom que nós temos, uma coisa de positivo, que a gente tem que procurar evoluir e avançar com elas mais, assim padronizar, enfim, fazer uma evolução, mas pra melhorar o que já existe né.*

Pesquisadora – Essas cooperativas dos montadores das bancas. A relação com elas é complicada? Os feirantes reclamam ou não?

José Sebba Jr. – *Olha! Alguns reclamam, a gente tenta normatizar, mas não normatiza. É, vou dizer, isso é um problema das feiras especiais que nós temos né. É um ponto de divergência, é a questão dos montadores, dos seguranças, mas por outro lado eles também tem se organizado, os montadores, eles estão querendo se adequar as normas, eles estão dispostos a entrar nessa linha de organização. Por isso que eu digo que, o que tem de inconveniente são coisas que são passíveis de contorno, eu acho que a gente tem condição de contornar tudo.*

Pesquisadora – Tem algum projeto em andamento, além do trabalho rotineiro de fiscalização, tem algum projeto que vocês estão pretendendo colocar em prática?

José Sebba Jr. – *Bom, tem em parceria com a ANTEC, nós temos um estudo pra fazer uma padronização de conferência nas feiras, que seria a confecção de crachás com que o fiscal de feira iria com o leitor de código de barra pra poder fazer sua leitura, isso ai você manteria o endereço da pessoa e evitaria o que eles chamam de "pinga" né. Que é aquele feirante que instala um ou dois períodos, aquele que eventualmente, algum armador de feira vê que aquele dono da barraca não foi naquele dia e vai, ele aluga ela pra alguém eventualmente. Então nós vamos tentar coibir esse tipo de prática que não é uma prática que existe em todos os lugares, mas que a gente sabe que existe em alguns lugares, alguns montadores e alguns feirantes fazem isso.*

Pesquisadora – Eles alugam o ponto?

José Sebba Jr. – *É! Alugam o ponto, cobram segurança uma série de coisas que não tinha razão de ser.*

Pesquisadora – É que contraria a legislação?

José Sebba Jr. - *Exatamente!*

Pesquisadora – Tem alguma ação assim de remoção, tem algum projeto pra remoção de alguma feira, ou somente essa do ano passada de tentativa de remoção da Feira Hippie?

José Sebba Jr. – *Não, não houve a remoção, houve a remoção da Feira da Canaã que ai foi feita uma obra, foi realizada uma obra no local e depois havia o compromisso do Senhor Prefeito (Paulo Garcia), nosso com a Prefeitura de que eles (feirantes) voltassem pra lá, é uma feira muito antiga e tem uma tradição muito grande, então está lá, está funcionando, tudo. Porque em alguns lugares o que que acontece é que Goiânia vem crescendo muito né, então as vezes, uma via que anteriormente servia pra uma feira livre, hoje ela não é mais possível, não é vontade dos dirigentes, a questão da cidade que vem crescendo muito, então nós não temos nada assim, mas pode vir surgindo com o tempo*.

Pesquisadora – O senhor considera que as feiras atrapalham a rotina da cidade? Questão de mobilidade mesmo, porque a legislação fala que as bancas só podem ser montadas duas horas antes e desmontadas até duas horas depois da feira encerrada, isso atrapalha, tem lugar que isso não funciona direito?

José Sebba Jr. – *Com certeza isso traz algum transtorno, não tem dúvida. Agora a gente tem procurado se organizar pra que a gente possa cumprir esses prazos na hora certa e também paralelo a isso, a gente vem sempre trabalhando junto com a AMT, junto com os órgãos competentes pra poder ir minimizando essas questões, mas isso é um importuno grande que tem realmente, principalmente pra quem não está usufruindo da feira.*

Pesquisadora – A questão da falta de segurança. O pessoal tem reclamado?

José Sebba Jr. – *Então, existem. A guarda municipal ela faz uma guarda lá, assim, uma viglia, mas eles, geralmente eles (feirantes) "bancam" uma vigilância particular que não tinha muitas razão de ser, mas que também, eu acho que, pela quantidade de feirantes, pela diminuição diluição do serviço entre eles, mas se for alguma coisa que agrega valores a eles, é uma coisa que ajuda eles, então é importante. A grande maioria das pessoas que vão na feira, vão pra, não vão pra bagunçar, vão pra usar a feira, pra comprar,*

pra vender também, mas é lógico que onde tem muito ser humano se corre esse risco.

Pesquisadora – A Feira Hippie cresce, está havendo a liberação ainda de bancas para ela?

José Sebba Jr. – *Não, não de jeito nenhum!*

Pesquisadora – Na Feira da Lua?

José Sebba Jr. – *Também não, não tem como. Não existe possibilidade. Nem que a gente queira. Pode existir alguma coisa de forma ilegal, como disse anteriormente, uma pessoa ou outra pode fazer isso, a gente tem tentado coibir, mas isso foge da nossa vontade, nós não temos liberado mais, pelo menos por enquanto não.*

Pesquisadora – E feira livre, tem algum pedido para a criação de novas feiras?

José Sebba Jr. – *Tem, tem pedido, e ainda existem locais em Goiânia que podem ser instaladas feiras livres sim. Goiânia cresce muito, novos bairros vão se instalando, as pessoas vão, tudo cumprindo essas normas. A AMT tem sido um pouco mais rigorosa, SEPLAN, exatamente, porque nós criamos feiras que perdurem por mais tempo.*

Pesquisadora – Conforme foi pesquisado, a primeira feira de Goiânia foi criada para resolver um problema de baixo abastecimento alimentar da população. Nessa feira, ocorria a compra dos comerciantes dos produtos vendidos na feira, os quais eles levavam para seus estabelecimentos comerciais para serem revendidos por preços bem mais altos.

José Sebba Jr. – *É, e isso é até hoje. É um outro problema que nós temos também a questão dos comerciantes locais, principalmente, vamos dizer assim da Feira Hippie, da montagem das barracas, se você monta a barraca antes, além de você criar transtorno na mobilidade urbana, você também cria transtornos para os comerciantes que pagam impostos, que enfim, tem todo o direito de trabalhar e não tem o direito de serem atrapalhados.*

Pesquisadora – Andando na feira, a visão que eu tenho é que a freqüência de pessoas na Feira Hppie é muito grande de pessoas de fora de Goiânia. É assim mesmo, vocês tem algum dado sobre isso?

José Sebba Jr – *É muito grande mesmo, tanto na compra quanto dos barraqueiros. Muito grande. Da compra então é muito maior do quede quem vende. Vem gente de todos os lugares. Isso só a título de acrescentar ai, não é questão da feira, mas da região, existe um estudo da Polícia Militar que eles estavam, um ônibus de Jataí-GO, estava vindo pra região da 44, ele vinha só com pedintes, as pessoas pagavam o ônibus, ficavam aqui duas noites pedindo esmola e voltavam pra sua cidade. Quer dizer tamanho é ai o fluxo de pessoas de Goiânia e de fora que estão freqüentando. Agora ali o número de pessoas que vem de fora pra fazer compra em maior escala pra revender também é muito grande.*

Pesquisadora – Você acha que a freqüência na feira é maior de pessoas de fora do que de Goiânia?

José Sebba Jr. – *Que frequenta lá¿ Aquela região da Feira Hippie eu não sei precisamente, mas a região da 44 ali, eu acredito que pelo menos meio a meio.*

Pesquisadora – Quais são os maiores problemas que vocês enfrentam no dia a dia do trabalho da SEDEM?

José Sebba Jr. – *Olha, a questão da feira, ela assusta um pouco porque nós trabalhamos com 14 mil feirantes especiais, aproximadamente são 30 mil barracas e 12 a 15 mil feirantes da feira livre né, só assim, número aproximado, então você trabalha com um universo de 40 mil pessoas é muito difícil que você não tenha problemas isolados, todos os dias, então são problemas de todas as ordens. A grande maioria dos feirantes está certo, ele trabalha legalizado, a grande maioria, e a minoria que não está certa é que nos dá esse trabalho, que é o que o fiscal tem que agir, que é que nós temos que correr atrás, temos que ir, essa é uma minoria, mas é uma minoria que provoca muito mais ruído do que a maioria que está certa. Agora são trabalhos rotineiros, não tem uma coisa, os trabalhos rotineiros é questão de alvará, é questão de localização de barraca, coisa assim de rotina, e que tem todos os dias é uma demanda muito grande de varejo.*

Pesquisadora – Quais feiras, ou qual feira o Senhor considera que não pode ser desligada da história de Goiânia, que estão ligadas ao processo de formação histórica da cidade, de crescimento, de mudanças, de expansão?

José Sebba Jr. – *São várias feiras, mas eu vou te dar dois exemplos aqui, são vários exemplos, mas eu vou de dar dois: a da Canaã, que nos acabamos de dizer, que está no local onde é historicamente, mas nós não sabemos realmente quanto tempo eles (a feira) vão ficar lá, até para o bem do próprio feirante, por que¿ Porque não é uma questão de história, é uma questão de avanço da cidade, e vou te dar o exemplo de uma outra feira, que é super tradicional, que é a Feira do Ateneu (Feira Dom Bosco) é que eu acredito que ela vá ficar ali por muitos anos porque ali já virou uma coisa que dá pra driblar, aquilo nas terças-feiras e sextas-feiras. Então, as feiras elas são históricas, elas tem que ficar nos locais delas, mas até o momento em que fique interessante para o feirante, pra quem usa a feira e para a população. É isso que a gente, as vezes, não pode ter assim, essa visão fechada, só da história, porque senão, você em função disso, você segura o crescimento muito grande de outras coisas né¿!*

Pesquisadora – Dentre as feiras de Goiânia, qual o Senhor considera que seja um patrimônio cultural da cidade? Que as pessoas se identificam com elas.

José Sebba Jr. – *Independente do local onde ela funciona é a Feira Hippie. Eu digo, mesmo que ela saia de onde ela está hoje, mesmo que ela vá pra outro lugar, ela vai continuar sendo a Feira Hippie. Super forte! Esse conceito de Feira Hippie já não existe mais. Não é mais a feira como já foi. O artesanato mesmo é pouquíssimo.*

Pesquisadora – As feiras especiais estão bem consolidadas no espaço urbano de Goiânia, ou elas correm o risco de desaparecer?

José Sebba Jr. – *Não, acredito que não!*

Pesquisadora – E as feiras livres?

José Sebba Jr. – *Também não! Acredito que desaparecer de jeito nenhum. O que pode acontecer, é isso, é ela mudar de lugar. Porque a comunidade ela também sente falta da feira, e ela vai junto com o poder público, e eles vão achar um local aonde vai dando certo. Eu acredito que, dificilmente vai acabar.*

Pesquisadora – Mesmo as feiras que ficam no Centro da cidade como a Feira Dom Bosco?

José Sebba Jr. – *Essa eu acho que não acaba fácil não! Tem uma aceitação muito grande da população e dos moradores. E ali, ficou localizado entre o Colégio (Ateneu Dom Bosco) e a Assembléia (Legislativa do Estado de Goiás), então é uma rua pequena que na verdade não é muito movimentada. Ficou em um local excelente ali. Os transtornos que trazem, assim como as outras feiras, é contornado. Algumas feiras, elas aumentam muito, outras diminuem muito em função até das pessoas, algumas pessoas estão deixando de trabalhar nas feiras né, outras pessoas estão partindo para um outro tipo de negócio, outro tipo de trabalho, e ao mesmo tempo, alguma feiras mais distantes elas sofrem inchaço momentâneo e vão no caminho contrário, as vezes acontece de algumas pessoas ficarem em um grupo maior, um seguimento, existe uma migração maior para as feiras, então elas crescem diminuem, mas elas são, muito importantes.*

Pesquisadora – Qual que é o valor que essas feiras possuem para a cidade de Goiânia?

José Sebba Jr. – *É como eu já disse, elas possuem um valor cultural, econômico e social muito grande. Vamos falar na Feira Hippie como exemplo, se você pensa em algo em torno de dez mil barracas, ali nós estamos falando talvez de uma, ali se fosse uma empresa individual fosse uma das que mais emprego gerasse no estado de Goiás, nós estamos falando de 30, 40 mil pessoas que vivem em função da Feira Hippie. Então isso é uma importância muito grande. Uma das maiores empresas do Brasil, envolvida no escândalo a pouco tempo, que é a Delta Construções, dá 35 mil empregos, que é muito emprego, uma empresa super importante nesse ponto de vista social do pais, e a Feira Hippie emprega mais gente que ela. Então é uma feira muito importante, não tem como desconsiderar ela.*

Pesquisadora – Goiânia é a cidade das feiras?

José Sebba Jr. – *É a cidade doa bares, das feiras. Vai criando essa cultura da cidade né. Eu tenho uma visão muito maior das feiras em Goiânia depois que eu vim para o governo. É impressionante como a gente não enxerga a feira como ela realmente é.*

Anexo 03

Transcrição - Entrevista com o Secretário Municipal da Cultura – **Joaquim Jayme** realizada no dia 19 de junho de 2012.

Pesquisadora – Primeiramente, vou fazer algumas perguntas para o Joaquim Jayme, e não o Secretário Municipal de Cultura.

Joaquim Jayme – *Certo!*

Pesquisadora - O senhor mora em qual bairro de Goiânia?

Joaquim Jayme – *Lá no Jardim Atlântico.*

Pesquisadora – E tem alguma feira lá?

Joaquim Jayme – *Tem. Tem uma, duas, três feiras. Feira livre*.

Pesquisadora – O Senhor frequenta, já frequentou e hoje não frequenta mais alguma feira em Goiânia?

Joaquim Jayme – *Vou. Eu vou quase todos os sábados eu vou em uma feira, mas não é vizinha minha. Vou na Feira do Setor Novo Horizonte. No sábado de manhã*.

Pesquisadora – O senhor gosta de frequentar feira?

Joaquim Jayme – *Adoro! É uma das coisas que eu mais gosto de fazer e por minha sorte a minha mulher também gosta de ir.*

Pesquisadora – Por que o Senhor gosta?

Joaquim Jayme – *Não sei, porque eu acho uma coisa muito divertida, muito diversificada, as pessoas são muito alegres, os feirantes são todos muito alegres, muito educados, tratam muito bem os fregueses, não é? E adoro ver aqueles produtos maravilhosos, as frutas as verduras, etc., até as galinhas. Gosto muito de ir. Como pastel. Meu neto não perde, ele vai e come pastel.*

Pesquisadora – Então o senhor vai, leva a família, incentiva a ir?

Joaquim Jayme – *Com certeza!*

Pesquisadora – O senhor tem o hábito de fazer compras de frutas, verduras, produtos de horttifruti, alimento para casa? É o senhor quem vai ou alguém da sua casa?

Joaquim Jayme – *Não, normalmente eu vou com a minha mulher.*

Pesquisadora – E o senhor gosta de fazer compras onde?

Joaquim Jayme – *Gosto de fazer ou na feira, ou em alguns supermercados.*

Pesquisadora – Mas tem alguns produtos que o senhor prefere comprar na feira mais do que no supermercado?

Joaquim Jayme – *Não, não. Acontece o seguinte. Quando está começando a faltar, ou está faltando algum*

produto a gente vai no que está acontecendo de imediatamente, se não tem a feira ai nós vamos no supermercado.

Pesquisadora – Então agora, vou fazer perguntas para o Joaquim Jayme Secretário Municipal da Cultura, são respostas a partir da sua visão oficial.

Joaquim Jayme – *Certo!*

Pesquisadora - Qual importância o senhor atribui as feiras de Goiânia?

Joaquim Jayme – *As feira livres ou as feiras em geral?*

Pesquisadora – As feiras em geral.

Joaquim Jayme – *Uai eu acho que as feiras, desde o início europeu, as feiras tem desempenhado um papel muito importante na vida social das cidades, não é? Então, eu fico vendo algumas pinturas do Renascimento de praças, dos mercados, das feiras com as mulheres vendendo as coisas. É uma maravilha! E no Brasil nós temos também essas pinturas na época da escravidão. As negras vendendo as coisas e carregando os balaios, uma coisa maravilhosa. Então eu acho que a feira é uma forma não só de distribuição de renda, de mercadoria, mas de relacionamento social. A gente vai a feira, as vezes, encontra um conhecido, a gente conversa, ou então faz conhecer na hora lá, no momento lá de fazer uma compra, as pessoas, normalmente estão alegres na feira, descontraídas. Então isso me agrada muito. Então eu acho que ela tem uma visão social muito grande.*

Pesquisadora - Quais feiras o Senhor considera de maior destaque na cidade de Goiânia?

Joaquim Jayme – *De maior destaque*?

Pesquisadora – É! Que o senhor vê que tem uma procura maior?

Joaquim Jayme – *Ah com certeza é a Feira Hipiie. Não é a que mais me agrada não! Mas é a que tem mais destaque.*

Pesquisadora – Sei que o Senhor assumiu o cargo a pouco tempo, mas o senhor saberia me informar se já houve alguma ação da Secretaria de Cultura com as feiras de Goiânia? Existe alguma ação futura direcionada para elas? Alguma ação de valorização, remoção etc. ?

Joaquim Jayme – *Não, não! O que aconteceu foi o seguinte, é, inclusive eu ajudei a organizar a Feira da Lua na época. Provando as comidas, aprovando um feirante, desaprovando outro, era uma equipe né*? *E ajudei a montar essa Feira da Lua que hoje é uma coisa enorme, tá certo?! Mas essa Feira era da Secretaria da Cultura. E com o crescimento da Prefeitura as feiras passaram para a Secretaria de Desenvolvimento Econômico. Então tiraram as nossas feiras e passaram para a Secretaria de Desenvolvimento Econômico. De modo que a Secretaria (SECULT) não tem nenhum projeto com relação as feiras.*

Pesquisadora – Foi em que ano, que as feiras passaram para a administração da SEDEM?

Joaquim Jayme – Deixa eu ver, deixa eu pensar aqui. Isso foi em 1993, é 93 começou a Feira da Lua. Uai foi lá pra 1997 por ai. Não tenho certeza não, mas foi por ai.

Pesquisadora – O senhor considera que as feiras atrapalham a rotina da cidade?

Joaquim Jayme – *De jeito nenhum.*

Pesquisadora – Como o Senhor considera que seja a relação da cidade de Goiânia com as feiras? Os goianienses gostam de feiras? O senhor já escutou alguém falando?

Joaquim Jayme – *Não, nunca escutei comentário não, mas basta observar a freqüência que tem as feiras e a quantidade de feiras que tem em Goiânia, não é?! Então, pega o número de feiras e pela freqüência*

enorme que as feiras tem você vê que o goianiense gosta de feira.

Pesquisadora - Quais feiras, ou qual feira o Senhor considera que não pode ser desligada da história de Goiânia?

Joaquim Jayme – *Hum isso é difícil! Olha feira aqui bem ligada à cidade tem a Feira do Setor Sul, com certeza, a Feira da Vila Nova, na 9 (nona) Avenida, que de vez enquanto eu escapo e vou lá. Qual outra hein? A Feira Hippie com certeza! Olha a Feira Hippie quando era aqui na Goiás (Av. Goiás), eu ia lá, e tinha uma uma, atrás do coreto ou em frente do coreto, tinha uma banca de livros, e eu encontrava lá Cora Coralina, os escritores de Goiânia, Bernardo Elis, Bariani Ortêncio, Carmo Bernardes, ficavam conversando lá na feira quando era na Av. Goiás, lá embaixo não. Lá embaixo ficou uma coisa muito grande, muito confusa, mas pra festa de Trindade do que pra feira. (risos).*

Pesquisadora – Então, dentre essas feiras, qual o Senhor considera que seja um patrimônio cultural da cidade de Goiânia?

Joaquim Jayme – *Patrimônio Cultural? Nesse caso não há dúvida nenhuma é a Feira Hippie. É a que tem mais peso nesse sentido ai.*

Pesquisadora – O Senhor acha que as feiras especiais estão bem consolidadas no espaço urbano de Goiânia?

Joaquim Jayme – *Eu acho que a feira especial tem a Feira Hippie que vira o maior tumulto lá no domingo, tem aquela da Praça Universitária que é bem organizada, tem aquela da Praça do Hipermercado Moreira também, tem na Vila União. Eu acho que elas estão bem estruturadas.*

Pesquisadora – O Senhor acha que elas correm o risco de desaparecer?

Joaquim Jayme – *Não, não, eu acho que não! Sabe por quê? Porque essas feiras, elas estão associadas a alimentação, então o pessoal vai lá pra comer também, não é?! E comida que geralmente eles não fazem em casa, vão lá pra comer.*

Pesquisadora – E as feiras livres? O Senhor acha que elas estão consolidadas no espaço urbano de Goiânia?

Joaquim Jayme – *Eu acho que sim!*

Pesquisadora - Elas correm o risco de desaparecer?

Joaquim Jayme – *Olha, a força da feira é tão grande que na terça-feira a noite foi criada uma feirinha lá no meu bairro, do meu condomínio, ao lado do muro do SESC Faiçalville, ao lado, pregado no muro. O SESC protestou e tirou a feira, conseguiu fechar a feira. Os feirantes fizeram um abaixo-assinado, falaram com o pessoal, o povo lá da região, e também explicaram para as autoridades. E a feira voltou, está lá, de "vento em pompa". E o SESC teve que engolir a feira lá. Entendeu? Então, isso ai, eu acho que a feira tem força social.*

Pesquisadora – E o trabalho do feirante, o que o Senhor acha?

Joaquim Jayme – *Eu acho fantástico! É um trabalho de alto valor, da maior importância, e o feirante deve ser apoiado e respeitado.*

Pesquisadora – Qual feira o Senhor considera que não pode desaparecer de jeito nenhum da cidade?

Joaquim Jayme – *A que eu frequento! (risos)*

Anexo 04

Transcrição - Entrevista com o Superintendente e Gestor Executivo da SECULT – Goiás, **Décio Coutinho**, realizada no dia 12 de julho de 2012.

Pesquisadora – Primeiramente, vou fazer algumas perguntas para o Décio Coutinho, e não Superintendente e Gestor Executivo da SECULT – Goiás.

Décio Coutinho – *Correto!*

Pesquisadora - O senhor mora em qual bairro de Goiânia?

Décio Coutinho – *Setor Oeste.*

Pesquisadora – E tem alguma feira lá?

Décio Coutinho – Tem. Tem a feirinha terça e sexta lá (Feira Dom Bosco).

Pesquisadora – Feira livre?

Décio Coutinho – *Essa é feira livre.*

Pesquisadora – O senhor gosta de frequentar as feiras de Goiânia?

Décio Coutinho – *Gosto. Eu vou muito na Feira da Lua, na Feira da Lua e na Feira do Sol. As feiras livres de comprar alimentos eu não vou, não tenho esse hábito, mas as feiras mais de artesanato, que tem esses produtos eu gosto de ir. A Feira do Cerrado também.*

Pesquisadora – Por que você gosta de frequentar essas feiras?

Décio Coutinho – *Primeiro, pelo povo que eu acho muito interessante tanto os feirantes quanto os que frequentam, não é? O movimento é uma coisa que me deixa curioso e que eu gosto de ver o que está acontecendo, assim, das pessoas que passam, ficar observando a postura dos feirantes e etc. E segundo, pela diversidade também que a gente encontra nessas feiras né*? *Que estão sempre inovando, estão sempre entrando novos produtos, saindo produtos antigos. É bem interessante você entender a diversidade de um espaço desses ai.*

Pesquisadora – Qual importância você atribui as feiras da cidade de Goiânia?

Décio Coutinho – *Olha, é interessante quando a gente sai de Goiânia, né? Eu morei um tempo em Brasília e o pessoal de Brasília quando fala Goiânia, fala assim: Ah, a gente vai pra Goiânia pras feiras. Quando a gente ta aqui em Goiânia, a gente acha normal, como faz parte do cotidiano, né, da nossa rotina, a gente nem percebe tanto isso, mas o que a gente perceber é no interior do estado e principalmente em Brasília, Minas e outros estados vizinhos, as pessoas tem as feiras em Goiânia como uma referência. Então, é interessante a gente ver isso. Eu recebo muitos amigos de Brasília que pedem pra eu fazer como se fosse uma guiagem: Ah você leva a gente? Pessoal que vem comprar enxoval de bebê. Então assim, é bem interessante. Assim, eu acho que eles vem um pouco pela questão do preço, né, porque o pessoal fala que o preço aqui é menor do que de Brasília e acaba curtindo também a feira. Então, eu acho que a feira hoje é uma referência. Goiânia é uma cidade que é conhecida como a cidade de eventos, né, e dentro desses eventos, as feiras tem sido muito importantes.*

Pesquisadora – Quais feiras você considera de maior destaque na cidade de Goiânia?

Décio Coutinho – *Eu acho que é a Feira do Cerrado é a mais importante de todas, né? E a Feira da Lua. Eu sei que tem a Feira Hippie que é a maior, mas eu,, assim pessoalmente, eu acho que é um equívoco a*

Feira Hippie, então, talvez economicamente ela seja a mais importante, mas eu acho que culturalmente a do Cerrado e da Lua.

Pesquisadora – Quais são os pontos que você considera positivos que existem nessas feiras, e o que você acha negativo?

Décio Coutinho – *O mais positivo que eu acho realmente é a diversidade de produtos, de serviços, de pessoas, de diálogos que acontecem nesses espaços. Assim, os problemas talvez seja um pouco a questão de limpeza, de segurança e do diálogo que essas feiras tem com os bairros onde elas acontecem. Porque, geralmente, a feira é um território criativo que se instala e desinstala, é um território temporário, né? E esse território criativo que se instala por um certo momento, um dia, uma hora da tarde, num certo momento, as vezes ele não tem um diálogo com aquele bairro, com aquelas pessoas que moram ali, e não tem uma interlocução. Eu acho que talvez isso seja um problema a ser diminuído ai, porque muita gente gosta de feiras, mas muita gente também não gosta, né? Atrapalha o trânsito, tem a questão da sujeira, a própria questão, que eu já falei, da segurança. Então assim, eu acho que esses problemas poderiam ser minimizados se houvesse um maior diálogo entre esse território temporário criativo e o bairro onde a feira acontece, no território onde ela acontece.*

Pesquisadora – Você sabe se existe algum projeto na SECULT GOIÀS voltado para as feiras de Goiânia, se vocês pretendem fazer algum projeto voltado para isso?

Décio Coutinho – *A gente tem um projeto de mapeamento né? A ideia não só em Goiânia, mas no estado inteiro, da gente mapear todas essas feiras, mercados, espaços culturais de uma forma geral. Então, a ideia é que, vamos supor, como tem o mercado da cidade de Goiás, o mercado central em Goiânia e outros mercados no estado inteiro, a gente também ter as feiras como esses espaços de troca, espaços culturais. Então, a ideia, a principio é um projeto de mapeamento pra gente entender o que existe e ai encima, por exemplo a Feira do Troca de Olhos D'Agua, é uma feira que acontece duas três vezes por ano. Então, é importante a gente saber que ela acontece, quando ela acontece e de que forma a gente pode pensar políticas publicas pra esses espaços.*

Pesquisadora – E já começou esse projeto?

Décio Coutinho – *A gente tem já um projeto escrito, mas ele ainda não começou a ser executado, vai ser executado no ano que vem.*

Pesquisadora – Você já até falou um pouquinho sobre isso, sobre as feiras atrapalharem a rotina da cidade. Você acha que é algo que pode ser contornado?

Décio Coutinho – *Eu acho que sim. Eu acho que plenamente. O que precisa é acontecer mesmo esse diálogo que a gente percebe que, ou falta uma interlocução ou falta uma compreensão melhor disso, não é? E, eu acho que dá sim, dá pra fazer o trabalho de uma forma melhor, minimizando, nunca você vai agradar a todos, isso é uma coisa que a gente tem que ter claro, né? Que sempre vai ter as pessoas descontentes, seja um feirante, seja um morador, mas tem que haver esse diálogo.*

Pesquisadora – Você considera que a relação de Goiânia com as feiras é boa ou é ruim? Dos moradores, a aceitação?

Décio Coutinho – *Eu acho que é boa! Eu acho que as feiras, elas alegram a cidade, dão um movimento importante, são uma opção de lazer, entretenimento, não deixa de ser uma opção cultural, principalmente as feiras que tratam de valorizar os produtos goianos, como a Feira lá do Cerrado. Eu acho que são importantes sim, eu acho que elas são positivas e trazem um charme para Goiânia.*

Pesquisadora - Quais feiras, ou qual feira Você considera que não pode ser desligada da história de Goiânia? Que tem uma relação com o processo histórico da cidade?

Décio Coutinho – *Eu citaria as quatro feiras, a Feira Hippie, que ela tem essa história, a mais antiga né, eu acho que foi a primeira feira especial. A Feira do Sol, a Feira da Lua e a Feira do Cerrado, que é mais nova, mas que traz um apelo cultural muito grande, muito forte que mostra muito da nossa "goianidade".*

Pesquisadora – Qual feira, você considera, que seja um patrimônio cultural da cidade de Goiânia?

Décio Coutinho – *Feira do Cerrado.*

Pesquisadora – Você acha que as feiras especiais estão bem consolidadas no espaço urbano de Goiânia?

Décio Coutinho – *Estão!*

Pesquisadora – Não tem perigo de desaparecer?

Décio Coutinho – *Não! Acho que não! Acho que estão bem consolidadas.*

Pesquisadora – E as feiras livres?

Décio Coutinho – *As feiras livres são mais frágeis. As feiras livres eu vejo um problema ai, e até um processo de decadência. É um problema, porque é uma coisa muito bacana, mas que o próprio mercado, a mídias, o consumo, o novo modo de vidas das pessoas, vão distanciando cada vez mais as pessoas dessas feiras livres, e ao mesmo tempo você vê que elas vão diminuindo, cada vez menos barracas, menos produtos, e a gente percebe que existe uma certa, entre aspas, decadência. Que é uma coisa super bacana, super charmosa, super elegante, mas que talvez não esteja sabendo se reposicionar, se comunicar e mostrar isso pra comunidade. As feiras livres, se elas trabalharem com esses novos apelos, conceitos, do orgânico, conseguir trazer um pouco de entretenimento, porque também, você vê as pessoas vão na feira livre, você acha um pastel e olhe lá, né? Antigamente, você tinha mais opção de comer mais coisas, então eu acho que se conseguir criar, diversificar um pouco mais e reposicionar, ela tem um mercado muito forte.*

Pesquisadora – Pra encerrar, qual feira você considera que não pode desaparecer de jeito nenhum da cidade?

Décio Coutinho – *A Feira do Cerrado.*

Anexo 05

Transcrição - Entrevista com a Superintendente do IPHAN em Goiás, **Salma Saddi Waress de Paiva**, realizada no dia 25 de julho de 2012.

Pesquisadora – Primeiramente, vou fazer algumas perguntas que abrangem sua visão pessoal como moradora de Goiânia e sobre as feiras, e não como Superintendente do Iphan em Goiás. A senhora tem o costume de frequentar feiras em Goiânia?

Salma Saddi – *Eu frequento várias feiras. Eu tenho paixão por feira. Aliás, eu tenho paixão por Mercado. Como Goiânia é uma cidade pobre em Mercado, eu frequento as feiras. Então, eu frequento tanto feira que comercializa artesanato, como feira que comercializa alimentos. Então, já tem aquelas que eu tenho o hábito de frequentar. Eu vou à Feira da Lua, raramente, porque ela era uma feira muito gostosa, mas há uns dois anos atrás lotearam novas áreas, hoje é intransitável. Então perdeu-se muito o prazer de ir até lá. Eu não tenho muito prazer em ir até lá. Eu sinto sufocada lá. Já a Feira do Sol eu tenho muito prazer em ir, sabe? Eu vou sempre que posso, já tenho algumas amigas lá, algumas senhoras que eu sento converso e tem alguns fornecedores de alimento que a gente sempre senta e acaba conversando. Você acaba mantendo contato com essas pessoas externamente e depois também. A Feira Hippie, eu conheci a Feira Hippie quando era na Av. Goiás. Essa atual Feira Hippie, eu passo, as vezes ao domingo por lá, o que eu vejo é uma multidão de gente, e uma coisa muito desordenada, eu não tenho muito conhecimento com ela. Agora, sou freqüentadora assídua de duas feiras, uma que é as terças-feiras, que é a do Ateneu (Feira Dom Bosco), quando dá eu vou de manhãzinha lá. Agora, uma que eu não abro mão de frequentar, é a da Vila Nova aos domingos. Então eu vou bem cedinho na da Vila Nova, já tem as pessoas certas, onde eu vou, converso. E a Feira do Cerrado que uma ou duas vezes no mês eu vou, porque ela acontece só no domingo também. A Feira do Cerrado, ela ainda consegue manter uma certa autenticidade ao que ela se propõe. Agora eu percebo que o lugar é muito abandonado, poderia ser mais bem cuidado, eles (feirantes) poderiam ser mais incentivados. Eu percebo que existe um certo descuidado com o local. E é a feira que hoje mantém a grande originalidade. A feira da Vila Nova tem uma característica que eu gosto muito. É muito nordestino. Aliás, o bairro da Vila Nova você encontra um número imenso de nordestinos. Então você acaba trocando muita receita, lá vende o feijão de corda, lá tem muitos hábitos nordestinos que você acaba experimentando, conversando. Então, é um lugar que eu não abro mão de ir. Agora, no bairro que eu moro, também já existe uma feira, era uma feira pequeninha, nas quintas-feiras, e hoje é uma feira enorme. Que é no Jaó, entre o Jaó e o setor Santa Genoveva. Então, é uma feira muito boa. Agora tem algumas feiras em Goiânia que eu ainda não conheci que eu fico curiosa. Me disseram que tem uma acontecendo na Praça do Avião. Eu não fui nenhuma vez. E no mais são essas as feiras. Eu tenho muito prazer em ir na Feira do Sol. É, as vezes, me preocupa um pouco, porque lá tem uma parte só de animais. E eu fico pensando: Gente, isso não é estranho? Porque é bem próxima da parte de alimentação. E a Feira do Sol perdeu também um grande charme que ela tinha, que eram aqueles shows que aconteciam todo domingo. Então era delicioso, você sentava no chão, na grama, e sempre tinha um cantor goiano que te presenteava com um bom show. E eu não sei por que acabaram com isso? Era tão gostoso! Eu ficava esperando a hora do show. Porque você casava alimentação regional, com aqueles trabalhos manuais que existem lá. Porque ela ainda mantém uma tradição bem maior de uma feira artesanal, do que a Feira da Lua, e você tinha, o artesanato, a alimentação regional, porque tem o empadão, o bolo de arroz e a música goiana, e as vezes, instrumental, tinha dança. Eu assisti inúmeras apresentações. E não era um lugar pequeno, era um lugar ideal para as pessoas que freqüentavam, e eu não consegui entender o porquê, que terminaram. Quanto a feirinha, a parte dos animais, eles não são mal tratados, são até bem engraçadinhos. Eu só acho que fica tudo muito misturado. Seria necessário repensar um espaço para eles, eles tem todo o direito também de estar por ali. A legislação permite, mas acho que ela deve designar um lugar que não seja próximo da área de alimentação. Acho isso muito estranho! Uma outra coisa que eu sinto falta nessas feiras, em todas que eu vou, é a questão do controle da limpeza. Não existe recipientes apropriados e a quantidade necessária para que essa feira aconteça. Então, se você passa depois do horário, é uma coisa vergonhosa, é uma sujeira. É*

uma, e é assim, quando eles começam a armar as barracas, o trânsito já não pode passar por ali, mas não tem ninguém dizendo pra você que as barracas já estão sendo armadas, ai você não sabe por onde é que volta. Quando começam a desarmar liberam a praça, e você ainda não pode entrar, você entra sem saber se pode voltar. Então na verdade, eu acho que, falta nas feiras de Goiânia é uma fiscalização mais rigorosa do que está acontecendo. Porque prazerosa elas são, são muito prazerosas. Agora, você encontra de tudo que precisa. Agora, elas são confusas. A Feira da Lua, por exemplo, ela tem uma parte de alimentação na parte de baixo e outra na parte de cima, é esquisito isso, porque ai logo depois tem um monte de roupa, de roupa de bebê, então a coisa é meio misturada, e confusa. As calçadas da praça são ocupadas, na Praça Tamandaré, são totalmente ocupadas, e ai você não tem por onde transitar. Você passa no meio dos canteiros. A da Praça do Sol, também ocupa a calçada, ocupa, mas eles deixam uma margem pra você caminhar, né? Eu já conversando com algumas senhoras, que vendem nessas feiras, eu conheci uma que vende uns biscuit, sabe? E ela é viúva, tem filhos, e ela me disse que ela nunca conseguiu uma barraca, um lugar pra uma barraca dessas. Então, ela paga por mês uma quantia alta pelo direito de usar o espaço alguém. Eu acho isso muito injusto, porque se a pessoa tem o espaço e não utiliza, ela está relocando, e ela não pode fazer isso, porque aquele é um espaço público. Então, essa senhora, por exemplo, ela paga um taxi para trazê-la, com o material dela, depois, até na época de Natal eu sempre ajudo ela, porque ela fica muito apertada, e ela é muito simpática, já fui até a casa dela uma vez, sabe?E ela paga, na última vez que eu conversei com ela, ela pagava parece que R$ 600,00 (seiscentos reais) por mês, mas é uma média de R$ 450,00 (quatrocentos e cinqüenta reais). Porque se a pessoa não está lá, ela não tem direito de apropriar do que não é dela, você tira de uma pessoa que precisa, que todo domingo está lá, ou sábado, sexta, e passa pra outra pessoa. Então, esse controle deveria ser mais rigoroso. Isso é injusto, é igual um taxi, que tem uma pessoa, que tem três, quatro, cinco permissões de taxi, e não dirige nenhum deles. Eu já percebi também, que tem um senhor que passa recolhendo um valor, é um senhor que passa, que parece que é uma vigilância, que eles (feirantes) fazem paralela, percebi isso também. Tudo bem ai tem a cooperativa de montagem, mas eu já percebi, que tem uma coisa assim de segurança, é um senhor que passa, eu sei que eles (feirantes) pagam, mas eu nunca perguntei, porque de uma certa forma é constrangedor, também você ficar especulando a pessoa, mas eu sei que alguma senhoras pagam pra poder ter aquele ponto, e outras sonham em ter um ponto e não conseguem. Ai me pergunto, será que eu falo com algum político? Será que eu recorro à algum político?Eu digo: Eu não sei. Eu pensava que você devia entrar, se cadastrar e aguardar. Porque eu me lembro que a Feira da Lua, eles (poder público) triplicaram, foi uma judiação, o que fizeram. E você quase não consegue nem andar lá. É uma pena. Eu não tenho mais prazer em ir na Feira da Lua, nenhum. Essa semana mesmo, a Nara me convidou pra gente ir no sábado, minha filha, eu disse pra ela: Não dá pra ser na do Sol? Ela disse: Mãe, mas eu precisava olhar umas roupas. Ai eu vou acabar indo lá, mas ela não me dá prazer. Porque na verdade ela é muito confusa! O trânsito por perto fica insuportável, e caro. Você tem que pagar muito caro. Eu sei porque eu estaciono em uma daquelas garagens que você sobe a nove (rua) e entra depois em uma garagem. E eu seu que é caro, porque a gente sempre põe em uma garagem que tem ônibus de mais, porque vem muita gente do interior, assim como a Feira Hippie. Ai pra mim fica claro o seguinte: As feiras são importantes para Goiânia? São. São importantes pra economia de Goiânia? São, mas elas não têm do poder público, a assistência necessária. A outra questão também são os banheiros. Isso é um grave problema. Gravíssimo! Eu dificuldade em usar. Desisti. Porque realmente, são muito mal tratados.

Pesquisadora – Então, a senhora já falou, praticamente, a resposta de todas as perguntas da sua visão pessoal, como moradora de Goiânia, sobre as feiras e agora eu vou passar para as perguntas que abrangem a sua visão oficial, como Superintendente do IPHAN em Goiás. Qual a importância que a Senhora atribui as feiras de Goiânia?

Salma Saddi – *Eu sempre que chego a Brasília, que faço pra um colega um convite: Gente vamos pra Goiânia, vai lá visitar a gente. Ai um colega responde: Ah vamos no fim de semana por causa da feira. Então, o que eu acho, é o seguinte, as feiras, as feiras livres, elas são uma forma fantástica de interlocução , porque lá você acaba encontrando muita gente que produz o que hoje, porque a escala industrial hoje, ela é intensa, então, você encontra produtos que são feitos quase que manualmente, você encontra pessoas que estavam sem, principalmente, pessoas da terceira idade, que estavam a margem de um processo, que não conseguem entrar em uma instituição pública pra trabalhar. Então, por exemplo, eu compro muito crochê e forrinho de cozinha de uma senhora assim. Ela não conseguiu um trabalho então ela montou uma barraquinha com produtos assim. Por outro lado, eu acho, que é a expressão do povo. É a expressão do que, se nós trabalhamos com identidade, se nós trabalhamos com essa questão da cultura local, são nas feiras que você encontra esse grande retrato, esse grande medidor. Porque cultura, na verdade, é tudo o que o homem produz. Agora, na feira você vê isso de perto. Então, tem sempre um cantando uma música,*

tem sempre um tentando vender um livro que ele fez na marra, porque ele não consegue um patrocínio, tem sempre as bordadeiras, as pessoas que fazem colchas de retalho, ou fazem de tear. Então, eu acho que quando é uma feira de hortifrutigranjeira, é mais fascinante ainda. Porque, por exemplo, tem um senhor que traz ovo caipira pra mim, eu nunca perdi um ovo caipira que ele traz. Ai ele já me contou história da fazendinha dele, em Hidrolândia-GO, tem a Dona Lurdes que faz um biscoito frito, que eu chamo de biscoito de vó, que é hoje, uma coisa que não se faz mais nas casas. Porque é um biscoito que, conforme o jeito que você faz, ele espirra muito, então é uma coisa que você só encontra lá. Então, eu vou a essa feira, muito mais pra encontrar o biscoito da Dona Lurdes, do que qualquer outra coisa. Tem gente que vai pra comer pastel, pra comer pamonha, e lá você encontra guariroba cortada da forma correta. Você encontra o frango caipira. Então assim, é muito prazeroso. Você tem o relacionamento com aquelas pessoas que lidam com a terra. Então, você sai dessa parte artesanal e vai lidar com quem está lá no dia a dia, plantando, as vezes, enfrentando dificuldades, porque, as vezes, a chuva vem fora de hora, as vezes, um determinado legume o valor dele altera rapidamente no mercado. Então, essas feiras populares, e eu já experimentei vários horários, eu já fui bem cedo, eu já fui no meio da manhã e já fui no fim, que eles chamam de "xepa". Então na xepa é impressionante o tanto de gente que vai, porque nós sabemos, que as vezes, as pessoas (feirantes), elas não querem levar pra casa muito do que eles trouxeram, e tem pessoas (feirantes) que fazem feira a semana inteira. Então, a Dona Lurdes já me deu o calendário de quais as feiras ela está durante a semana. É impressionante! E, troca-se receitas, você compra a farinha, você tem a farinha do norte, a farinha do centro-oeste, a farinha do sul, uma é grossa de mais, a outra é mais torrada, a outra é mais fina. Então, essas feiras, eu percebo que tem muita gente que não gosta. Prefere ir a um supermercado e fazer tudo de uma vez. Eu prefiro o contrário, sabe por quê? Porque é a forma que você tem de construir novas amizades, de encontrar novas pessoas, e eu sempre me surpreendo, eu sempre encontro pessoas que eu não imaginava que gostasse de feira, sabe? É difícil eu não encontrar o Senhor Bariani Ortêncio na Vila Nova. O Caio do Panela Mágica, quase todo domingo eu encontro com ele lá. O Nelson fotógrafo. Pessoas que eu não imaginava que curtissem uma feira, e acaba encontrando pessoas da minha cidade que eu não vejo há anos. Tem um velhinho que vende orquídeas, bem na entrada da feirinha da Vila Nova. E ele ta doentinho agora, ele até me contou que tá com um problema sério, as vezes, eu nem preciso, eu adoro planta, mas as vezes eu até compro a planta, porque me dá um certo aperto no coração de vê-lo com a saúde tão debilitada lá, mas ele é tão gentil, que ele acha que tem que me dar um presente. Então, toda vez que eu vou lá, eu compro uma coisa e ganho outra. Acabo comprando pano de prato, que eu não gosto muito, porque eu gosto de pano de prato trabalhado, mas são pessoas que trabalharam passando, as vezes o "silk", entendeu? Então, é um envolvimento muito gostoso, com o ser humano, sabe? É um envolvimento que te traz enorme prazer. Eu sento ali e fico olhando as pessoas passarem. Tem um carrinho que eu vou enchendo, vou enchendo, ou então, eu peço um daqueles meninos que você paga. Eu até prefiro pagar um dos meninos, que é uma forma de você estar dando trabalho pra eles.

Pesquisadora - Tem diminuído bastante.

Salma Saddi – *De mais, você quase não encontra os meninos, impressionante isso, as vezes eu fico esperando um entregar pra poder me ajudar. E a mesma coisa, problema com estacionamento. Tem que pagar pra quem está lá pra vigiar. Não tem onde você jogar, é um mini cesto para um monte de papel. Então, o problema de limpeza, de higiene estão em todas as feiras, indistintamente.*

Pesquisadora – Quais feiras, ou qual feira, a Senhora considera que tem maior destaque na cidade de Goiânia?

Salma Saddi – *Embora eu não seja freqüentadora da Feira Hippie, eu até disse que só tinha ida na Av. Goiás, mas eu me lembrei que fui uma vez, e fiquei perplexa, porque é tanta gambiarra, que você pensa que alguém vai morrer eletrocutado. Eu acho que em termos de busca ela é a maior. Porque eu encontro gente do Maranhão, quando eu fui, eu encontrei gente do Maranhão lá. E a pouco tempo no Maranhão, eu conversando com uma senhora lá, ela me disse que vem aqui uma vez por mês pra comprar na Feira Hippie. Lá ela tem aquela rádio, que transmite as informações. Então, eu penso que ela, é uma das feiras mais desorganizadas, que eu conheço em Goiânia, e que é a mais freqüentada. Acho que a Feira do Cerrado é importantíssima para a cidade. Ela apresenta essa questão do Cerrado. Tem que ter cuidado, porque já tem algumas coisas lá que já não fazem parte do nosso dia a dia. Ela tem a parte musical que é sempre gostosa. E acho que as feiras, como a da Vila Nova, do Ateneu, a lá de frente o Moreirinha (Hipermercado Moreira), de todos os bairros, todos os bairros tem feira, eu acho que essas feiras devem ser incentivadas, ela é muito da nossa vocação, que é a parte de hortifrutigranjeira. Então, eu acho que elas precisam. Eu acho que todas elas tem uma importância. Eu não acho que nenhuma deixa de ter*

importância, se ela é freqüentada, se ela tem um público, se ela é buscada, ela tem importância. Agora, tem que ver qual é o aspecto que ela deve ser tratada. Eu entendo que a Feira Hippie não tem a menor condição de ser naquele lugar que é, não tem a menor condição, é um lugar que nem é adequado pra isso. Será que já pensaram em um novo lugar?Será que estão trabalhando em um novo lugar?Porque o professor Pedro Wilson, ele conseguiu tirar aquela coisa horrorosa que tinha na Av. Goiás e levou para um lugar adequado (Feira especial da Av. Paranaíba). Acho aquela cobertura muito feia, mas ela pode ser repensada, mas ele achou um lugar adequado. Aquela eram as zonas tampões que estavam previstas no plano do Atílio Corrêa Lima. Agora, a Feira Hippie precisa encontrar o seu lugar adequado.

Pesquisadora – Ali houve uma liberação descontrolada de bancas.

Salma Saddi – *Olha, eu acho que, quando o Prof. Pedro Wilson teve a grande coragem de tomar aquela atitude na Av. Goiás. Descobriu-se na época que uma pessoa de três, quatro barracas. Eu acho, que essa mesma pesquisa, deve ser feita em todas as feiras de Goiânia, porque uma pessoa não pode ter duas, três, quatro barracas, enquanto algumas não tem nenhuma, e gostariam, estão pagando aluguel para ter uma.*

Pesquisadora – Uma das coisas que eu estou enfatizando na minha pesquisa, é que Goiânia não possui uma feira que seja mais relevante do que outra. O estudo foca no gostar de frequentar as feiras.

Salma Saddi – *Eu acho que cada uma possui uma coisa que te atrai. Cada uma tem uma característica em particular. Por exemplo, a Feira da Vila Nova pra mim, o que eu acho fantástico é a questão do nordestino lá, a presença forte do nordestino em Goiás. Já lá na Feira do Ateneu (Feira Dom Bosco) é outra situação, você encontra frutas diversificadas, uma série de coisas que você não encontra em outras feiras. Agora, na Feira do Cerrado, o que tem hoje lá, não tem em nenhuma outra. Agora, uma coisa interessante, é que eu já encontrei muita gente nessas feiras que tem lojas e que nos finais de semana vão para as feiras, é uma coisa meio engraçada isso, né? Estranho isso né? Muita gente, por exemplo, que me dá cartão de loja, La da Av. Bernardo Sayão ou da fábrica no fundo de casa. É uma coisa interessante isso, sabe?Todos têm um cartão pra te dar.*

Pesquisadora – Muitos começaram nas feiras, ai depois montaram as lojas, mas mesmo assim continuam nas feiras.

Salma Saddi – *É, ai dá até pra gente avaliar o quanto as feiras são importantes né?*

BIBLIOGRAFIA

ARAUJO, Alceu Maynard. **Cultura Popular Brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas, SP: Papirus, 1994.

BACHELARD, Gaston . **A poética do Espaço**. 3ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BERNARDES, Genilda D. **Goiânia, cidade planejada/cidade vivida: discurso e cultura da modernidade**. Brasília, DF, Tese, (Doutorado), ICH/UNB, 1998.

BORGES, Venerando de Freitas. **Dobras do Tempo**. Goiânia: Ed. Do Autor, 1980.

BOSI, Ecléa. **Cultura de Massa e Cultura Popular: leituras de operárias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil (Org). **Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades**. Manaus, AM: Ed. Universidade Federal, 2007.

BRAUDEL, Fernand, Os Jogos das Trocas**.** In: **Civilização Material**, **Economia e Capitalismo Séculos XV-XVIII.** Vol. 2. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2003.

CANCLINI, Nestor. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CARVALHO, Gisélia. WENDLAND, Simoni. MOTA, Ana Maria G. da. **O impacto no setor turístico-hoteleiro de Goiânia**. *Boletim Goiano de Geografia*, n° 3, Jul/Dez-2007.

CAVALCANTI, Maria Laura V. de C.; FONSECA, Maria Cecília Londres. **Patrimônio Imaterial no Brasil: legislação e políticas estaduais**. Brasília (DF): UNESCO, Educarte, 2008.

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR (CNFCP); IPHAN. **Celebrações e saberes da cultura popular: pesquisa, inventário, crítica, perspectivas**. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: IPHAN/CNFCP, 2006 (Encontro e Estudos, 5).

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. vol. 1, Petrópolis, Vozes, 1994.

CHAUL, Nasr N. Fayad. **A construção de Goiânia e a transferência da Capital**. Goiânia, GO: Editora da UFG, 1988.

DAMATTA, Roberto. **A Casa & a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Guanabara, 1991.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1986.

FEATHERTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERNANDES, Cristiana de Andrade. **Artesanato no e para o mercado: as redes de produção e comercialização dos artesanatos das feiras Hippie e do Cerrado de Goiânia-GO**. Goiânia, 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás.

FERRETTI, Sergio. **Reeducando o olhar: estudos sobre feiras e mercados**. São Luis, MA: Universidade Federal do Maranhão, 2000.

FONSECA, Maria Cecília Londres. "Referências Culturais: Base para novas políticas de patrimônio"**.** Políticas Sociais: Acompanhamento e Análise. s/d, p. 111 – 120.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo – trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

GERHARDT, Sílvia Maria. **Feiras Livres: sua importância para os grandes núcleos urbanos**. [S.I]: Escola Superior de Desenho Industrial, 1976.

GOMIDE, Cristina Helou. **História da transferência da capital de Goiás para Goiânia**. Goiânia, GO: AGEPEL/UEG, 2002.

GONÇALVES, José Reinaldo Santos. Os limites do patrimônio. In: **Antropologia e Patrimônio Cultural: diálogos e desafios contemporâneos**. LIMA FILHO, Manuel Ferreira; ECKERT, Cornélia; BELTRÃO, Jane. (Orgs). Florianópolis: Nova Letra/ABA, 2007.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, IPHAN, 2002.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 11ª ed.

Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2003.

HARVEY, David (2006). "O pós-modernismo na cidade: arquitetura e projeto urbano". In: _____. A condição pós-moderna. São Paulo, Ed. Loyola.

IPHAN. **Inventário de Referências Culturais: Manual de Aplicação**. Departamento de Identificação e Documentação. Rio de Janeiro, RJ: MinC/IPHAN, 2000.

IPHAN. **Memória e Educação**. Rio de Janeiro, RJ: IPHAN, 2008 (Caderno de Ensaios, 1).

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

LEITE, Rogério Proença. (2010), "A exaustão das cidades: antienobrecimento e intervenções urbanas em cidades brasileiras e portuguesas". Revista Brasileira de Ciências Sociais, n° 72, Fev-2010.

LIMA, Manuel Ferreira; MACHADO, Laís Aparecida (orgs.). **Formas e tempos da cidade**. **Goiânia**, GO: Cânone Editorial, Ed. UCG, 2007.

LIMA, Maria Dorotéia de. **Ver o Peso, patrimônio (s) e práticas sociais. Uma abordagem etnográfica da feira mais famosa de Belém do Pará**. Belém, 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Ciências Sociais-Antropologia, Universidade Federal do Pará.

MADEIRA, Angélica; VELOSO, Mariza. **A cidade e suas feiras: um estudo sobre as feiras permanentes de Brasília**. Brasília, DF: IPHAN, 2007.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: Uma Nova Política da Espacialidade**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2008.

MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. **Como nasceu Goiânia**. São Paulo: Revista dos Tribunais. 1938.

MOURA, Ana Amélia de Paula. **Arquitetura residencial moderna em Goiânia: delineando um cenário**. Goiânia, 2010. Trabalho de Conclusão do Programa de Especialização em Patrimônio PEP-IPHAN.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História – A problemática dos lugares**. Projeto História. São Paulo, SP: PUC-SP, 1993.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso. **História Cultural de Goiânia**. Goiânia, GO: AGEPEL/UEG, 2002.

PEIXOTO, Paulo (2004), "A identidade como recurso metonímico dos processos de patrimonialização". *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n° 70, Dezembro.

RODRIGUES, Juliano Martins. Política e Espaço Urbano: controvérsias e definições da política urbana em Goiânia. Net, Goiânia, set. 2009. Disponível em: <http://www.observatoriodasmetropoles.ufrj.br/artigo_090909.pdf>. Acesso em: 12 agosto 2011.

RODRIGUES, Juliano Martins. Política e Espaço Urbano: controvérsias e definições da política urbana em Goiânia. Net, Goiânia, set. 2009. Disponível em: <http://www.observatoriodasmetropoles.ufrj.br/artigo_090909.pdf>. Acesso em: 12 agosto 2011.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Cultura, Espaço e o Urbano**. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2006.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. 4ª ed. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

TEIXEIRA, João Gabriel et alli (org.). **Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização**. Brasília, DF: Ed. UnB, 2004.

VELOSO, Mariza. (2006). "O fetiche do patrimônio". *Revista Habitus*, n° 1, Jan/Jun-2006.

VITAL, Márcia Maraia de Paiva. **Espaço urbano como manifestação cultural de nossa cidade**. São Paulo: Instituto R. Simonsen, 1977.